

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

JOÃO PAULO MAZZUTTI

**CONSUMO E ADOLESCÊNCIA: UMA LEITURA
DISCURSIVA DA CRÔNICA “A CRUELDADE DOS
JOVENS”, DE WALCYR CARRASCO**

Maringá

2025

JOÃO PAULO MAZZUTTI

**CONSUMO E ADOLESCÊNCIA: UMA LEITURA
DISCURSIVA DA CRÔNICA “A CRUELDADE DOS
JOVENS”, DE WALCYR CARRASCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Maringá, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Eliana Alves Greco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Maringá

2025

Espaço para a Ficha Catalográfica

JOÃO PAULO MAZZUTTI

**CONSUMO E ADOLESCÊNCIA: UMA LEITURA
DISCURSIVA DA CRÔNICA “A CRUELDADE DOS
JOVENS”, DE WALCYR CARRASCO**

BANCA EXAMINADORA
PARTICIPAÇÃO DE FORMA VIRTUAL



Orientadora: Profa. Dra. Eliana Alves Greco
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Profa. Dra. Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof. Dr. Evandro de Melo Catelan
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

APROVADO EM 08/05/2025

DEDICATÓRIA

Com o coração transbordando, dedico primeiramente este trabalho aos meus pais amados, José e Dalva, que sempre acreditaram em mim e entregaram suas vidas para que eu e meus irmãos pudéssemos realizar nossos sonhos e encontrar a felicidade.

Em cada desafio dessa jornada acadêmica, senti a força dos laços que me unem aos meus queridos irmãos, Rogério, Alessandro e Marcos Marcelo. A vocês, dedico este singelo trabalho como prova da minha profunda gratidão pela constante preocupação, pelo carinho que me acolhe e pelo incentivo que me impulsiona a ir além. Sua presença é a força que me eleva, transformando obstáculos em degraus para minhas conquistas.

Com o coração cheio de afeto e a memória eternamente grata, consagro este trabalho aos meus inesquecíveis avós Aristide, Maria, Diva e João (todos em memória). Vocês foram os pilares dos meus primeiros passos, acreditaram sempre no meu crescimento e plantaram em mim princípios que floresceram e moldaram quem eu sou. Sua influência vive em cada realização, motivando-me a seguir o legado de amor e conhecimento que me deram.

Agradeço aos meus queridos sobrinhos e sobrinhas, Renan, Lorryne, Maria Rita, Sofia, Maitê e Lívia, pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar para estudar e ler. Agradeço também às minhas cunhadas, Letícia, Sara e Jéssica, que sempre torceram pelos meus sonhos e estiveram ao meu lado nessa caminhada.

Com profunda gratidão e carinho, dedico este trabalho às minhas primas Beatriz, Diana e Viviane. Em nossos laços fraternos encontrei força nos momentos difíceis, conforto nos abraços sinceros e ânimo em cada palavra de apoio. Sua presença constante e incondicional foi fundamental nessa jornada que chega a este ponto.

Por fim, um agradecimento especial aos meus amigos e irmãos de coração, Alex, Paulo, Silas e José (Caio). Vocês perceberam minha tensão e nervosismo, oferecendo ajuda crucial quando duvidei da minha capacidade de seguir em frente.

A presença e o apoio de cada um de vocês deram sentido a esta conquista. Nada disso teria sido possível ou teria o mesmo valor sem vocês em minha vida.

AGRADECIMENTO

Com o coração transbordando de emoção, elevo meus agradecimentos a Deus, a fonte primeira desta jornada que chamamos vida, e que me presenteou com a chance de colorir a existência com a realização de tantos sonhos acalentados. Cada tropeço, cada desvio de rota, transformou-se em aprendizado valioso, moldando-me e impulsionando meu crescimento, tudo sob o olhar compassivo e a paciência infinita que emanam Dele. Seu amor incondicional, farol em meio às tormentas, e aquela suave, porém firme, "voz" interior, que ecoava nos momentos de fragilidade, foram meus pilares, impedindo que a chama da esperança se apagasse. Mas o presente mais sublime, a dádiva que me preenche de profunda gratidão, é a família extraordinária que me foi concedida. Diante de tamanha generosidade, as palavras se tornam insuficientes para expressar meu "muito obrigado" por tudo. Confesso que meu espírito ainda busca desvendar o mistério de merecer tamanha bênção.

Minha querida orientadora, Prof^a Dr^a Eliana, meu coração transborda de gratidão por sua orientação que foi muito além do profissionalismo; sua competência e dedicação foram faróis em minha jornada. Lembro-me com emoção dos momentos em que, desanimado, chegava às nossas reuniões, e bastavam suas palavras gentis e firmes para reacender em mim a chama inicial. Obrigada por ter acreditado em meu potencial, pelos elogios que aqueceram minha alma, pelos incentivos que me impulsionaram e até pelos "puxões de orelha" que me reconduziram ao caminho. Tenho a certeza absoluta de que sem o seu apoio incondicional, este ponto jamais seria alcançado. Você não foi apenas uma orientadora, mas sim a mestra que me abriu as portas para a compreensão da análise do discurso, uma figura que levarei para sempre em meu coração.

Com o coração transbordando de gratidão, dirijo-me aos nobres membros da banca examinadora, a estimada Prof^a Dr^a Luciana Cristina Ferreira Di Raimo e o dedicado Prof. Dr^o Evandro De Melo Catelan. A aceitação gentil de seus preciosos tempos e conhecimentos para integrar esta jornada acadêmica representa um apoio inestimável, um farol que ilumina a concretização deste trabalho. A colaboração de mentes tão brilhantes enriquece imensamente esta dissertação, elevando-a a um patamar de excelência que jamais alcançaria sem a generosidade de suas contribuições. Meu mais sincero e emocionado agradecimento por acreditarem neste projeto e por dedicarem seu olhar crítico e perspicaz a estas páginas.

Como expressar a profunda gratidão que sinto pelos mestres do Profletras UEM, pela dedicação incansável, pela competência que nos inspirou e pelo apoio que nos sustentou em cada passo? O conhecimento generosamente compartilhado abriu não apenas nossas mentes, mas também nossos corações para a beleza da linguagem. E à querida Profª Drª Cláudia Valéria Doná Hila, minha eterna gratidão pela paciência infinita e pela orientação luminosa que tornaram este sonho, por vezes distante, uma doce e palpável realidade. Sua fé em nosso potencial foi o farol que nos guiou em meio às incertezas, e por isso, meu muito obrigado é carregado de uma emoção que palavras sozinhas jamais poderiam traduzir.

Em um turbilhão de emoções e lembranças preciosas, meu coração se volta para a amiga Evelyn Romera Canassa, cuja parceria nos trabalhos e disciplinas foi um farol em minha jornada, mas sua preocupação constante e apoio inabalável foram o alicerce que me manteve firme. Seus conhecimentos e dedicação incansáveis transformaram ideias em realidade, tornando as implementações e apresentações momentos de verdadeira conquista. Estendo minha gratidão aos queridos amigos Alet, Aline, Aleteia, Rogéria, Tatiana e Micheli, cujo convívio, amizade sincera e apoio caloroso teceram a trama de momentos inesquecíveis. A todas às colegas da turma 9, mesmo nas conversas mais breves, suas palavras ecoaram com uma importância que talvez nem imaginem. A cada uma de vocês, meu mais profundo e emocionado obrigado por fazerem parte desta vitória.

O apoio dos meus colegas e da direção do 4º Colégio da Polícia Militar, meu local de trabalho, ecoou como uma luz em meio à jornada. Cada palavra de incentivo, cada gesto de confiança, fortaleceu minha determinação e me lembrou do valor da minha dedicação. Agradeço profundamente por essa torcida constante, incentivo, palavras de força, que nutriu a esperança e impulsionou a realização deste trabalho.

Meus pais, este singelo parágrafo jamais poderá expressar a profundidade da minha gratidão. Em cada amanhecer, em cada desafio superado, em cada alegria compartilhada, sinto a força das lições que me transmitiram com tanto amor: o companheirismo que nos une, a amizade que nos fortalece, a caridade que nos eleva, a dedicação em tudo que fazemos, a abnegação em prol do outro, a compreensão que acolhe e o perdão que cura. Olho para vocês e me sinto imensamente orgulhoso e privilegiado por ter pais tão extraordinários, um farol que ilumina minha jornada. E aos meus queridos irmãos, meu porto seguro, que sempre estiveram ao meu lado, prontos para me amparar em cada passo desta vida, o meu mais sincero e

emocionado obrigado. Vocês são a base, o alicerce, o amor incondicional que me impulsiona a seguir adiante.

Emociona-me profundamente expressar minha sincera gratidão a cada pessoa que, de alguma forma, teceu um fio nessa tapeçaria que culminou na conclusão desta dissertação. Seja por um apoio direto e visível, seja por uma influência sutil e silenciosa, cada contribuição foi essencial e tocou meu coração de maneira única. A jornada foi repleta de desafios, mas também de encontros preciosos e de gestos de generosidade que jamais serão esquecidos. A todos vocês, que acreditaram, incentivaram e, por vezes, até sem saber, me impulsionaram a seguir em frente, o meu mais profundo e emocionado obrigado. Esta vitória também é de vocês.

EPÍGRAFE

“Agora já ninguém nos pergunta o que é que pensamos, agora perguntam-nos qual a marca do carro, de fato, de gravata que temos, quanto ganhamos.”

(José Saramago).

MAZZUTTI, João Paulo. **Consumo e adolescência:** uma leitura discursiva da crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyrr Carrasco. Dissertação de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2025.

RESUMO

O objetivo desta dissertação de Mestrado é elaborar, aplicar e analisar uma proposta didático-pedagógica de leitura discursiva da crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyrr Carrasco, para alunos do 9º ano do ensino fundamental. O foco da proposta está nas relações entre consumismo e juventude. Para alcançar esse objetivo, a proposta é elaborada em formato de oficinas de leitura, fundamentadas na perspectiva discursiva de leitura, a qual tem como base a Análise do Discurso, abordagem teórica que, no contexto brasileiro, encontra significativo estudo e aplicação nos trabalhos de Orlandi (2002). A pesquisa busca, especificamente, analisar como o consumismo se manifesta entre jovens e adolescentes na sociedade brasileira, por meio de práticas discursivas diversas, e verificar se as oficinas contribuíram para ampliar a visão dos alunos sobre essa temática. A metodologia adotada consistiu na realização de oficinas de leitura com alunos do 9º ano do ensino fundamental. Nessas oficinas, foi realizada a leitura discursiva da crônica e de outros textos com a mesma temática, com o intuito de promover reflexões sobre as relações entre consumo, identidade e relações sociais. A fundamentação teórica da pesquisa ancora-se nos estudos de Orlandi (1993; 2002), Coracini (1995) e Ângelo e Menegassi (2022), os quais auxiliam na compreensão dos processos de construção de sentidos e das relações de poder nos discursos sobre o consumo. Espera-se que esta pesquisa contribua para uma melhor compreensão do papel do consumo na construção da identidade juvenil e ofereça subsídios para a elaboração de práticas pedagógicas que promovam a formação de leitores críticos e conscientes, capazes de analisar criticamente o discurso midiático e a cultura de consumo.

Palavras-chave: Análise do Discurso; leitura discursiva; consumismo na adolescência.

MAZZUTTI, João Paulo. **Consumption and Adolescence: A Discursive Reading of Walcyr Carrasco's Chronicle "The Cruelty of Youth"**. Master's Dissertation (Professional Master's in Literature) – State University of Maringá, Maringá, 2025.

ABSTRACT

The objective of this Master's dissertation is to elaborate, apply, and analyze a didactic-pedagogical proposal for the discursive reading of Walcyr Carrasco's chronicle "A crueldade dos jovens" (The Cruelty of the Young), aimed at 9th-grade students in elementary school. The proposal focuses on the relationships between consumerism and youth. To achieve this objective, the proposal is structured as reading workshops, grounded in a discursive perspective based on Discourse Analysis, a theoretical approach that, in the Brazilian context, finds significant study and application in the works of Orlandi (2002). The research specifically seeks to analyze how consumerism manifests among young people and adolescents in Brazilian society through diverse discursive practices, and to verify whether the workshops contributed to broadening the students' understanding of this theme. The adopted methodology consisted of conducting workshops with 9th-grade elementary school students, during which the discursive reading of the chronicle and other texts on the same theme was carried out, with the aim of promoting reflections on the relationships between consumption, identity, and social relations. The theoretical foundation of the research is anchored in the studies of Orlandi (1993; 2002); Coracini (1995); and Ângelo and Menegassi (2022), which aid in understanding the processes of meaning construction and power relations in discourses about consumption. It is expected that this research will contribute to a better understanding of the role of consumption in the construction of youth identity and offer support for the development of pedagogical practices that promote the formation of critical and conscious readers, capable of critically analyzing media discourse and consumer culture.

Keywords: Discourse Analysis; discursive reading; consumerism in adolescence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. LEITURA: UM PROCESSO CONSTRUTIVO E DE ANÁLISE CRÍTICA.....	19
2.1. Noções de leitura, desenvolvimento de competência leitora e ensino	19
2.2. Concepções de leitura	23
2.3. Análise do Discurso e leitura: convergências teóricas e aplicações pedagógicas.....	26
2.4. A prática da leitura discursiva: um caminho para a construção de sentidos	34
2.5. O leitor e o processo de leitura em contexto escolar.....	38
2.6. A formação do leitor: o papel do aluno na leitura	42
3. Metodologia de pesquisa: percursos, processos e proposições	46
3.1. Perfil dos leitores: estudo com alunos do 9º ano	55
3.2. A crônica de Walcyr Carrasco: uma abordagem discursiva de leitura	49
3.3. Percursos metodológicos para organização da sequência didática.....	53
3.4. Walcyr Carrasco em debate: oficinas sobre discurso e sociedade.....	55
4. Resultados da aplicação da oficina	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE	78

1. INTRODUÇÃO

A leitura no contexto escolar, especialmente no ensino fundamental, transcende a mera decodificação de letras e palavras. Sua importância se revela na capacidade de formar sujeitos críticos, autônomos e participantes ativos na sociedade. Nesse cenário, a abordagem da leitura discursiva surge como um pilar fundamental, promovendo uma compreensão textual mais profunda e contextualizada, que vai além do sentido literal e das intenções explícitas.

A relevância de uma dissertação focada na leitura discursiva no ensino fundamental reside, primeiramente, na necessidade de romper com práticas pedagógicas que ainda se limitam a uma visão simplificada do texto. Muitas vezes, o foco recai sobre a reprodução de informações ou a identificação de elementos gramaticais, negligenciando a complexidade dos múltiplos sentidos que um texto pode veicular. Assim, os alunos são privados de uma experiência de leitura verdadeiramente enriquecedora.

O ato de ler, por constituir uma atividade importante para o desenvolvimento escolar, desempenha uma função primordial na relação de indivíduos reflexivos e engajados, aptos a compreender o contexto em que estão inseridos e a opinar sobre as questões da sociedade. A fim de que os alunos adotem um comportamento dinâmico frente aos textos que exploram, torna-se indispensável implementar metodologias de ensino que estimulem um trajeto de leitura mais completo, que ultrapasse a simples identificação das letras e possibilite o acesso aos diversos significados presentes nas variadas formas de expressão da linguagem.

Essa maneira de ler e interpretar o texto se apoia na perspectiva da Análise do Discurso de orientação francesa, seguindo as bases teóricas elaboradas por estudiosas como Coracini (2010) e Orlandi (1993, 2002), que entendem o discurso como um ponto de ligação entre a linguagem, o sujeito e a ideologia.

Dessa forma, nesta dissertação, partimos do princípio de que o sentido de um texto precisa ser construído pelo leitor, considerando os aspectos sociais, históricos e ideológicos no processo da leitura. Em outras palavras, para uma compreensão textual, é fundamental levarmos em conta múltiplos aspectos que vão além da sua organização estrutural. É preciso observar quem enuncia, a quem o texto se destina,

quando e onde o texto foi produzido, ou seja, as circunstâncias da enunciação, mas também o contexto sócio-histórico e ideológico em que o discurso foi produzido.

A leitura é vista por nós como um instrumento indispensável para o êxito educacional. A leitura não só impulsiona a cognição, mas também contribui significativamente para o surgimento de cidadãos participativos e questionadores. Através do hábito de ler, os aprendizes aprimoram sua habilidade de discernir e refletir sobre diferentes assuntos, habilitando-os a reconhecer e a se posicionar frente aos impasses e complexidades sociais.

Em ambiente escolar, o modo como as disciplinas de leitura e escrita são lecionadas costuma inibir o entusiasmo pela leitura crítica e, simultaneamente, dificultar o aprimoramento da escrita. Isso quer dizer que as atividades de leitura, em muitos casos, são apresentadas de maneira automática, sem incitar o interesse ou a capacidade de reflexão dos estudantes. Consequentemente, o ato de ler pode se transformar em algo maçante. Do mesmo modo, a produção textual torna-se um processo rígido, cerceando a criatividade e a expressão individual.

O desinteresse pelas aulas de português é um desafio contínuo que afeta tanto quem já saiu da escola quanto quem ainda está nela. Muitas vezes, essa falta de entusiasmo se manifesta quando alunos repetem frases de antigos professores, internalizando a crença de que não são capazes de aprender a ler e escrever. Essa ideia equivocada não só prejudica o rendimento escolar, mas também contribui para o aumento do analfabetismo funcional.

Percebemos que as aulas precisam de mais atividades práticas de leitura para torná-las mais completas e capazes de explorar os significados dos textos. Isso é fundamental para formar leitores que compreendam bem o que leem. Se queremos que os estudantes leiam de forma ativa e crítica, precisamos usar metodologias de ensino que os ajudem a construir um caminho de leitura mais profundo e relevante, permitindo que os alunos tenham diferentes interpretações e compreendam as várias camadas de sentido dos textos, tornando a leitura mais rica e interessante.

Diante disso, optamos, neste trabalho, pelo estudo de diferentes gêneros discursivos, visando aprimorar a compreensão e a interpretação dos alunos. Para isso, é fundamental considerar as necessidades específicas dos estudantes e o contexto da escola onde a pesquisa será realizada e as atividades que serão aplicadas, de modo a contribuir efetivamente para a formação dos alunos. Dessa forma, buscamos,

além de aprimorar as competências de leitura e escrita dos alunos, capacitá-los a se tornarem leitores críticos e reflexivos, preparados para se expressarem e atuarem com propósito na sociedade.

A dificuldade de ler, principalmente no que diz respeito à leitura crítica, não é um tópico recente nem inexplorado. Essa questão é tão séria que se tornou o ponto principal de diversas pesquisas universitárias e iniciativas educacionais.

O presente estudo não se propõe a analisar os motivos das dificuldades de leitura, mas sim a compreender a receptividade dos alunos a atividades de leitura desenvolvidas sob uma perspectiva discursiva, com foco na temática do consumismo na adolescência. Para tal, será implementada uma proposta de intervenção didático-pedagógica, acompanhada da análise das reflexões dos alunos. Nosso propósito é investigar os níveis de compreensão dos estudantes frente a essas atividades. Por meio dessa proposta didático-pedagógica, almejamos contribuir para o aprimoramento da capacidade dos alunos em realizar leituras mais aprofundadas, subsidiando seu desenvolvimento como leitores críticos e reflexivos.

A leitura discursiva vai muito além de simplesmente entender o que um texto diz de forma direta. Ela se aprofunda na compreensão das ideologias que permeiam as palavras, revelando como os sentidos são construídos. Essa abordagem permite ao leitor explorar um leque mais vasto de significados e compreender de que forma diferentes perspectivas e contextos influenciam tanto a elaboração quanto a interpretação dos textos.

Na Análise do Discurso (AD), os fatores que cercam a produção de um texto são cruciais para definir como a leitura se concretiza; em outras palavras, eles moldam o "modo" de ler. Isso implica que, sob uma ótica discursiva, a leitura transcende a mera ativação do conhecimento prévio ou enciclopédico do leitor, que é um ponto de vista comum em perspectivas cognitivas.

A leitura discursiva, portanto, não se limita a decodificar palavras ou a conectar informações com o que já se sabe. Ela exige que o leitor considere as condições de produção, de recepção e de circulação do texto, visto que essas condições são determinantes para a constituição do sentido. Essa abordagem leva em conta que o sentido de um texto não é fixo, mas é construído na interação entre o leitor, o autor e as condições de produção. Ao trabalharmos a leitura pela perspectiva discursiva na

sala de aula, temos que levar os alunos a lerem não o texto, mas o discurso materializado nos textos.

O leitor discursivo precisa, assim, estar atento aos discursos, às ideologias e às relações de poder que podem estar em jogo em uma sociedade. Essa prática não apenas aprofunda a compreensão de diferentes discursos, mas também fomenta uma maior tolerância. Ao se depararem com as diferentes formas de pensamento e perspectivas que emergem da leitura discursiva, os leitores expandem seu repertório de entendimento.

Além disso, o reconhecimento de que existem múltiplas maneiras válidas de interpretar o mundo os torna mais abertos e respeitosos em relação às diferenças sociais e ideológicas. A leitura discursiva, portanto, não se limita a decodificar significados, mas convida a uma reflexão sobre como o discurso é construído e como reflete e molda as realidades sociais, incentivando um olhar mais atento e menos preconceituoso.

O objetivo desta dissertação de Mestrado é elaborar, aplicar e analisar uma proposta didático-pedagógica de leitura discursiva da crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyr Carrasco, para alunos do 9º ano do ensino fundamental. O foco da proposta está nas relações entre consumismo e juventude. Já os objetivos específicos são: a) analisar o consumismo entre jovens e adolescentes na sociedade brasileira, a partir de práticas discursivas diversas; b) verificar se a participação dos alunos nas oficinas contribui para ampliar a compreensão deles sobre o consumismo.

Para alcançar o objetivo geral e os específicos, a proposta é elaborada em formato de oficinas de leitura, fundamentadas na perspectiva discursiva, a qual tem como base a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, abordagem teórica que, no contexto brasileiro, encontra significativo estudo e aplicação nos trabalhos de Orlandi (2002). Nesse sentido, a fundamentação teórica da pesquisa ancora-se nos estudos de Orlandi (1993; 2002); Coracini (1995) e Ângelo e Menegassi (2022), cujas contribuições se mostram relevantes para uma compreensão aprofundada dos processos de construção de sentidos e das relações de poder que permeiam os discursos acerca do consumo.

A presente pesquisa, portanto, propõe um estudo sobre o tema consumismo na adolescência, a partir da leitura, à luz da perspectiva discursiva, da crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyr Carrasco. A investigação busca, assim,

compreender de que maneira os discursos presentes na referida crônica reverberam e moldam as práticas de consumo e a formação da identidade juvenil no contexto da sociedade contemporânea. A pertinência desta temática reside em sua significativa relevância social e pedagógica, considerando que percebemos que o consumismo exerce uma influência considerável na constituição da identidade juvenil dentro da cultura contemporânea.

Entendemos que há uma lacuna no conhecimento sobre como os discursos midiáticos e publicitários, muitas vezes sutis e persuasivos, moldam as práticas de consumo e, por consequência, a própria identidade dos jovens. Acreditamos que a leitura discursiva será fundamental em nossa proposta, pois poderá permitir ao aluno construir os sentidos em jogo na materialidade linguística, capacitando-o a reconhecer os mecanismos de sedução e persuasão empregados pelos anunciantes e pela própria cultura de consumo.

A relevância da pesquisa se alinha à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância do desenvolvimento da capacidade crítica dos estudantes frente aos discursos presentes nos diversos meios de comunicação. A leitura de textos de diferentes gêneros discursivos, como a crônica, torna-se, portanto, uma atividade pedagógica pertinente, capaz de promover a desconstrução de estereótipos e a construção de uma postura crítica em relação ao consumo.

Esta dissertação se justifica pela relevância de se analisar o consumismo na adolescência, um fenômeno social que exerce profunda influência na construção da identidade juvenil na contemporaneidade. Compreender como os jovens interagem com o universo do consumo é crucial, e a leitura discursiva oferece ferramentas essenciais para desvendar as complexas camadas de sentido que permeiam essa relação.

A análise da crônica “A Crueldade dos Jovens”, de Walcyr Carrasco, torna-se um elemento importante neste estudo, visto que oferece um contexto rico e realista para examinar como os discursos sobre consumo se manifestam e influenciam os jovens. Ao aplicar a lente da leitura discursiva a essa crônica, podemos identificar não apenas o enredo, mas as vozes que ali se entrecruzam, os valores implícitos e as relações de poder que se estabelecem. A crônica, como um texto que reflete aspectos da realidade social, permite que o leitor investigue como o comportamento de consumo é retratado e as consequências dessa representação para a formação da

subjetividade juvenil. É nesse desvelamento dos discursos que a dissertação espera contribuir para uma educação mais consciente e crítica sobre o consumismo.

A proposta foi aplicada, no segundo semestre de 2024, em uma turma do 9º ano do ensino fundamental de uma escola estadual de Maringá, no estado do Paraná. A metodologia adotada consistiu na aplicação de oficinas, que proporcionaram aos estudantes a oportunidade de realizar uma leitura discursiva da crônica e de outros textos sobre a mesma temática, promovendo reflexões sobre as relações entre consumo, identidade e relações sociais.

A dissertação está estruturada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais, os quais abordarão os aspectos abaixo.

Capítulo 1: Leitura e desenvolvimento do ensino. Esse capítulo abordará as diferentes concepções de leitura e a importância da prática da leitura crítica e discursiva no contexto escolar.

Capítulo 2: A crônica de Walcyr Carrasco: uma abordagem discursiva. Nesse capítulo, será realizada uma análise da crônica, com o objetivo de identificar os discursos presentes no texto e suas relações com o consumo e a identidade juvenil, desvendando as nuances da construção da identidade em um contexto de intensa influência do consumo.

Capítulo 3: Metodologia de pesquisa. Nesse capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, incluindo a descrição das oficinas, os instrumentos de coleta de dados e a análise dos dados coletados, evidenciando a metodologia utilizada para a análise crítica da crônica.

A pesquisa está finalizada com as considerações finais e as referências. A proposta didático-pedagógica de leitura será apresentada como apêndice.

Esperamos que a presente investigação possa contribuir para aprofundar a compreensão acerca do papel do consumo na construção da identidade juvenil, oferecendo subsídios relevantes para a elaboração de práticas pedagógicas que fomentem a formação de leitores críticos e reflexivos. Desse modo, a pesquisa almeja contribuir para a formação de cidadãos capazes de analisar criticamente o discurso midiático e a cultura de consumo, possibilitando uma atuação mais consciente e autônoma no contexto social.

2. LEITURA: UM PROCESSO CONSTRUTIVO E DE ANÁLISE CRÍTICA

A leitura é um processo construtivo, no qual o leitor, ao interagir com o texto, atribui significados e estabelece relações. A análise textual, por sua vez, aprofunda essa construção, promovendo uma imersão no universo textual que permite ao leitor desvelar os sentidos implícitos e enfatiza a delicadeza e complexidade dos significados da mensagem, estabelecendo um diálogo crítico com o autor.

Segundo Orlandi, “ler é saber que o sentido pode ser outro” (1988, p. 12), colocando-nos diante da ideia de que a leitura não é um processo passivo de decodificação de mensagens prontas, mas sim um ato ativo de construção de significados. O sentido de um texto não está inscrito nele de forma definitiva, mas é resultado de uma interação complexa entre o leitor, o texto e o contexto sociocultural em que a leitura ocorre.

Orlandi (1988), ao abordar a Análise do Discurso, destaca a importância do contexto na produção e na interpretação de sentidos. A leitura, nesse sentido, não é um ato isolado, mas está inserida em um conjunto de relações sociais e históricas que moldam a forma como os textos são produzidos e recebidos. Ler, nesse contexto, implica evidenciar as relações de poder e as ideologias que se manifestam nos textos.

Os benefícios da leitura são inúmeros. Ao desenvolver a capacidade de analisar criticamente os textos, o leitor aprimora seu pensamento crítico, amplia seus conhecimentos e desenvolve habilidades de comunicação e escrita. Além disso, a leitura contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos, capazes de participar ativamente da sociedade.

Neste capítulo, discutiremos vários teóricos sobre a relação entre leitura e ensino, enfatizando como essas práticas podem ser melhoradas para auxiliar na aprendizagem completa dos alunos.

2.1. Noções de leitura, desenvolvimento de competência leitora e ensino

Professores e outros profissionais educacionais estão amplamente cientes de que a leitura desempenha um papel crucial na formação dos alunos. Como afirma Freire (1987), a leitura é um ato fundamental para a progressão cultural, pois permite

um envolvimento social mais crítico e participativo. Vygotsky (1984) também enfatiza o papel da leitura na aquisição de processos psicológicos superiores, como linguagem e pensamento. Indo além, a leitura não é apenas um meio para a aquisição de conhecimento, mas um catalisador para o desenvolvimento de habilidades metacognitivas essenciais, como a autorregulação da aprendizagem e a capacidade de resolver problemas complexos. Ao engajar-se ativamente com diferentes textos, o leitor é desafiado a interpretar, analisar, sintetizar e avaliar informações, o que fortalece suas conexões neurais e expande sua capacidade de raciocínio abstrato. Dessa forma, a leitura transcende a mera decodificação de símbolos, tornando-se uma ferramenta poderosa para a construção de uma consciência crítica e a atuação autônoma no mundo.

No ensino tradicional, o ensino da leitura, influenciado pela gramática normativa, focava nas regras gramaticais. Isso significava que, para aprender a ler, o indivíduo precisava dominar as normas gramaticais. Havia uma grande ênfase na correção, ou seja, o importante era ler “certo”, sem nenhum erro de concordância, regência ou pontuação. O objetivo principal, durante a leitura, era que o aluno seguisse as regras. Junto a isso, a memorização era chave: os alunos deveriam decorar listas de regras, classificações e exceções gramaticais. Não se tratava tanto de entender o texto, mas sim de reproduzir as regras de forma mecânica.

Posteriormente, o estruturalismo de Saussure mudou essa visão, ao introduzir a ideia de que a língua é um sistema. Isso fez com que a leitura fosse vista como um processo de decodificação de signos, ou seja, de entender os símbolos que formam as palavras e frases. O foco saiu um pouco da regra para a estrutura da língua.

Em seguida, o transformacionalismo de Chomsky trouxe a noção de que temos uma capacidade inata para a linguagem. Isso ajudou a entender a leitura como um processo cognitivo complexo, algo que acontece na nossa mente, e não apenas uma simples decodificação.

Por fim, as abordagens mais recentes da linguística da enunciação (como a Linguística Textual e a Análise do Discurso) expandiram ainda mais a forma como vemos a leitura. Essas teorias passaram a considerar não só as palavras e as regras, mas também o contexto social e histórico em que o texto foi produzido. Além disso, levam em conta as relações de poder e as intenções comunicativas de quem escreve e de quem lê. Isso significa que, hoje, a leitura é vista como um ato muito mais

completo, em que o sentido de um texto depende de muitos fatores além das regras gramaticais.

Essas diferentes abordagens da linguagem mostram o quão complexo é o ato de ler. Elas destacam a necessidade de se analisar a leitura de várias perspectivas, considerando todos os aspectos envolvidos nesse processo. Nesse sentido, a Análise do Discurso se torna particularmente relevante, pois investiga como o contexto social, histórico e cultural influencia o sentido de um texto e como as relações de poder são construídas através da linguagem.

Ao usar a Análise do Discurso para refletir sobre a leitura, percebemos que um texto nunca é neutro, visto que carrega consigo ideologias, crenças e valores de quem o produziu. Portanto, ler não é apenas decifrar palavras, mas também questionar, interpretar e posicionar-se diante dessas múltiplas camadas de sentido. Para nosso trabalho, essa compreensão aprofundada da leitura como um ato social e político é fundamental, pois permitirá desenvolvermos estratégias que capacitem os leitores a se tornarem mais críticos e conscientes do papel da linguagem na construção da realidade.

Menegassi e Angelo (2010) mostram que os estudos sobre leitura revelam a existência de diversas abordagens que são usadas tanto em pesquisas quanto nas práticas de ensino. Segundo os autores, essas abordagens podem ser organizadas em perspectivas que focam no texto, no leitor, na interação e no discurso.

A perspectiva textual concebe o processo leitor como uma atividade centrada na extração de informações presentes no texto. Nessa abordagem, o leitor assume um papel passivo, buscando decodificar e compreender os significados explícitos, seguindo uma trajetória ascendente, do texto para o leitor. Solé (1998) enfatiza que, nessa perspectiva, o texto é considerado uma entidade autônoma, portadora de um significado único e estável, cabendo ao leitor a tarefa de desvendá-lo.

Por outro lado, sob a lente de Menegassi (2010), a perspectiva do leitor emerge como um ponto nodal na compreensão do fenômeno da leitura. Para o autor, a leitura transcende a mera decodificação de signos linguísticos, configurando-se como um processo dinâmico e multifacetado, intrinsecamente ligado à bagagem individual, aos conhecimentos prévios e às experiências do sujeito que interage com o texto.

Por sua vez, a perspectiva interacionista, no âmbito dos estudos da linguagem, destaca a leitura como um processo dinâmico e colaborativo, no qual o significado

emerge da interação entre leitor, texto e contexto. Nesse sentido, autores como Marcuschi (1986) enfatizam a importância de considerar a leitura como uma prática social e interacional. Para o autor, a leitura não se limita à decodificação de signos linguísticos, mas envolve a ativação de conhecimentos prévios, a formulação de inferências, a negociação de sentidos e a construção de representações mentais. O autor destaca a importância do contexto social, cultural e situacional na interpretação dos textos, argumentando que a leitura é sempre situada e contextualizada.

Por fim, a perspectiva discursiva, conforme desenvolvida por autores como Coracini (1995) e Orlandi (1993), concebe a leitura como um processo de produção de sentidos que se inscreve em um contexto histórico, social e ideológico. Nessa abordagem, o texto não é considerado um objeto isolado, mas sim um conjunto de marcas linguísticas que remetem a outros discursos, a outras vozes e a outras relações de poder. As autoras ainda destacam a importância de considerar a leitura como um ato de interpretação que envolve a ativação de conhecimentos prévios, a formulação de hipóteses e a negociação de sentidos. Nesse sentido, é enfatizada a importância do contexto social, cultural e ideológico na interpretação dos textos, argumentando que a leitura é sempre situada e contextualizada.

Além disso, na perspectiva discursiva, é possível explorar a relação entre linguagem, ideologia e poder, demonstrando como os discursos podem naturalizar determinadas visões de mundo e legitimar determinadas relações de poder. As autoras destacam a importância da análise crítica dos discursos, buscando desvelar os mecanismos de produção de sentidos e as relações de poder que os sustentam.

Para o nosso trabalho, que se aprofunda na Análise do Discurso, é crucial entender como essas diferentes visões se complementam e, por vezes, se contrapõem. As abordagens focadas no texto consideram que o sentido está no texto, buscando entender como o texto é construído. Já as centradas no leitor consideram o conhecimento prévio, as experiências e as estratégias cognitivas que o leitor usa para dar sentido ao texto. As interacionistas, por sua vez, veem a leitura como uma negociação de sentidos entre o texto, o leitor e o contexto.

A leitura discursiva, que é o ponto central do nosso estudo, expande essas perspectivas. Ela não se limita a decodificar palavras ou a entender a intenção do autor, mas sim a investigar como o texto funciona dentro de um determinado contexto social, histórico e cultural. Isso significa analisar as relações de poder que permeiam

a linguagem, as ideologias que se manifestam nos discursos e como o sentido é constantemente produzido.

A perspectiva discursiva oferece uma contribuição significativa para a edificação de uma compreensão mais abrangente e crítica da leitura. Essa abordagem valoriza a dimensão histórica, social e ideológica inerente aos textos, ao mesmo tempo em que reconhece a centralidade da análise crítica dos discursos para a construção de uma sociedade mais equitativa e democrática.

Essa ideia é ainda complementada por Menegassi e Angelo (2005), ao observarem que diferentes perspectivas sobre a leitura resultam em abordagens variadas para o seu tratamento. De acordo com os autores,

Os pressupostos teóricos que amparam cada uma dessas diferentes perspectivas de leitura envolvem uma visão diferente do que consiste o ato de ler e orientam e/ou justificam determinadas propostas didáticas em torno da compreensão da leitura, e da formação e do desenvolvimento do leitor na escola brasileira. (Menegassi; Angelo, 2005, p. 18).

Com base nessas ideias, entendemos que existem várias maneiras de interpretar um texto. Por isso, neste trabalho, vamos focar na leitura discursiva. Nesse sentido, a próxima seção aprofundará a concepção de leitura como prática discursiva, enfatizando como o significado de um texto é construído ativamente pelo leitor, considerando suas experiências, conhecimentos e, principalmente, as ideologias e relações de poder que permeiam a linguagem. Essa abordagem é crucial para o nosso estudo, pois reflete a ideia de que a leitura é um ato profundamente social, cultural e político, onde o sentido não é fixo, mas sim produzido e compreendido.

2.2. Concepções de leitura

As descrições e discussões realizadas até o momento permitem perceber que a leitura, prática tão presente em nossas vidas, é um ato complexo que transcende a mera decodificação de signos linguísticos. Ao longo da história, as concepções sobre o ato de ler evoluíram, adaptando-se às transformações sociais, culturais e tecnológicas. Inicialmente vista como um processo passivo de recepção de informações, a leitura, atualmente, é compreendida como uma atividade dinâmica e interativa, na qual o leitor constrói significados a partir de suas experiências, conhecimentos prévios e do contexto sociocultural em que está inserido.

Nesta seção, exploraremos as diferentes concepções de leitura, desde as tradicionais até as contemporâneas, buscando compreender como essas visões influenciam a forma como lemos e como ensinamos a ler.

Para Solé (1998), a leitura é um processo essencial na formação das pessoas, pois ajuda a desenvolver tanto as capacidades de pensamento quanto o senso crítico. Os textos especializados, ao discutir a leitura, mostram o quão complexa ela é e como desempenha diversas funções na sociedade. Uma das formas mais antigas de se pensar a leitura, segundo Smith (2003), é a leitura como decodificação, que se concentra em reconhecer palavras e entender seus significados mais básicos.

De acordo com Geraldi (1991), a perspectiva tradicional da leitura a concebe como um processo inerentemente mecânico: o texto é visto como um objeto fixo, e o leitor deve ser capaz de decodificá-lo com precisão. Nessa visão, a responsabilidade pela compreensão recai inteiramente sobre o leitor, que deve dominar as regras da gramática estrutural e o vocabulário para interpretar o texto corretamente.

Consequentemente, essa abordagem está fortemente associada à educação tradicional, que prioriza a análise estrutural, a correção gramatical e o uso normativo da linguagem.

A leitura como interação, por outro lado, acrescenta à equação da leitura e do texto o leitor – o objeto é concebido como um receptor de simultaneamente na criação de significado. A concepção de abordagem sustenta que a leitura não é uma questão de transformar símbolos em significado, contanto que o leitor não seja o único a operar significados ou construir relações – os constructos significativos. A leitura se realiza quando o leitor faz sentido do texto de acordo com o código e o desafio dos dados. Nesse sentido, o leitor consome a experiência e os relacionamentos adquiridos anteriormente com o produto de leitura.

Já Antunes (2003, p. 70) acredita que

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral.

A leitura é uma atividade que vai muito além da simples decodificação de palavras. Ela é um processo de construção de conhecimento, que permite ao leitor expandir seus horizontes, desenvolver suas habilidades cognitivas e se conectar com o mundo de forma mais profunda e significativa.

A perspectiva interacionista da leitura concebe o ato de ler como um processo dinâmico e complexo, no qual o leitor, o texto e o contexto se entrelaçam de forma ativa. Nessa visão, o significado de um texto não é algo fixo e imutável, mas sim construído a partir da interação entre esses três elementos. O leitor não é um receptor passivo de informações, mas um participante ativo que utiliza seus conhecimentos prévios, suas experiências e suas expectativas para interpretar o texto.

O contexto, por sua vez, influencia significativamente a compreensão, incluindo fatores como o momento histórico, a cultura, a sociedade e a situação comunicativa. Dessa forma, a perspectiva interacionista valoriza o papel do leitor na construção do significado e reconhece que a compreensão é um processo individual e socialmente situado.

Por outro lado, a leitura como prática sociocultural amplia significativamente a visão de leitura dentro de contextos sociais e culturais. A leitura é concebida como um conjunto de práticas culturais associadas a seus valores e ideologias. A leitura fortemente carrega a noção de dependência contextual do sentido da teoria sociocultural do letramento, em que o contexto inclui não apenas fatores socioculturais ou linguísticos, mas também a identidade única de um leitor particular, comunidade e experiências pessoais. Este último é fortemente sustentado por várias teorias sociais e crítica literária que concebem o ato como localizado e ideologicamente carregado.

A perspectiva discursiva da leitura reconhece que um texto é construído e lido em certo contexto, sendo este um fator preponderante na leitura. Coracini afirma que um texto não tem sua interpretação estanque, podendo variar conforme o leitor e o contexto de leitura. Ainda de acordo com a autora, “os sentidos dos textos são múltiplos e dependem do diálogo entre leitor e texto”. (Coracini, 1995, p. 46).

A leitura discursiva, portanto, propõe uma visão mais profunda e dinâmica do ato de ler. Nessa perspectiva, a leitura não é um processo passivo de recepção de informações, mas uma atividade social e histórica.

O sujeito leitor, inserido em determinadas formações discursivas, constrói significados a partir de suas experiências, conhecimentos prévios e do contexto sociocultural em que está inserido. O texto, nesse sentido, não é um objeto neutro, mas um lugar de disputa de sentidos, onde as diferentes vozes sociais se entrecruzam. A leitura, portanto, é um ato político e ideológico, que envolve a produção de sentidos e a construção de identidades.

Sendo assim, sob uma perspectiva discursiva, é importante manter em mente que a leitura é orientada pela atuação ativa do leitor na produção de sentidos e que os espaços social e cultural são fatores determinantes. A leitura não é puramente neutra ou autônoma, mas é um evento profundamente interligado pelas experiências, conhecimentos e contextos do público. Um entendimento abrangente em torno do tema pode servir para enriquecer as práticas de ensino, uma vez que pode valorizar leituras mais críticas e reflexivas.

A próxima seção se aprofundará na Análise do Discurso (AD) como uma ferramenta essencial para aprimorar as práticas de leitura, especialmente no contexto pedagógico. Será explorado como a AD, ao ir além da superfície do texto, permite desvendar as relações de poder, as ideologias e os contextos sociais e históricos que moldam os significados.

Além disso, a seção discutirá como a AD oferece metodologias para promover a autonomia e a criticidade do leitor, incentivando-o a questionar, analisar e construir sentidos de forma ativa, em vez de apenas decodificar palavras. Isso será fundamental para nosso trabalho, pois reforça a ideia de que a leitura não é um ato neutro, mas sim uma prática social e política que capacita os alunos a se tornarem cidadãos mais conscientes e reflexivos.

2.3. Análise do Discurso e leitura: convergências teóricas e aplicações pedagógicas

A Análise do Discurso tem influenciado significativamente a forma como entendemos a leitura, tanto em suas teorias quanto nas práticas de leitura mais comuns em instituições. O objetivo dessa seção é justamente discutir, de maneira mais crítica, as potencialidades e os limites da Análise do Discurso no que se refere às teorias e práticas de leitura aplicadas à sala de aula.

Ao falar em leitura, consideramos tanto os textos orais quanto os escritos. Quando o leitor se depara com um texto, ele é levado ao fascinante ato de interpretá-lo.

Nas palavras de Orlandi,

[...] há uma injunção à interpretação. Diante de um objeto simbólico o homem tem necessidade de interpretar. Ele não pode não interpretar. Esta é uma injunção. E o homem interpreta por filiação, ou seja, filiando-se a este ou

aquele sentido, inscrevendo-se nesta ou naquela formação discursiva, em um processo que é um processo de identificação: ao fazer sentido, o sujeito se reconhece em seu gesto de interpretação. Como diz M. Pêcheux [...], “as coisas-a-saber... são sempre tomadas em redes de memória dando lugar a filiações identificadoras e não a aprendizagem por interação: a transferência não é uma “interação”, e as filiações históricas nas quais se inscrevem os indivíduos não são “máquinas de aprender”. (Orlandi, 1998, p. 19).

Entendemos que a injunção à interpretação nos coloca diante de uma verdade fundamental sobre a condição humana: somos seres interpretativos por natureza. Diante de qualquer objeto simbólico, seja ele um texto, uma imagem, um gesto ou um evento, somos impelidos a atribuir-lhe significado. Essa necessidade de interpretar não é uma escolha, mas uma condição intrínseca à nossa experiência do mundo.

A crítica à “aprendizagem por interação” também é fundamental. Orlandi, ao evocar Pêcheux, nos alerta para a ilusão de que a interpretação seria um processo individual e autônomo. A filiação histórica, as redes de memória, a identificação: tudo isso nos mostra que a interpretação é um ato social, inscrito em um contexto discursivo que nos precede e nos ultrapassa. Somos, antes de tudo, herdeiros de um discurso, e nossa interpretação é sempre uma forma de nos filiarmos a essa herança.

Entretanto, ao compreender que nossos sentidos são construídos historicamente e socialmente, podemos desenvolver uma postura mais crítica e autônoma diante dos discursos que nos cercam.

Ao discutir a prática da leitura, é fundamental considerar metodologias que promovam a autonomia e a criticidade do leitor. A leitura, para ser significativa, deve ser um processo ativo de construção de sentidos, no qual o leitor é convidado a questionar, analisar e interpretar os textos. Nesse sentido, a leitura transcende a mera decodificação de palavras, envolvendo dimensões linguísticas, pedagógicas e sociais.

A Análise do Discurso (AD), a partir de agora, nos oferece ferramentas metodológicas que nos ajudam a alcançar esse objetivo. Por exemplo, ela nos permite analisar como diferentes vozes sociais se manifestam em um texto, como a linguagem é usada para construir ou desconstruir estereótipos, ou até mesmo como um mesmo texto pode ter diferentes interpretações dependendo de quem o lê e do contexto. De acordo com Orlandi (1993), a AD é um processo de interação de sentidos: “A AD visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele é carregado de significância e por sujeitos” (ORLANDI, 2002, p. 26). Em outras palavras, o leitor não se limita a encontrar um único sentido, mas sim a atribuir múltiplos significados ao que lê.

Portanto, podemos pensar que a leitura e a análise textual estão profundamente ligadas, enriquecendo-se mutuamente. As duas compartilham fundamentos teóricos e oferecem ferramentas e ideias que ajudam na interpretação de textos e na criação de estratégias pedagógicas eficazes. Essa conexão leva a um entendimento mais aprofundado do processo de leitura, tornando-o mais crítico e reflexivo. Ela faz com que possamos entender as múltiplas camadas de sentido em um texto, além de nos ajudar a construir nossas próprias interpretações, contextualizando-as historicamente e socialmente.

É fundamental levar em conta a influência de aspectos sociais, históricos e ideológicos na produção e na interpretação de textos. Essa abordagem auxilia os alunos a compreenderem que os textos não são independentes, mas sim produtos de um contexto específico que molda a linguagem e a intenção. Nesse sentido, a AD contribui para que os alunos reconheçam e questionem o preconceito ideológico presente nos textos, promovendo uma leitura crítica que transcende a simples decodificação. Além disso, um dos principais benefícios dessa abordagem discursiva é a aquisição da capacidade de questionar e refletir sobre os discursos. Assim, os alunos se tornam leitores autônomos, isto é, aqueles que podem realmente interpretar conscientemente o texto.

Em outras palavras, a ideia é evitar o reducionismo linguístico, que muitas vezes é ensinado nas escolas, onde se acredita que “o texto possui um sentido único e o aluno deve aprendê-lo ...” (ORLANDI, 1993, p. 37). Em vez disso, focamos na multiplicidade de sentidos possíveis, levando em conta o conhecimento de mundo do aluno para expandi-lo. Dessa forma, à medida que os sentidos do texto são explorados, o aluno começa a perceber que existem diversas formas de pensar, o que enriquece sua visão de mundo e aumenta sua tolerância em relação a diferentes perspectivas.

É fundamental considerar que a língua não se limita a uma estrutura, mas se configura também como um acontecimento. A leitura deve investigar esse acontecimento a partir dos sentidos que o compõem, com foco no discurso, que se fundamenta na interação social. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais aprofundada da sociedade e promove transformações na realidade.

Essa perspectiva destaca a importância de se analisar o discurso como um processo social e ideológico, indo além da estrutura superficial dos textos e

aprofundando a compreensão das relações de poder e das condições de produção que o constituem.

Com isso, há uma contribuição em que

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (Orlandi, 2002, p. 15).

A Análise do Discurso busca “compreender a língua fazendo sentido” (ORLANDI, 2002, p. 15), atuando como uma mediação no processo de significar e auto-significar-se. Nesse contexto, o discurso é entendido como a forma pela qual a linguagem estabelece uma mediação entre o indivíduo e a sociedade, sendo a produção de sentidos uma expressão da atuação do sujeito. O discurso representa um modo social de produção da linguagem, de modo que assumir a palavra implica reconhecer o lugar social que o falante ocupa.

É fundamental ressaltar que o discurso não é neutro, mas sim permeado por ideologias. As práticas discursivas, ao reproduzirem e reforçarem determinados sistemas de crenças e valores, moldam a produção de sentidos nos textos. A compreensão dessa relação entre discurso e ideologia é crucial para a formação de leitores críticos, capazes de desvelar os mecanismos ideológicos que subjazem aos textos e construir interpretações mais autônomas.

Segundo Orlandi (2002), as formações ideológicas são representações que o sujeito constrói sobre si mesmo e sobre o mundo, as quais são moldadas por diversas formações discursivas. Essas formações discursivas são armazenadas e reavivadas para a construção de sentidos. A formação discursiva, portanto, atua como uma projeção da ideologia na linguagem; trata-se de um conjunto de enunciados que compartilham características comuns, definidos por uma formação ideológica que estabelece os limites do que pode ou não ser enunciado, além de influenciar o significado do que é lido.

Ao analisar as ideologias predominantes é possível perceber que elas influenciam a compreensão e a percepção dos sentidos pelo sujeito. Como aponta Orlandi (2017, p. 20), “as palavras e proposições adquirem significado em relação às posições de quem as utiliza, ou seja, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições estão inseridas.” Embora o sujeito se perceba como autor de

seu discurso, ele está sempre sujeito a narrativas que o constituem e que habita em seu pensamento.

De acordo com Di Raimo e Stefaniu,

Assim sendo, a leitura, sob o viés da Análise de Discurso, rompe justamente com um ideal de sujeito livre, fonte intencional de um dizer e de uma língua – passível de controle – que se refira diretamente ao mundo dentro de condições de produção uniformes. De fato, é preciso considerar a não transparência da língua, o descentramento do sujeito afetado-atravesado – pelo inconsciente e interpelado pela ideologia e, também, uma noção de sentido não literal, óbvio. Desse modo, ler um texto é saber que o sentido pode ser outro. (Di Raimo; Stefaniu, 2022, p. 339).

A interpelação ideológica na Análise do Discurso envolve o processo pelo qual as pessoas são chamadas a se verem como sujeitos dentro de uma estrutura ideológica específica. De acordo com estudiosos como Althusser, isso indica que a ideologia não apenas influencia os indivíduos, mas também os constitui como sujeitos em posições particulares nas interações sociais. Quando são interpelados, os indivíduos não apenas reconhecem a si mesmos e aos outros como sujeitos, mas também deixam de considerar como essa interpelação molda suas identidades e perspectivas. Assim, a Análise do Discurso explora de que forma a linguagem e os discursos transmitem e perpetuam essas ideologias, oferecendo insights sobre a complexidade das relações sociais e o jogo de poder presente na construção de significados, revelando que o reconhecimento ideológico sempre vem acompanhado por um desconhecimento da base social que o sustenta.

É importante notar que a interpelação ideológica é, em última análise, um mecanismo que resulta na constituição do sujeito como uma certeza. Esse processo, segundo o qual “o sujeito interpelado pela ideologia se reconhece como uma certeza”, é chamado por Althusser (1998, p. 94) de “efeito ideológico elementar”. A estrutura da ideologia assegura não só a interpelação dos indivíduos como sujeitos, mas o reconhecimento que cada indivíduo tem de si mesmo e o reconhecimento mútuo entre os sujeitos interpelados.

No entanto, apesar desse eixo de relação entre os sujeitos interpelados promover um reconhecimento gerado pela ideologia, existe um desconhecimento essencial. Como Althusser afirma, a função inversa do reconhecimento ideológico é o desconhecimento. Dessa forma, o sujeito que se percebe como uma evidência — o indivíduo interpelado pela ideologia — é um sujeito que se reconhece como “eu” e que reconhece outros indivíduos interpelados, mas, simultaneamente, é um sujeito que

também desconhece aspectos de sua própria condição. E o que esse sujeito desconhece? Esse desconhecimento pode incluir a compreensão das forças ideológicas que moldam suas identidades e ações, assim como as relações de poder que influenciam suas percepções e interações no contexto social.

O discurso, enquanto prática social e histórica, constitui-se como um fenômeno intrinsecamente ligado aos processos comunicativos. Imerso em contextos socioculturais específicos, ele reflete e molda a realidade, sendo produzido e interpretado por sujeitos históricos. As particularidades linguísticas presentes nos textos conferem ao discurso sua singularidade, servindo como veículo para a construção de significados e a negociação de sentidos.

De fato, a partir de uma perspectiva discursiva, o texto é considerado como a materialização do discurso, formando uma totalidade que dá acesso ao conteúdo discursivo. No entanto, o texto não deve ser considerado como o ponto de partida ou o ponto final de onde o discurso começa e acaba, mas é um todo que faz parte do processo discursivo em disputa. Isso significa que existem várias dimensões sociais, históricas e culturais que entram na manifestação de significados.

A produção de significado em um texto é um processo dinâmico e interativo, no qual os sujeitos e os contextos socioculturais se entrelaçam. O sentido não reside no texto de forma isolada, mas emerge da relação dialética entre o texto e os sujeitos que o produzem e interpretam, moldado pelas condições históricas e sociais em que a produção textual ocorre.

Segundo Orlandi (1993, p. 21),

A análise de discurso tem como unidade o texto. Na perspectiva da análise de discurso, o texto é definido praticamente como a unidade complexa de significação, consideradas as condições de sua produção. O texto se constitui, portanto, no processo de interação.

Essa forma de dizer de Orlandi provoca o entendimento clássico da leitura que resumia o texto a um depósito vazio de significados fixos e predeterminados. Pelo contrário, enfatiza-se a construção ativa do significado pelo leitor envolvido, que atribui os significados pela interação com o texto. O leitor, como parte ativa dessa interação, associa suas próprias experiências, hábitos e associações e atribui sua série de significação ao conteúdo. Portanto, é uma série dinâmica, negociando sequências de significado que estão em constante processo de re-significação.

Essa abordagem deve ser adotada na prática pedagógica para garantir uma exposição adequada aos textos para garantir sua compreensão crítica e reflexiva. Os professores devem motivar os alunos a abordarem o texto com um olhar cético e a questionarem a substância e a forma dos discursos a partir de várias perspectivas. Os alunos devem compreender os elementos ideológicos e os contextos de produção e recepção dos discursos durante o processo de leitura.

Uma vez que o texto se constitui com um resultado da interação, como propõe Brandão (2009), compreendê-lo supõe outra abordagem, que não seja apenas a de análise dos aspectos meramente linguísticos, vocabulário, gramática, regras morfológicas e sintáticas, mas é preciso pensar em termos de elementos extralinguísticos, como o conhecimento de mundo, enciclopédico, histórico, cultural e ideológico do leitor. Para uma compreensão completa, para a possibilidade de uma compreensão crítica, torna-se necessário aprofundar, não apenas a situação imediata em que o texto é produzido ou recebido, isto é, quem fala, a quem o texto se destina, quando e onde se produz ou foi produzido, mas é necessário olhar a situação mais ampla, que envolve valores, crenças, aspectos sociais, históricos, políticos e relações de poder.

Essa perspectiva revela que a leitura discursiva não se restringe ao plano linguístico e vai além desse eixo, envolvendo um conjunto maior de elementos relacionados à produção e à recepção dos textos, por isso a leitura não pode ser encarada como uma atividade que tenha por objetivo a identificação de palavras e frases, mas, sim, como uma atividade de construção de sentido. Dito de outra forma, com a criação de significação, processo que requer a mobilização de conhecimentos prévios e a articulação do contexto de produção e de recepção.

Ao ser implementada na prática pedagógica, essa proposta capacita o professor a preparar o aluno para uma leitura crítica, consciente das influências ideológicas e contextuais presentes nos textos. Isso implica estimular o aluno a questionar e analisar os textos, percebendo como os sentidos são construídos a partir de fatores histórico-culturais e como esses textos influenciam a construção de percepções e a apreensão do mundo. Essa prática visa preparar os alunos para a participação ativa em discussões e debates sociais, culturais e políticos.

As convergências teóricas entre a Análise do Discurso e a prática da leitura apresentam potencial significativo para transformar a pedagogia contemporânea. A

apropriação desse corpo analítico ensina educadores a trabalhar com a leitura para além da sua decodificação e compreensão literal, desenvolvendo assim a capacidade de interpretar textos considerando enunciados e contextos, prática que não apenas instrumentaliza os alunos para uma leitura crítica e aprofundada, mas a prepara para uma cidadania crítica, ao perceberem e questionarem as mensagens e as ideologias dispostas nos discursos por eles encontrados.

Por meio da AD como ferramenta pedagógica, os professores podem guiar os alunos a enxergar o caráter ideológico e histórico dos textos. Isso os ajuda a entender que os significados são construídos e moldados por contextos socioculturais específicos. Isso significa que a forma como entendemos um texto é influenciada por tudo o que nos cerca: nossa cultura, a época em que vivemos, os valores da sociedade, as relações sociais e até mesmo o lugar onde estamos lendo. Por exemplo, um texto sobre feminismo lido hoje no Brasil terá um impacto diferente de um lido há 50 anos ou em outro país, porque o contexto sociocultural de cada situação muda a forma como as palavras e ideias são percebidas e interpretadas.

Assim, abre-se espaço para investigar como os discursos revelam e fortalecem relações de poder, valores culturais e crenças sociais. Dessa forma, oferece-se uma maneira de ler que considera as diversas camadas de sentido e todas as possíveis interpretações. Isso incentiva uma postura crítica, pois os alunos ganham as ferramentas para questionar e até mesmo contestar as interpretações dominantes, contribuindo para que se tornem indivíduos mais reflexivos e críticos.

Essa prática de ensino também contribui para a construção de uma sociedade mais consciente e reflexiva. A educação tem um papel fundamental no desenvolvimento da cidadania social ativa, ajudando os alunos a se tornarem bons leitores. Eles aprendem a identificar diferentes pontos de vista e ideias que coexistem tanto nos textos quanto na sociedade, o que desenvolve a empatia e a capacidade de se comunicar com diversas pessoas. Assim, integrar a Análise do Discurso e a leitura no sistema educacional não só melhora a qualidade do ensino, mas também ajuda os alunos com a visão e a determinação necessárias para enfrentar os desafios de um mundo complexo, contribuindo para a construção de um mundo mais justo e honesto.

Por fim, a síntese ideológica da Análise do Discurso e da prática de leitura proporciona um bom caminho para o ensino moderno tornar os leitores críticos e participativos. Esta abordagem integrada não só faz com que as experiências de

aprendizagem funcionem, mas também desempenha um papel importante no desenvolvimento de cidadãos informados e na construção de uma sociedade mais reflexiva e inclusiva.

A próxima seção, aprofundará como a leitura pode ir além da simples compreensão do que está escrito. Será demonstrado que a leitura discursiva envolve uma análise crítica e contextualizada dos textos, levando em conta não só o conteúdo, mas também as condições em que os textos são produzidos, como circulam e são recebidos, e as relações de poder que os atravessam.

Veremos que a leitura não tem um sentido único, como muitas vezes sugerido em materiais didáticos. Em vez disso, ela é um “trabalho simbólico” com múltiplas interpretações, em que o leitor, com sua história de vida e leituras anteriores, participa ativamente da construção do significado. A seção explorará a visão de que a leitura é um ato interpretativo, no qual o leitor explora as camadas mais profundas do texto, descobrindo uma rede de sentidos que se desdobra a partir dele. Isso nos levará a entender que o texto e o leitor são moldados pela linguagem em um contexto histórico-social específico, e que a interpretação não é a extração de um sentido fixo, mas sim um processo contínuo e transformador, em que a incompletude da linguagem é reconhecida como fundamental.

2.4. A prática da leitura discursiva: um caminho para a construção de sentidos

A prática da leitura discursiva, a qual tem como base a Análise do Discurso (AD), vai além de apenas decifrar o que está escrito. Ela envolve uma análise crítica e contextualizada dos discursos presentes nos textos. No presente estudo, essa perspectiva não será apenas um alicerce teórico; ela servirá também como um instrumento metodológico essencial. Assim, o objetivo é considerar não só o que o texto diz claramente, mas também as condições em que os discursos são produzidos, como eles circulam e são recebidos, e as relações de poder que os permeiam. Pretendemos, por exemplo, investigar como a escolha de certas palavras ou estruturas frasais em um material didático pode sutilmente reforçar ou questionar determinadas visões de mundo, influenciando a forma como os alunos interpretam a realidade.

A leitura, portanto, transcende o sentido unívoco frequentemente sugerido pelas atividades escolares em manuais didáticos. Conforme Orlandi, a leitura é

[...] trabalho simbólico no espaço aberto da significação que aparece quando há textualização do discurso. Há, pois, muitas versões de leitura possíveis. São vários os efeitos-leitor produzidos a partir de um texto. São diferentes possibilidades de leitura que não se alternam, mas coexistem assim como coexistem diferentes possibilidades de formulação em um mesmo sítio de significação. (ORLANDI, 2012, p. 71).

Nesse sentido, Greco (2010, p. 13) classifica a leitura como uma prática discursiva e considera que a leitura não está relacionada apenas com as condições de produção do texto, mas também com a história de leitura do leitor, as outras leituras realizadas e o contexto de vida desse leitor.

Orlandi (2012) explicita que a leitura discursiva supõe a compreensão daquilo que são os “processos discursivos que constituem o sentido” (Orlandi, 2001, p. 37). Portanto, ler, na concepção de Orlandi, é um ato interpretativo, o qual pressupõe do leitor a capacidade de reconhecer e analisar elementos constitutivos do discurso, como as escolhas lexicais, as estruturas sintáticas e os contextos sócio-culturais. Portanto, a leitura é um ato interpretativo em que o leitor explora as linhas de força do discurso e descobre a rede de sentidos que se desdobra a partir do texto.

Coracini (1995), fundamentada nos estudos da Análise do Discurso (AD), afirma que tanto o autor quanto o leitor são entidades formadas pela linguagem e podem ser reconhecidos como produtores de sentido em um contexto histórico-social específico. Esse contexto é o que molda as leituras, levando em conta o comportamento, a linguagem e o próprio significado construído.

Dessa forma, ao compreender a leitura sob essa perspectiva, podemos afirmar que a interpretação de um texto não se baseia na extração de um sentido definitivo e finalizado. Isso implica reconhecer que a incompletude é uma característica intrínseca da linguagem: nem os sujeitos, nem os sentidos e, conseqüentemente, nem o discurso estão prontos ou concluídos, podendo ser considerados como “encerrados” ou “finalizados”.

Ao longo do percurso que estamos seguindo, é fundamental entender que o processo de leitura, conforme Cassano,

(...) está limitada pelas idéias de interpretação e compreensão, como processos de instauração de sentidos, que estarão na dependência de diferentes gestos de interpretação, compromissados com diferentes posições do sujeito, com diferentes formações discursivas, com distintos recortes de

memória, tanto podendo, por isso, estabelecer como deslocar sentidos. (Cassano, 2003, p. 65).

A citação de Cassano (2003) nos convida a refletir sobre a natureza complexa e dinâmica da interpretação e compreensão textual. Ao afirmar que esses processos são limitados por diferentes “gestos de interpretação”, a autora destaca a influência das posições subjetivas, formações discursivas e recortes de memória na construção de sentidos.

Em outras palavras, a interpretação não é um ato neutro e objetivo, mas sim um processo situado e condicionado por diversos fatores. Cada sujeito, imerso em suas próprias experiências e crenças, constrói seus próprios sentidos a partir do texto, estabelecendo ou deslocando significados de acordo com suas filiações e perspectivas.

Essa perspectiva nos leva a questionar a ideia de uma interpretação única e universal. O texto, em si, não possui um sentido fixo e imutável, mas se torna um espaço de múltiplas possibilidades de significação. A leitura, portanto, é um ato de diálogo e interação, em que o leitor, a partir de seus conhecimentos e vivências, constrói e reconstrói os sentidos do texto. Compreender essa complexidade é essencial para uma leitura crítica e reflexiva, que reconheça a pluralidade de vozes e perspectivas presentes em cada texto.

Dessa forma, a perspectiva discursiva da leitura exige o leitor a ser ativo e reflexivo. Orlandi (2001), nessa mesma linha de raciocínio, afirma que “o ato da leitura também é um ato de construção de sentido – inversamente proporcional, e requer a capacidade do leitor de interagir engajado com o texto” (ORLANDI, 2001, p. 42). Portanto, não é apenas sobre o significado claro do texto ou o desconhecimento de palavras; significa interpretação das intenções e omissões que ele carrega. Orlandi nos convida a uma reflexão profunda sobre o processo de leitura. Ao afirmar que a leitura é um ato de construção, a autora subverte a ideia tradicional de que o texto possui um significado único e imutável, a ser simplesmente descoberto pelo leitor.

Coracini (1995) amplia essa perspectiva ao ressaltar a relevância de situar a leitura no contexto do ambiente escolar. Ela sugere que “as práticas pedagógicas devem promover a leitura crítica, incentivando os alunos a questionar e refletir sobre os discursos presentes nos textos” (CORACINI, 1995, p. 29). A autora afirma que a educação é fundamental para o desenvolvimento de leitores críticos, habilitados a examinar e interpretar os textos de forma abrangente e integrada.

Podemos concordar que Orlandi e Coracini desenvolvem uma linha de raciocínio ligadas à prática da leitura discursiva com uma abordagem que visa perceber as críticas dos textos com a compreensão das condições sociais e históricas da sua produção e recepção. Essa prática visa capacitar leitores a interagir de forma crítica e reflexiva com os discursos encontrados, promovendo uma leitura interpretativa e transformadora ao mesmo tempo.

Para Coracini (1995), sob a perspectiva discursiva da leitura,

(...) não é o texto que determina as leituras, (...) mas o sujeito, não na acepção idealista de indivíduo, uno, coerente, porque dotado de razão, como queria Descartes, graças à qual lhe é possível controlar conscientemente a linguagem e o sentido, mas enquanto participante de uma determinada formação discursiva, sujeito clivado, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente, no qual se insere o discurso.(...) É só nessa visão de sujeito que se pode dizer que o leitor é o ponto de partida da produção de sentido. (Coracini, 1995, p. 17-18).

Coracini desconstrói a ideia tradicional de um leitor passivo e receptor de sentidos pré-determinados pelo texto. Em vez disso, propõe um sujeito leitor ativo, mas não como um indivíduo isolado e racional, e sim como um ser social e histórico, moldado por diversas influências.

Nesse sentido, segundo Menegassi e Angelo (2010),

[...] não é o texto que determina as leituras, mas a posição a partir da qual fala o sujeito. Lê-se sempre a partir de uma formação discursiva. Há tantas leituras quantas forem as formações discursivas. (Menegassi; Angelo, 2010, p. 33).

A afirmação de Menegassi e Angelo nos convida a uma reflexão profunda sobre o ato de ler. Ao afirmar que “não é o texto que determina as leituras, mas a posição a partir da qual fala o sujeito”, os autores desconstruem a ideia de que um texto possui um significado único e imutável. Ao contrário, propõem que a leitura seja um processo dinâmico e subjetivo, moldado pelas experiências, conhecimentos e perspectivas de cada leitor.

Diante disso, reconhecemos a principal contribuição da perspectiva discursiva da leitura em nosso trabalho, pois é nesse aspecto que essa abordagem se distingue das demais discutidas. É importante ressaltar que todas as visões teóricas apresentadas contribuem para a prática da leitura. No entanto, a perspectiva discursiva permite que os participantes da pesquisa, enquanto leitores, deixem de

perceber o texto como um “lugar instituído de saber” (Coracini, 1995, p. 18) e passem a construir novos sentidos em relação à leitura escolar.

A próxima seção abordará como a escola pode ir além do ensino tradicional da leitura, que foca na decodificação e compreensão literal. Com base nas etapas de leitura de Menegassi (1995) – decodificação, compreensão, interpretação e retenção – iremos explorar como as práticas pedagógicas atuais frequentemente se limitam às primeiras fases, negligenciando o desenvolvimento de leitores críticos. A seção detalhará a importância de o professor atuar como mediador, promovendo a autonomia dos alunos e incentivando-os a questionar, analisar e construir sentidos, considerando seus conhecimentos prévios e os múltiplos contextos dos textos. O objetivo é defender uma leitura que transcende a mera decodificação, capacitando os alunos a se tornarem cidadãos reflexivos e críticos.

2.5. O leitor e o processo de leitura em contexto escolar

Esta seção começa incorporando as ideias de Menegassi (1995) sobre as etapas do processo de leitura em atividades concretas com os alunos. Tais atividades referem-se a práticas em sala de aula que vão além da mera decodificação de letras e palavras. Elas envolvem a interação do aluno com o texto e o contexto, utilizando recursos como jogos, debates, produções textuais, análise de imagens, entre outros, para que o estudante possa construir ativamente o sentido do que lê.

Frequentemente, encontramos dificuldades nesse processo, pois muitas vezes não conseguimos ir além do estágio de decodificação para alcançar as competências de um leitor proficiente. Um leitor proficiente não se limita a reconhecer as palavras; ele é capaz de ir muito além, construindo significados, fazendo inferências, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios, e compreendendo as intenções do autor e o propósito do texto. Em outras palavras, é aquele que lê de forma ativa e crítica, usando o texto para ampliar sua visão de mundo e interagir de forma plena com a informação.

Por sua vez, o processo de leitura, segundo Menegassi (1995), possui quatro etapas, a saber: decodificação, compreensão, interpretação e retenção. No que diz respeito às práticas de leitura em escolas, Menegassi identificou que a maioria dos exercícios de leitura dos manuais, e conseqüentemente, das atividades de

professores, atingem, na melhor das hipóteses, apenas até o terceiro momento mencionado acima.

Não podemos negar que há manuais que apresentam comandos de “compreensão” e “interpretação”, porém são poucos, e quando ocorre, o percentual de questões interpretativas é menor que as compreensivas. [...] as questões empregadas pelos professores em suas avaliações também se apresentam mais ligadas à compreensão. (Menegassi, 1995, p. 90).

Portanto, a leitura em sala de aula é uma interação complexa entre o leitor, o texto e o ambiente de leitura em que ocorre. Nesse sentido, os métodos pedagógicos devem ser postos em prática que contribuam para o desenvolvimento de leitores autônomos e críticos. Entretanto, os professores e educadores devem se empenhar ao realizar diferentes metodologias para atrair os alunos.

Menegassi (1995) argumenta que a leitura escolar é uma prática social e cultural. Com isso, é necessário que professores interajam com os leitores, criando um espaço intermediário, ao mediarem. A autor também afirma que as práticas de leitura em sala de aula devem ir além da decodificação do texto. Mais do que isso, o leitor responsável consegue construir seus significados e realizar a crítica após a leitura (MENEGASSI, 1995, p. 90.).

Silva (2005) observa que as habilidades de leitura devem promover a independência do leitor e afirma que o ensino de leitura deve ser uma forma de aumentar a independência do estudante, proporcionando a este ferramentas para interpretar e duvidar de textos por conta própria. Ao mesmo tempo, o autor afirma que as estratégias pedagógicas devem incentivar a capacidade de inferir e analisar criticamente, ambos pilares para compreensão profunda do texto.

Além disso, deve-se ensinar o aluno a perceber não só as múltiplas camadas de significado em um texto, mas também suas intenções e ideologias latentes. “A leitura crítica é um processo em que o aluno pode perceber as múltiplas camadas de significado presentes no texto e ainda, as intenções e ideologias dele subjacentes”, conclui o autor (Silva, 2005, p. 77).

É amplamente reconhecido que a formação da competência leitora ocorre em diversas esferas, desde o ambiente familiar e os círculos de amizade até a instituição escolar, a qual é amplamente considerada uma instância social destinada à formação de leitores.

Portanto,

[...] o aluno lê muitas coisas, porém ele não lê o que exatamente a escola deseja que leia, pois sabe que o fim dessas leituras é a avaliação. O que se observa, na verdade, é que a escola ainda insiste na formação do leitor, não no seu desenvolvimento como leitor crítico. (Menegassi, 2010, p. 39).

A leitura, enquanto processo, envolve diversas etapas que, conforme Menegassi (2010, p. 45), “[...] nem sempre aparecem de forma isolada e deslocadas para estudo. Na realidade, essas etapas coexistem e são utilizadas concomitante e recursivamente pelo leitor ao longo de todo o processamento do texto.” De acordo com Menegassi (2010, p. 46), todas as etapas do processo de leitura são fundamentais. Na etapa de decodificação, é imprescindível o reconhecimento do código linguístico, pois, sem esta etapa, “todo o processo fica emperrado e não permite que as demais etapas se concretizem”.

Para Geraldi (2012), é fundamental que a prática pedagógica adote posturas que “assegurem a interação dialógica leitor-texto”. O autor elabora o sentido de leitura como ação interpretativa e criadora, de forma que o leitor seja incentivado a fazer uso de seus conhecimentos prévios e de suas experiências para produzir significado. Assim, o papel do professor é de um mediador, capaz de criar as condições ideais para o diálogo entre aluno e conteúdo, proporcionando o momento de reflexão crítica (Geraldi, 2012, p. 112).

No que diz respeito à etapa da compreensão, é fundamental que o aluno, durante a leitura, identifique a temática do texto. Além disso, nesta fase, o leitor deve reconhecer as características essenciais do gênero textual que está lendo e dominar as regras sintáticas e semânticas. Conforme Menegassi (2010), “como essa etapa é fundamental para o processo de leitura, ela deve ser muito bem aplicada e desenvolvida com o leitor em formação, para que aprenda a trabalhar com diversos textos que a sociedade lhe apresenta” (p. 47).

No que tange à interpretação, destaca-se a importância da capacidade crítica do leitor nessa fase. Segundo Menegassi (2010), este é o momento em que o leitor “analisa, reflete e julga as informações que lê” (p. 52). Portanto, é durante a interpretação e os atos de leitura que se concretiza o caráter dialógico discutido ao longo deste texto. Nesse momento, o leitor utiliza seus conhecimentos prévios, conectando-os com as informações apresentadas no texto, faz inferências e (re) constrói significados.

Há também a etapa da retenção. Menegassi (2010) nos ensina que essa fase é “responsável pelo armazenamento das informações mais importantes na memória do leitor” (p. 56).

Quando todas as etapas são devidamente cumpridas, elas se inter-relacionam e contribuem para a formação de um ponto de vista, uma refutação ou uma concordância acerca de um determinado tema apresentado no texto. Isso possibilita, portanto, a construção de significados e a formação de um leitor competente.

Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011) argumentam que “o ensino da leitura deve focar não apenas sobre a compreensão literal, mas sobre a análise crítica, bem como sobre a interpretação numerosa das intenções e implicações dos textos.” (Fuza; Ohuschi; Menegassi, 2011, p. 498).

Na busca por um leitor maduro, de acordo com os princípios da Análise do Discurso (AD), não existem leituras que se restrinjam a si mesmas. Assim, conforme Coracini (1995),

(...) em termos de escola, o que gostaria de ressaltar é que as leituras previstas para um texto devem entrar como um dos constituintes das condições de produção da leitura e não como o constituinte determinante delas, uma vez que, entre outros, a história das leituras do leitor também se constitui em fator muito relevante para o processo de interação que a leitura estabelece. (Coracini, 1995, p. 45).

A citação de Coracini (1995) nos leva a refletir sobre a importância do histórico de leitura do leitor na interpretação de um texto. A autora destaca que as leituras previstas para um texto devem ser consideradas como um dos elementos que influenciam a leitura, mas não como o único ou determinante. A história de leitura do leitor, ou seja, suas experiências e conhecimentos prévios, também desempenha um papel fundamental na interação com o texto.

Orlandi (1988) reforça a importância de uma abordagem discursiva da leitura. De acordo com a autora, o aluno deve ser considerado um sujeito ativo da leitura, construtor de significados. Ela argumenta que “a leitura é uma atividade interpretativa, uma atividade em que participam o leitor, o texto e o contexto, e deve ser mediada pela atividade docente, promovendo a consciência crítica”. (Orlandi, 1988, p. 44).

No que diz respeito à produção da leitura na escola, as abordagens que se restringem à decodificação e à compreensão em atividades práticas e rotineiras não promovem o desenvolvimento da capacidade do leitor de construir sua própria trajetória de leitura. Para Orlandi,

Na escola, a colocação de leituras previstas (possíveis e/ou razoáveis) por um texto escamoteiam, em geral, o fato de que se dá uma leitura prevista para ele, como se o texto, por si, suscita inteiramente. Exclui-se, dessa forma, qualquer relação do texto, e do leitor, com o contexto histórico-social, cultural, ideológico. O que estamos propondo é que o possível e o razoável, em relação à compreensão de um texto, se definam levando-se em conta as histórias da sua leitura, na forma de interação que o leitor estabelece, no processo de leitura. (Orlandi, 2012, p. 44).

Portanto, a prática de leitura em sala de aula é um processo que inclui a mediação do professor, a autonomia do estudante e os contextos socioculturais. Além disso, a autonomia do aluno é fundamental para que se torne um leitor independente e crítico. Como os alunos gostam de escolher o que querem ler, o trabalho com projetos pode ser ainda mais interessante, gerando emoção e agilidade em suas leituras, condições em que as criações têm um significado maior, e o sentido chega ao coração do leitor.

Além disso, o processo de leitura, quando direcionado para a análise discursiva, capacita o leitor a desenvolver uma postura crítica e autônoma frente aos textos. O indivíduo se torna mais apto a compreender e a interpretar os discursos que o cercam, adquirindo as ferramentas necessárias para uma participação mais ativa e consciente na sociedade.

Na próxima seção, exploraremos o protagonismo do aluno no processo de aprendizado da leitura, baseando-nos em Soares (2016) e Petit (2013), para entender como a leitura vai além da decodificação e se torna ferramenta de inclusão e construção da identidade. Discutiremos o percurso individual, a motivação e as estratégias pedagógicas, além da influência do cotidiano escolar. A partir de Leffa, analisaremos a evolução teórica da leitura – do foco no texto ao leitor e, finalmente, ao contexto social –, enquanto Petit e Coracini nos ajudarão a compreender a leitura como experiência transformadora e prática sociocultural. Em suma, esta seção reforçará que a leitura é crucial para o desenvolvimento intelectual e a cidadania, destacando a participação ativa dos alunos como essencial para o sucesso desse processo.

2.6. A formação do leitor: o papel do aluno na leitura

Soares (2016), renomada educadora brasileira, destaca a importância do letramento como ferramenta de inclusão social, enquanto a antropóloga francesa Petit

(2013) explora o poder da leitura na construção da identidade, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Ambas as autoras convergem ao enfatizar o papel crucial da leitura na formação do indivíduo e seu desenvolvimento integral.

Nesse processo, o aluno ocupa posição central, assumindo papel ativo na construção do seu aprendizado. A leitura, embora seja uma habilidade individual, se manifesta como prática social e cultural, com impacto direto na vida em sociedade.

Portanto, o ensino da leitura deve transcender a mera decodificação de palavras, abrangendo o desenvolvimento afetivo e intelectual do aluno. Este subtítulo propõe analisar o papel do aluno na formação do leitor, considerando seu percurso individual, a importância da motivação, as estratégias pedagógicas e a influência do cotidiano escolar na construção das competências de leitura.

A leitura constitui um dos instrumentos mais eficazes para o desenvolvimento intelectual dos alunos, permitindo-lhes uma compreensão aprofundada dos aspectos da sociedade que os envolve.

Ao discutir a abordagem da leitura no contexto educacional, Leffa observa que

Historicamente pode-se dizer que há na teoria da leitura um movimento, que vai de uma ênfase inicial no texto, passa depois para uma ênfase no leitor e chega-se finalmente a uma ênfase no contexto social. É um movimento de complexidade crescente. O estudo do texto pode ser relativamente simples (e o foi historicamente) focalizando questões como a frequência de palavras e organização sintática da frase. A ênfase no leitor já envolve uma complexidade maior, considerando não apenas o que acontece durante a leitura, mas também a experiência de vida que antecede o encontro com o texto. Finalmente, a ênfase no contexto social procura examinar a leitura como um fenômeno social restrito a determinadas comunidades e sujeito às suas normas, regras e restrições. (Leffa, 2014, p. 14).

Leffa (2014) descreve sobre como o estudo da leitura evoluiu teoricamente, destacando três fases diferentes que mostram como a complexidade da análise aumenta gradualmente. A princípio, a atenção estava concentrada apenas no texto. A abordagem estrutural caracterizou este período, com foco em elementos como a organização sintática e a frequência de palavras. Esta fase inicial relativamente simples reflete uma perspectiva mecanicista da leitura, que priorizava a análise técnica e formal do texto.

Na segunda fase, o grau de complexidade atinge o seu pico. O significado é transferido por meio do texto para saber como ele deve ser decifrado e transferido. Por outro lado, o público-alvo não é mais um “decodificador”, mas um “codificador”. O significado não é encontrado no texto e depois transcrito para o leitor, mas é

transformado pelo leitor com base em seus próprios conhecimentos, experiências e bagagem cultural. A leitura é essencialmente um processo heterogêneo, e o significado é criado quando o leitor responde ativamente através de textos diferentes.

Para finalizar, a terceira fase aborda o contexto social, passando a considerar a leitura como uma parte de uma rede social mais ampla. Observando esse ponto de vista, a leitura não é apenas uma interação entre o texto e o leitor, mas também um comportamento social afetado por costumes, regras e restrições específicas de certas comunidades. Este modo sociocultural reconhece que a classe social, o gênero, a etnia e o contexto histórico moldam a leitura e que essas influências são essenciais para a compreensão completa do fenômeno do ato de ler.

A sequência proposta por Leffa implica uma mudança radical no pensamento teórico e conceitual: a compreensão da leitura torna-se mais complexa e substantiva, em vez de simplista e tecnicista. Do ponto de vista prático, essa modificação afeta consideravelmente o sistema educacional, já que um ensaio qualitativo da leitura implica não apenas o texto em si e o leitor individualmente, mas também o ambiente social em que a leitura acontece. Dessa maneira, os professores que entendem que a leitura é um fenômeno mais complexo do que a decodificação de letras podem desenvolver uma metodologia de ensino mais profunda, sensível e flexível para traduzir significados profundos e críticos dos textos.

Esse percurso histórico é caracterizado por diferentes perspectivas de leitura, que podem ser resumidas como: a abordagem centrada no texto, a abordagem centrada no leitor, a perspectiva interacionista e a abordagem discursiva.

Na perspectiva de Petit (2013), a leitura transcende a mera decodificação de palavras, configurando-se como uma experiência transformadora na vida do leitor. A abordagem centrada no texto, que limita a leitura a um processo ascendente de decodificação, ignora a riqueza e a complexidade da interação entre leitor e obra. Petit destaca a importância da bagagem cultural e da experiência individual do leitor, que, ao se conectarem com o texto, geram significados e interpretações únicas. A leitura, nesse sentido, torna-se uma ferramenta de empoderamento, permitindo ao leitor construir sua identidade, ampliar seus horizontes e se conectar com o mundo ao seu redor.

Coracini (1995) também ressalta a importância do contexto sociocultural para a formação do leitor, acreditando que a leitura é uma construção de sentido que ocorre

em um determinado contexto histórico-social e cultural. A autora nos convida a repensar a prática de leitura e escrita, colocando em destaque a importância da dimensão social e cultural dessas habilidades. Ela nos desafia a construir práticas pedagógicas que valorizem a diversidade de saberes e que promovam a formação de leitores e escritores críticos e reflexivos.

Nesse sentido, temos a perspectiva interacionista, que enfatiza a interação entre o texto e o leitor, sugerindo que o texto não possui um único significado fixo e que o leitor interpreta dentro das possibilidades oferecidas pelo texto. E, finalmente, na perspectiva discursiva, a leitura é entendida como um processo de produção de sentidos, em que os sujeitos são determinados social e historicamente, além de serem construídos ideologicamente (CORACINI, 1995).

A leitura é essencial para os alunos e para todo o desenvolvimento intelectual. Aumenta a capacidade de pensar, analisar e ser criativo; desenvolver vocabulário; compreender texto; interpretar e analisar informações. A leitura abre uma porta de oportunidade para uma ampla gama de conhecimentos, culturas e ideias. Também ajuda a desenvolver cidadãos relevantes, independentes e ativamente empenhados; isso se torna impossível quando a leitura não é incentivada. Neste sentido, as escolas têm um papel primordial a desempenhar na promoção da leitura, mas o verdadeiro sucesso do exercício está ancorado na participação dos leitores e na consciência dos alunos.

No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia e detalharemos a abordagem do projeto, que visa explorar a leitura discursiva da crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyr Carrasco, para promover uma reflexão crítica sobre o consumismo e fomentar a tolerância, fundamentando-se nas teorias de Coracini e Orlandi. Realizaremos a análise da crônica para desvendar seus mecanismos discursivos sobre consumo e identidade juvenil, além de discutir as estratégias de leitura e análise discursiva como um caminho para a educação contemporânea, considerando o contexto sócio-histórico e ideológico. O capítulo também incluirá o perfil dos leitores, baseado em um estudo com alunos do 9º ano, e a programação de oficinas práticas que utilizarão textos multimodais para estimular a reflexão crítica e a produção de memes, consolidando a compreensão sobre o consumismo e suas implicações.

3. Metodologia de pesquisa: percursos, processos e proposições

A metodologia de pesquisa propõe o estudo da crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyr Carrasco, por meio da leitura discursiva, para alunos do 9º ano, com o objetivo de promover a reflexão crítica acerca do consumismo na sociedade contemporânea. Essa abordagem visa fomentar a tolerância e a compreensão de diversas configurações existenciais.

O embasamento teórico-metodológico se fundamenta na Análise do Discurso, com base nos trabalhos de Coracini (2011) e Orlandi (1993; 2002), buscando desenvolver nos estudantes uma perspectiva analítica sobre os discursos do texto. Isso significa ir além da superfície, compreendendo como o discurso constrói sentidos, as relações de poder e o papel do sujeito na interpretação, a fim de que os discentes relacionam suas vivências e ideias com as concepções sobre o consumo expostas na crônica, cultivando, assim, uma leitura crítica e reflexiva.

Neste capítulo, analisaremos o perfil dos alunos do 9ª ano, visto que a proposta didático-pedagógica será aplicada a uma turma dessa série. Além disso, aprofundaremos a análise da crônica “A crueldade dos jovens” de Walcyr Carrasco e apresentaremos a metodologia da pesquisa. O capítulo será finalizado com a programação das oficinas de leitura que utilizarão textos multimodais para estimular a reflexão crítica.

A primeira seção irá aprofundar-se nas vivências de leitura de alunos do 9º ano, explorando como seus interesses, motivações e os desafios que enfrentam impactam a compreensão de narrativas e o desenvolvimento de hábitos de leitura, fornecendo subsídios valiosos para educadores e famílias.

3.1. Perfil dos leitores: estudo com alunos do 9º ano

Compreender o perfil do aluno leitor é fundamental para que educadores e bibliotecários possam oferecer experiências de leitura significativas, além de contribuir para a formação de hábitos de leitura. Nesse sentido, a presente seção busca investigar as vivências dos alunos do 9º ano, oferecendo subsídios relevantes tanto para educadores quanto para os familiares.

O ato de ler transcende a decodificação de palavras, transformando-se em uma experiência complexa que envolve a construção de significados, a ampliação do conhecimento e a formação da identidade. Petit (2013) destaca a importância do contexto social e cultural na formação do leitor. A autora enfatiza que as práticas de leitura são construídas em interação com o meio social e que os hábitos de leitura são moldados pelas experiências individuais de cada leitor. Petit ainda argumenta que o leitor não é um ser passivo, mas um sujeito ativo que constrói seus próprios significados a partir do texto.

O desenvolvimento do hábito da leitura não é inato, mas sim construído ao longo da vida, a partir das interações sociais e das experiências vivenciadas pelo indivíduo. Embora a escola desempenhe um papel fundamental nesse processo, é no âmbito familiar que se dão as primeiras experiências com a leitura. Conforme ressalta Silva (2017), corroborando com Galvão (2003), o núcleo familiar constitui o ambiente primordial para o desenvolvimento das habilidades leitoras.

[...] os dados analisados revelam, portanto, grandes tendências em relação à transmissão do hábito de ler: parecem existir relações bastante estreitas entre os usos da leitura e da escrita que são feitos pelos entrevistados e os níveis, os hábitos e as práticas de leitura de seus pais. O contato com objetos escritos desde a infância também se revelou um fator fundamental para determinar o grau de alfabetismo dos entrevistados (Galvão, 2003, p. 141).

Galvão estabelece uma relação direta e significativa entre as práticas de leitura e escrita dos indivíduos e as experiências que tiveram com a leitura durante a infância, especialmente no âmbito familiar. Essa conexão entre as gerações, ou seja, entre pais e filhos, evidencia a importância do ambiente familiar como um dos principais fatores que influenciam o desenvolvimento do hábito de ler.

Nós vivemos um cenário em que as avaliações oficiais do MEC, que traçam o perfil de proficiências leitoras dos estudantes por meio de escala numérica e classificatória, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), mostram resultados insatisfatórios. Diante desse cenário, a necessidade de análise crítica sobre os aspectos teóricos e práticos do processo da leitura em que estão organizadas as atividades da leitura, o livro didático, se torna imprescindível.

Os alunos do 9º ano se envolvem em uma diversidade de projetos, que abrangem desde a ficção e a ficção científica até a literatura e a história. Um número considerável de estudantes expressa uma determinada expectativa em compartilhar

relatos pertinentes a suas próprias vivências e adversidades, em busca de uma figura com a qual possam se identificar. Narrativas que abordam temáticas sociais, tais como bullying, amizade e identidade, apresentam uma particular popularidade entre esse público jovem.

A motivação para a leitura, por parte dos discentes do 9º ano, é influenciada por diversos fatores. O suporte provindo de docentes que promovem obras literárias que se mostram interessantes e úteis é crucial, assim como o encorajamento oferecido pelos pais no ambiente domiciliar. A participação em atividades como clubes de leitura e discussões sobre livros desponta como estratégia benéfica na formação do apreço pela leitura.

Contudo, mesmo os alunos que manifestam desejo de ler frequentemente, enfrentam dificuldades na aquisição de competências de leitura. A escassez de tempo se configura como um dos principais obstáculos, em virtude da carga educacional e das tarefas diversas que lhes são atribuídas. Além disso, a ausência de um ambiente propício à leitura em casa, assim como a falta de acesso a livros que sejam não apenas acessíveis, mas também de qualidade, podem desanimar a juventude.

A escola e os educadores desempenham um papel importante na tarefa de formar leitores interessados e críticos. Os especialistas pesquisados nesta dissertação enfatizam que a criação de condições favoráveis, a oportunidade de mostrar o quanto o ato da leitura é celebrado e a tarefa de fazer da leitura um valor é uma questão-chave. Projetos de leitura escolar e universitária que abrangem a comunidade do ensino-aprendizagem, bem como o conteúdo que combina elementos da leitura com outras matérias possibilitam criar as condições para a formação do hábito de ler.

Identificar os hábitos de leitura de alunos do 9º ano permite que educadores e pais adotem estratégias mais eficazes para incentivar a leitura. Ao entender seus interesses, motivações e superar obstáculos que impedem o acesso aos materiais, é possível criar um ambiente mais favorável para desenvolver leitores apaixonados e críticos. Ler não apenas enriquece o vocabulário e as habilidades de compreensão, mas também amplia os horizontes, ao mesmo tempo em que fortalece a capacidade de pensar criticamente sobre a visão de mundo de alguém.

Na próxima seção, aprofundaremos a análise da crônica “A crueldade dos jovens” de Walcyr Carrasco. Faremos uma leitura crítica para identificar os

mecanismos discursivos que constroem os sentidos e as relações de poder presentes na narrativa, além de examinar como o autor aborda os discursos sobre consumo e identidade juvenil. Nosso objetivo é compreender como a crônica contribui para a naturalização de certos valores e comportamentos, influenciando a percepção dos jovens sobre si mesmos e o mundo ao seu redor.

3.2. A crônica de Walcyr Carrasco: uma abordagem discursiva de leitura

Nesta seção, será aprofundada a análise da crônica “A Crueldade dos Jovens”, de Walcyr Carrasco. Por meio de uma leitura crítica do texto, pretendemos desvelar os mecanismos discursivos que constroem os sentidos e as relações de poder presentes na narrativa. Buscamos, ainda, identificar os discursos sobre consumo e identidade juvenil e as estratégias discursivas utilizadas pelo autor na construção desses sentidos. A análise da crônica visa compreender como o texto contribui para a naturalização de determinados valores e comportamentos e como influencia a percepção dos jovens sobre si mesmos e o mundo ao seu redor.

Neves (1992), sobre a trajetória evolutiva da crônica, afirma que:

Originada do grego *chronos*, que originalmente significava “tempo”, a crônica, em sua acepção primária, era um registro sequencial de acontecimentos passados. No entanto, ao longo do tempo, e especialmente a partir do século XX, o gênero evoluiu, passando a se concentrar no cotidiano e nas experiências subjetivas do cronista. Essa transformação implica na seleção de determinados aspectos da realidade, em detrimento de outros, configurando assim uma visão particular e subjetiva do mundo. (Neves, 1992, p. 5).

Conforme aponta Neves (1992), a crônica é um gênero textual que, ao longo dos séculos, sofreu significativas transformações. Inicialmente concebida como um mero registro cronológico de fatos, a crônica contemporânea se distancia dessa função original, adotando uma perspectiva mais subjetiva e reflexiva sobre a realidade.

Neves, ao afirmar que a crônica, em sua origem, era um “registro sequencial de acontecimentos passados”, nos remete a uma época em que a escrita histórica predominava, e a crônica se apresentava como uma forma mais simples e direta de narrar os fatos. No entanto, com o passar do tempo, a crônica foi se desprendendo dessa função estritamente informativa, incorporando elementos da subjetividade e da reflexão pessoal.

A partir do século XX, a crônica passou a se concentrar no cotidiano e nas experiências subjetivas do cronista. Essa transformação é marcada pela seleção de

determinados aspectos da realidade, o que configura uma visão particular e subjetiva do mundo. Ao invés de apresentar uma narrativa objetiva dos fatos, a crônica contemporânea convida o leitor a compartilhar as impressões, os sentimentos e as reflexões do autor sobre o mundo que o cerca.

A crônica, gênero literário caracterizado pela brevidade, linguagem coloquial e temática voltada para o cotidiano, encontra em Walcyr Carrasco um de seus expoentes contemporâneos. A obra do autor se destaca pela acessibilidade linguística e pela aguda observação da realidade, elementos que propiciam ao leitor uma imersão reflexiva em temas inerentes à vida social.

Nesse contexto, a presente seção propõe uma análise da crônica “A Crueldade dos Jovens”, de Walcyr Carrasco, sob a perspectiva da Análise do Discurso. O objetivo é investigar como o autor, por meio de estratégias linguístico-discursivas, constrói sentidos e interage com o leitor, abordando a temática da juventude e seus desafios na contemporaneidade. A análise visa a aprofundar a compreensão da crônica como forma de expressão literária e social, capaz de refletir e influenciar as percepções sobre o mundo.

De acordo com Mendes,

Os gêneros são famílias de textos associadas a práticas discursivas historicamente determinadas, a exemplo do conjunto de textos que são cognitivamente e socialmente interpretados e /ou reconhecidos como representativos de um “editorial de jornal”, de uma “propaganda eleitoral”, de “uma carta”, de “uma entrevista”, de “uma parábola”, de “uma crônica”, de “um conto”, de “uma novela”, de “um romance” etc. Esta dimensão de materialização dos gêneros representa de um lado um conjunto de restrições relativas às condições de produção e de interpretação de textos; de outro lado, um horizonte de possibilidades para a atualização de estratégias discursivas pelos sujeitos através da enunciação (MENDES, 2004, p. 120).

A afirmação de Mendes (2004) nos leva a analisar sobre a natureza dos gêneros discursivos e nos convida a uma reflexão mais profunda sobre a forma como os textos são produzidos e interpretados em diferentes contextos sociais e históricos. A autora destaca que os gêneros não são entidades estáticas, mas sim construções sociais e culturais que se moldam ao longo do tempo, adquirindo características específicas e cumprindo determinadas funções comunicativas.

Ao afirmar que os gêneros são “famílias de textos associadas a práticas discursivas historicamente determinadas”, Mendes (2004) enfatiza a dimensão social e histórica da produção textual. Ou seja, os gêneros não existem em um vácuo, mas sim inseridos em contextos sociais e culturais específicos, que moldam suas

características e funções. Um editorial de jornal, por exemplo, é um gênero que surgiu em um determinado momento histórico e que se configura como um espaço de opinião e de expressão de ideias sobre temas relevantes para a sociedade.

Mendes também destaca a importância das “condições de produção e de interpretação de textos” para a configuração dos gêneros. Cada gênero possui suas próprias convenções e regras, que orientam tanto a produção quanto a interpretação dos textos. Um conto, por exemplo, possui uma estrutura narrativa específica, com personagens, enredo e desfecho, que são elementos que o leitor espera encontrar ao ler um texto desse gênero.

Ao mesmo tempo em que os gêneros impõem restrições, também oferecem um “horizonte de possibilidades para a atualização de estratégias discursivas”. Isso significa que os sujeitos, ao produzirem um texto, não estão completamente livres para fazer o que quiserem, mas devem seguir as convenções do gênero. No entanto, esses sujeitos possuem certa liberdade para inovar e criar novas formas de expressão dentro dos limites do gênero.

Os gêneros discursivos são produtos de contextos sociais e históricos específicos, e suas características e funções evoluem ao longo do tempo, moldadas pelas mudanças nas relações sociais e nas formas de comunicação.

Walcyrr Carrasco apresenta uma escrita de impacto, com domínio da língua portuguesa, em que usa a língua como jogo magistral de significantes. Walcyrr Carrasco faz da sua linguagem trajetória de imagens. Sua expressão escorre pelas páginas das crônicas, mas não é uma expressão qualquer: é uma expressão de imagens, e essas imagens são constituídas não só na cor local, mas pela própria constituição textual derramada pelo autor.

A organização das suas frases, a construção sintática, bem como o vocabulário por ele utilizado dão-lhe expressividade. Walcyrr Carrasco, nas suas crônicas, dialoga não só com ele mesmo, com as suas próprias crenças, os seus próprios pareceres às suas próprias paixões, mas, principalmente, com o seu leitor iminente.

Walcyrr Carrasco constrói sentido das coisas e de si mesmo, no fluxo discursivo, e o leitor de Carrasco é convidado a estabelecer um diálogo, é convidado a construir sentido. O autor realiza este convite a partir de recursos que, a princípio, pode-se entender como se fossem apenas presentes nas histórias que conta, mas esses

recursos também estão nas atitudes e nas crenças de Carrasco. Essa interação transforma a leitura de suas crônicas em uma experiência rica e significativa.

No entanto, as crônicas de Walcyrr Carrasco não são apenas uma janela para a reflexão e a crítica social. Sua prosa consegue ser cativante e divertida devido às histórias que conta. Com talento para narrar momentos sempre com apelo para a piada, a ironia e a situação inusitada estão presentes em seus textos. Sendo assim, a crônica de Walcyrr Carrasco não pode ser lida sem um sorriso nos lábios e uma sensação de relaxamento.

Contudo, o trabalho de Walcyrr Carrasco é sem sombra de dúvidas um marco importante para a literatura brasileira. Com uma linguagem cheia de vida e significados, o autor convida o leitor para uma ampla reflexão sobre as diferentes esferas da vida. A análise do trabalho de Walcyrr Carrasco, para a perspectiva discursiva, aponta como o autor utiliza a língua para a produção de efeito de sentido, para a constituição do diálogo e compreensão junto com o leitor e para a apresentação de uma realidade muitas vezes diferente, que é a brasileira.

Em uma breve apresentação, Walcyrr Carrasco, nascido em Bernardino de Campos, estado de São Paulo, no ano de 1951, é um escritor brasileiro que se destacou em diferentes formas artísticas. Além de várias peças teatrais, roteiros para televisão, novelas e livros voltados para o público juvenil, Walcyrr também realizou trabalhos no jornalismo, desde sua incursão como colunista social e repórter esportivo até suas atuações como ator, figurinista e diretor de teatro.

Entre as principais peças de teatro de sua autoria, destacamos: *O terceiro beijo*, *Uma cama entre nós*, *Batom e êxtase*. Também foram de sua autoria os roteiros das minisséries televisivas *O guarani* e *Xica da Silva*. Por fim, na literatura infanto-juvenil, podemos citar *Irmão negro*, *O garoto da novela*, *A corrente da vida*, *O menino narigudo*, *Estrelas tortas* e *Mordidas que podem ser beijos*. Suas crônicas são descobertas na publicação *O golpe do aniversariante*.

Walcyrr Carrasco conta que, com 12 anos, decidiu ser escritor graças a um conselho de Monteiro Lobato: “Se você quer escrever bem, leia muito”. Este conselho o marcou profundamente. Com quinze anos, mudou-se para São Paulo, onde cursou Jornalismo na USP. Carrasco lembra que, anos depois, trabalhava durante o dia e escrevia toda noite, com uma máquina de escrever barulhenta, perturbando os

vizinhos. Para ele, só a prática constante poderia, a qualquer pessoa, ser uma escritora melhor.

Carrasco começou escrevendo livros de contos para o público infantil. Seu primeiro livro, *Quando meu irmãozinho nasceu*, foi lançado em 1980. Sua transição para a televisão foi muito bem-sucedida, sendo responsável pelo sucesso de minisséries e novelas como *O cravo e a rosa*, *Chocolate com pimenta* e *Alma gêmea*.

3.3. Percursos metodológicos para organização da sequência didática

A análise linguística visa investigar como os recursos linguísticos contribuem para a produção de significados relacionados ao consumismo. As questões formuladas, embora se concentrem nesse objetivo, buscam explorar a multiplicidade de interpretações possíveis, considerando a complexidade do consumo como tema.

A seleção de textos para as atividades visa atender às necessidades específicas da hipernormatividade, explorando a multiplicidade de linguagens e mídias presentes na sociedade contemporânea. Nesse sentido, a escolha de materiais didáticos alinha-se à perspectiva de Rojo (2012), que defende a importância do desenvolvimento de multiletramentos para a compreensão crítica e a atuação consciente nesse contexto. Os textos selecionados, portanto, buscam contemplar a diversidade de gêneros e modalidades discursivas, promovendo o desenvolvimento de habilidades de leitura e interpretação adequadas às demandas do mundo atual.

Os multiletramentos podem se definir em duas dimensões fundamentais: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais nós nos informamos e comunicamos. (Rojo, 2012, p. 13).

Rojo (2012) destaca duas dimensões essenciais dos multiletramentos: a diversidade cultural e a complexidade semiótica. Ao abordar a multiplicidade cultural, a autora se refere à diversidade de origens, contextos sociais e experiências que moldam as formas de interpretação e produção de textos pelos indivíduos. Essa dimensão reconhece que as práticas de leitura e escrita não são universais, mas sim influenciadas por fatores culturais e sociais, o que exige uma abordagem pedagógica inclusiva que considere essas diferenças.

A segunda dimensão, a multiplicidade semiótica, refere-se à variedade de modos de comunicação presentes nos textos contemporâneos, que vão além da

simples escrita. Hoje, os textos frequentemente incorporam elementos visuais, auditivos, gestuais e outros recursos multimodais, exigindo dos leitores uma capacidade de interpretar e produzir significados em múltiplos formatos. Isso implica que a educação deve se adaptar para ensinar essas habilidades de leitura e escrita em um ambiente de comunicação cada vez mais complexo.

Assim, Rojo sugere que a educação contemporânea precisa ir além do ensino tradicional de letramento, promovendo uma compreensão mais ampla que abranja tanto a diversidade cultural quanto as novas formas de produção e interpretação de textos que caracterizam a sociedade atual.

Para atender os alunos, as atividades utilizarão textos selecionados de vários gêneros multimodais, incluindo artigos de notícias on-line, histórias em quadrinhos, memes, videoclipes e histórias sobre o consumismo. Essa abordagem visa abranger tanto a diversidade cultural quanto a diversidade semiótica na promoção de uma compreensão abrangente e integrada de multiletramento, de acordo com (Rojo, 2012, p. 13). Ao fazer isso, pretendemos fornecer aos alunos uma experiência educacional rica e diversa, refletindo as complexidades e interações presentes na comunicação contemporânea. Em uma sociedade centrada na escrita, o que se deseja é que o estudante compreenda as relações entre a origem e o propósito do texto, do autor, do leitor e do contexto.

Com vistas a essa análise, os critérios de seleção das atividades a serem pesquisadas e analisadas foram aquelas voltadas para a construção do sentido do texto, a partir da compreensão das relações entre texto, leitor, autor e contexto. Cabe aqui fazermos uma reflexão sobre o livro didático (*Português linguagens*, de William Cereja e Carolina Dias Viana), conceito do qual iremos falar e utilizar durante a pesquisa e estudo da crônica.

As atividades serão realizadas em um trabalho propositivo com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Maringá, Paraná. A temática do consumismo será abordada por meio de um percurso que considera o conhecimento de mundo dos alunos e as suas histórias de leitura, explorando questões sociais, sócio-históricas e contemporâneas. O objetivo é promover a compreensão das sociodiversidades e estimular o pensamento crítico sobre o consumismo e suas implicações na contemporaneidade.

A seguir, apresentaremos a programação das atividades da proposta didático-pedagógica de leitura sobre a temática consumismo na adolescência.

3.4. Walcyr Carrasco em debate: oficinas sobre discurso e sociedade

Oficina 01: Como (eu) aluno vejo o consumo?

Um questionário será aplicado para explorar a percepção dos estudantes em relação ao consumo, identificando preconceitos e estereótipos, analisando a sua forma de pensar, além de avaliar o nível de conhecimento prévio sobre práticas relacionadas ao consumo e seus impactos sociais e culturais.

Oficina 02: Como a sociedade vê o consumismo?

1. Entrevistas

Os alunos receberão um questionário para entrevistar alguém de sua convivência, como familiares, amigos ou vizinhos, sobre suas percepções e atitudes em relação ao consumismo. Essas entrevistas têm o objetivo de coletar diversas perspectivas e vivências relacionadas ao tema, permitindo uma análise comparativa entre diferentes gerações e contextos sociais.

2. Exploração de textos multimodais

Leitura de uma variedade de textos multimodais, incluindo notícias, charges, memes, videocliques, vídeos e crônicas, que oferecem diferentes visões sobre o consumismo na sociedade atual. Esta atividade visa expor os alunos a uma ampla gama de opiniões e reflexões sobre o consumismo, estimulando um debate crítico e aprofundado sobre como o consumo é percebido e representado em diferentes meios e contextos culturais.

3. Discussão e reflexão

Debate em sala de aula sobre as entrevistas realizadas e os textos multimodais explorados. Será estimulada a comparação, por parte dos alunos, das respostas coletadas e as representações nos textos, com a identificação de regularidades de

sentidos, contradições e novas compreensões sobre o consumismo. Almejamos, com essa reflexão coletiva, promover uma compreensão mais profunda e crítica do consumismo e suas implicações na vida cotidiana e na sociedade.

Oficina 03: O Jovem e o Consumo

1. Leitura da Crônica

Leitura individual: pedir aos alunos a leitura silenciosa da crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyr Carrasco, nas páginas do livro didático (203, 204 e 205).

Leitura em voz alta: pedir a um ou mais voluntários para lerem a crônica em voz alta, enquanto os demais acompanham.

Contextualização: explicar o contexto histórico e social em que a crônica foi escrita. Discutir brevemente a biografia do autor.

2. Compreensão e Interpretação

Discussão em grupo: dividir os participantes em pequenos grupos e distribuir perguntas para guiar a discussão:

- a) Quais os sentidos em jogo na crônica sobre o consumismo?
- b) Quais sentimentos a crônica desperta?
- c) Que exemplos de crueldade juvenil são mencionados?
- d) Como o consumo está relacionado à crueldade mencionada na crônica?
- e) Quais são os diferentes pontos de vista apresentados no texto?

Apresentação das respostas: cada grupo apresenta suas respostas para a turma.

3. Análise da Linguagem da Crônica

Estudo da linguagem: analisar com os participantes a linguagem utilizada na crônica:

- a) Quais figuras de linguagem são utilizadas?
- b) Como a linguagem contribui para a compreensão e o impacto do texto?
- c) Identificar metáforas, ironias e outros recursos retóricos no texto.

Exemplos e exercícios: fornecer exemplos de trechos da crônica e pedir aos participantes que identifiquem e expliquem o uso de diferentes recursos linguísticos.

4. Debate sobre a Oralidade

Discussão guiada: debater a importância da oralidade e da expressão verbal na interpretação de textos e na comunicação de ideias. Perguntas para guiar a discussão:

- a) Como a leitura em voz alta pode mudar a interpretação de um texto?
- b) Qual é o papel da entonação e da expressividade na leitura de uma crônica?
- c) Como a oralidade pode influenciar na compreensão de um texto?

Atividade prática: pedir aos participantes que, em duplas ou trios, escolham um trecho da crônica e façam uma interpretação oral, focando na expressividade e na entonação. Cada grupo apresenta sua leitura para a turma, seguida de um breve feedback coletivo.

5. Encerramento

Resumo e reflexões finais: resumir os principais pontos discutidos durante a oficina e abrir espaço para perguntas e comentários finais dos participantes.

Feedback: pedir aos participantes que preencham uma breve ficha de feedback sobre a oficina.

Oficina 04: Um pouco da sócio-história do consumismo na sociedade

1. Análise de textos multimodais

Esta oficina se concentrará na exploração de uma variedade de textos multimodais que abordam a história do consumismo no Brasil, examinando como as práticas de consumo evoluíram ao longo do tempo e seus impactos na economia brasileira. Os alunos irão analisar documentos históricos, artigos acadêmicos, reportagens, vídeos e infográficos que ilustram as transformações econômicas e sociais associadas ao consumismo, desde o período colonial até os dias atuais.

2. Contextualização histórica

Os alunos serão apresentados a marcos históricos significativos que moldaram o consumo no Brasil, como a industrialização, o surgimento do capitalismo, o aumento do consumo de massa e as crises econômicas. A oficina também abordará como

fatores como a publicidade, a globalização e as redes sociais influenciam o comportamento do consumidor contemporâneo.

3. Discussão crítica sobre os impactos

Durante a oficina, os alunos participarão de discussões críticas sobre os impactos do consumismo na economia brasileira, abordando questões como a desigualdade social, a exploração de recursos naturais e as consequências ambientais. Serão incentivados a refletir sobre as interconexões entre consumo, produção e sustentabilidade, promovendo uma análise crítica sobre as responsabilidades dos consumidores e das empresas.

4. Atividade de síntese

Para culminar a oficina, os alunos irão desenvolver um projeto de síntese que pode incluir uma apresentação, uma produção criativa, por meio de desenhos, charges, histórias em quadrinhos, integrando os conhecimentos adquiridos sobre a sócio-história do consumismo e seus impactos. Essa atividade final permitirá que os alunos expressem suas reflexões sobre como o consumismo molda a sociedade e a economia, além de discutir alternativas para um consumo mais consciente e responsável.

O produto final, que consistirá na criação e apresentação de memes com a temática do consumismo, será exibido em uma sessão de conclusão do projeto. Esta atividade visa não apenas consolidar o aprendizado dos alunos, mas também desenvolver habilidades de apresentação e comunicação, essenciais para a expressão de ideias e o engajamento em discussões relevantes. A proposta, ao utilizar uma forma de expressão popular e acessível aos jovens, busca promover uma experiência de aprendizado significativa e duradoura para os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, estimulando a reflexão crítica e a consciência sobre o consumismo de maneira criativa e engajadora.

4. Resultados da aplicação da oficina

A presente intervenção teve como objetivo principal investigar o interesse dos adolescentes pelo consumo, a partir de uma análise discursiva da crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyr Carrasco. A pesquisa, iniciada em 26/10/2024, contou com a participação de 64 alunos do 9º ano de uma escola estadual de Maringá – Paraná.

A intervenção pedagógica foi estruturada em três eixos temáticos, distribuídos em 16 horas-aula. As duas últimas etapas demandam maior carga horária devido à profundidade das discussões e atividades propostas. A sequência didática compreendeu:

Eixo 1 – Reflexões sobre o consumo: introdução ao tema por meio de um questionário digital exploratório e da exibição do vídeo “Sociedade do Consumo e Consumismo”.

Eixo 2 – Percepções sociais sobre o consumismo: análise aprofundada por meio de entrevistas semiestruturadas e da exibição do vídeo “A Influência das Mídias Digitais nos Hábitos de Consumo dos Jovens”.

Eixo 3 – A juventude e o consumo crítico: leitura e análise da crônica de Walcyr Carrasco, promovendo a reflexão sobre a representação do consumo na literatura e a construção de uma visão crítica.

A primeira fase da pesquisa consistiu na aplicação de um questionário digital, disponibilizado na plataforma *Google Forms* e acessado pelos alunos por meio do *Google Classroom*. O instrumento, composto por questões de múltipla escolha, teve como objetivo principal mapear as percepções iniciais dos estudantes acerca do consumo, identificando preconceitos, estereótipos e o nível de conhecimento sobre as práticas de consumo e suas implicações sociais e culturais. A escolha do formato digital justifica-se pela facilidade de acesso e coleta de dados, além de permitir uma análise rápida e eficiente dos resultados.

Os resultados do questionário revelaram que:

- Conceito de consumo: a maioria dos alunos associa o consumo à compra por prazer ou status (55%), embora haja um percentual significativo que o relaciona com a ideia de consumo consciente (28,8%).
- Influência das marcas: a pesquisa indica uma forte percepção da influência das marcas na construção da identidade e na forma como as pessoas são vistas

(78,4%). A principal motivação para o consumo de marcas é a busca por status e aceitação social (55%).

- Julgamentos e preconceitos: um número considerável de alunos já presenciou ou participou de situações em que alguém foi julgado pela aparência ou pelos bens de consumo (81,1%).

- Consumo consciente: embora a maioria dos alunos tenha ouvido falar sobre consumo consciente, a compreensão do conceito ainda é superficial, com ênfase na compra do necessário (77,5%).

- Impacto social e ambiental: há uma percepção crescente da importância de considerar as consequências do consumo para a sociedade e o meio ambiente (74,8%). No entanto, o conhecimento sobre como o consumo pessoal pode impactar a vida de outras pessoas ainda é limitado (38,7%).

- Influência das redes sociais: as redes sociais exercem uma forte influência no comportamento de consumo dos alunos (62,2%).

- Interesse em aprender mais: a maioria dos alunos demonstrou interesse em aprender mais sobre os impactos sociais e culturais do consumo (48,6%).

Com o objetivo de aprofundar a reflexão crítica sobre o consumismo e seus impactos sociais e culturais, a segunda etapa da pesquisa envolveu a realização de atividades que propiciaram a discussão e a análise de diferentes perspectivas sobre o tema.

Inicialmente, após a exibição de um vídeo que abordava a temática da sociedade de consumo, os alunos foram organizados em pequenos grupos para discutir os principais pontos apresentados. A partir de perguntas orientadoras como “De que forma o vídeo reflete o que você observa na sociedade?” e “Qual é a relação entre o consumismo e a construção da identidade social?”, os participantes foram incentivados a relacionar o conteúdo do vídeo com suas vivências pessoais e com os conhecimentos prévios adquiridos na etapa anterior. Essa dinâmica favoreceu a troca de ideias e a construção de um conhecimento compartilhado.

Em seguida, foi promovido um debate em sala de aula, no qual os grupos apresentaram seus pontos de vista sobre o consumismo, abordando suas consequências e impactos na sociedade. A mediação do professor buscou estimular a argumentação e a defesa de diferentes perspectivas, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e de habilidades comunicativas. Questões

como “O consumismo é algo positivo ou negativo para a sociedade?” e “Como o consumismo influencia a nossa cultura e valores?” direcionaram a discussão.

Para finalizar a atividade, os alunos foram convidados a produzir um texto argumentativo individual, no qual expressassem sua opinião sobre o consumismo, com base nas discussões realizadas. A produção textual permitiu que os alunos organizassem suas ideias, consolidassem o aprendizado e demonstrassem a compreensão dos conceitos abordados. Temas como “O que é consumismo para você?” e “Quais são os impactos do consumismo na sua vida e na sociedade?” foram sugeridos como ponto de partida para a escrita.

A análise dos artefatos textuais produzidos pelos alunos e das interações verbais ocorridas durante as discussões em sala de aula revelou a emergência de padrões discursivos, a reiteração de estereótipos e a manifestação de influências culturais subjacentes às percepções dos estudantes acerca do fenômeno do consumismo. Sob a lente da Análise de Discurso, metodologia fecunda para a investigação das relações entre linguagem, ideologia e sociedade (ORLANDI, 2007), foi possível investigar os mecanismos pelos quais os alunos constroem suas visões sobre o tema em questão.

Nesse sentido, a abordagem discursiva permitiu não apenas identificar os argumentos centrais mobilizados pelos estudantes, mas também as intrincadas influências que modulam suas opiniões. Conforme postula Orlandi (2001, p. 15), “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”, e a análise atenta das enunciações dos alunos possibilitou depreender as múltiplas camadas de significação que permeiam suas compreensões sobre o consumo. A identificação de padrões discursivos, por exemplo, pode indicar a internalização de narrativas sociais dominantes ou a reprodução de discursos midiáticos que circulam no imaginário coletivo.

A observação da recorrência de estereótipos, por sua vez, lança luz sobre os processos de categorização e generalização que operam na construção das representações sociais do consumo. Tais estereótipos, frequentemente carregados de valorações positivas ou negativas, podem revelar preconceitos e simplificações que obscurecem a complexidade do fenômeno. Como argumenta Moscovici (2003), as representações sociais são “sistemas de valores, noções e práticas que fornecem aos indivíduos os meios para se orientarem no mundo social e material e para dominá-

lo”. A análise discursiva, portanto, torna-se crucial para desnaturalizar essas representações e explicitar as ideologias que as sustentam.

Por outro lado, a identificação de influências culturais nos discursos dos alunos sublinha a importância do contexto sociocultural na moldagem de suas percepções sobre o consumismo. Os valores, as normas e as práticas culturais específicas de seus grupos de pertencimento inevitavelmente se inscrevem em suas falas e escritos, configurando modos particulares de compreender e se posicionar em relação ao consumo. Nesse ponto, as relações de poder e saber se mostram relevantes, ao destacar como os discursos são atravessados por relações de força que produzem e legitimam determinadas formas de conhecimento sobre o mundo.

A primeira atividade da Oficina 2, que consistiu na aplicação de um questionário para a coleta de percepções sobre o consumismo, gerou reflexões significativas entre os alunos participantes. A atividade teve como principal objetivo analisar diferentes concepções acerca do consumismo, suas influências e impactos na vida cotidiana e na sociedade.

Os dados coletados revelaram que as opiniões sobre o consumismo são diversificadas. Ao responderem sobre a definição do termo, 20 entrevistados o consideraram negativo, enquanto 15 o enxergam de forma positiva e 17 adotaram uma perspectiva neutra. Esses resultados indicam que o consumismo é um fenômeno complexo, suscetível a diferentes interpretações, que variam de acordo com experiências individuais e sociais.

Em relação aos fatores que mais influenciam o consumismo, a maioria dos entrevistados, 25, apontou as redes sociais como o principal elemento, seguidas pela publicidade e marketing, 13. Esse dado reforça a importância das mídias digitais na formação de hábitos de consumo e na disseminação de tendências. Além disso, fatores como status social, 9, e necessidade de pertencimento, 12, também foram mencionados, indicando que o consumo está frequentemente atrelado a questões identitárias e sociais.

Outro aspecto relevante da pesquisa foi o impacto do consumismo na vida pessoal. Houve um equilíbrio entre aqueles que o consideraram positivo, 13, negativo, 13, e aqueles que o enxergam com ambas as perspectivas, 11. A maior parte dos entrevistados, 17, afirmou ter uma relação neutra com o tema. Esses dados sugerem

que o consumismo pode ser percebido tanto como uma ferramenta de satisfação e conveniência quanto como um fator de preocupação e impacto financeiro.

A análise sobre como o consumismo afeta as decisões de compra revelou que a maioria das pessoas, ou seja 24, baseia suas escolhas na necessidade, enquanto uma parcela significativa é influenciada por tendências e modas, 13, ou busca ofertas e promoções, 13. O consumo impulsivo, embora menos expressivo, ainda foi apontado por 10 entrevistados. Esses dados demonstram diferentes padrões de comportamento de consumo, os quais podem estar relacionados a fatores econômicos e sociais.

A influência do consumismo nas relações sociais também foi um ponto de discussão relevante. A maioria dos entrevistados, 27, acredita que o consumismo afeta as relações de maneira negativa, enquanto 13 percebem impactos positivos. Apenas 5 não consideram haver influência direta, e 9 afirmaram não ter certeza. Esse dado sugere que o consumo pode atuar como um elemento de inclusão ou exclusão social, dependendo do contexto e da percepção individual.

Sobre o papel da publicidade e das redes sociais no consumismo, 35 entrevistados afirmaram que esses elementos incentivam o consumo excessivo, enquanto 15 os veem como auxiliares na tomada de decisão informada. Apenas 4 consideraram que exercem pouco impacto. Essa constatação reforça a influência da comunicação midiática na construção de padrões de consumo.

Os impactos ambientais do consumismo também foram debatidos. Uma expressiva maioria, 38, reconheceu que ele gera impactos negativos, enquanto 5 apontaram aspectos positivos. Apenas 3 entrevistados negaram qualquer efeito ambiental, e 8 demonstraram incerteza sobre o tema. Esses dados evidenciam uma crescente consciência ambiental, mas também revelam a necessidade de maior discussão sobre práticas sustentáveis.

Quando questionados sobre o consumo sustentável, 26 entrevistados defenderam a sua promoção, enquanto 19 o consideraram uma prática interessante, mas de difícil manutenção. Em contrapartida, 16 consideraram essas práticas desnecessárias. Esses dados sugerem que, apesar do interesse crescente pelo consumo consciente, há desafios a serem superados para que seja efetivamente incorporado ao cotidiano.

Por fim, a comparação entre gerações revelou que a maioria, 39, considera sua própria geração mais consumista do que as anteriores, enquanto apenas 2 afirmaram o oposto. Outros 13 consideraram que há poucas diferenças significativas. Essa percepção sugere que o crescimento do consumismo está associado às transformações culturais e tecnológicas contemporâneas.

A dinâmica pedagógica descrita, centrada na discussão dos resultados de análises discursivas em sala de aula, ecoa as premissas teóricas de Coracini acerca da linguagem como espaço de produção de sentidos e da importância da interação para a construção do conhecimento. Ao permitirem que os alunos identificassem padrões e divergências em suas próprias respostas e nas de seus colegas, fomentou-se um ambiente propício à reflexão crítica sobre o tema do consumismo. Essa prática pedagógica se alinha com a visão de Coracini (2003, p. 10) de que “a linguagem não é um mero instrumento de transmissão de informações, mas sim um lugar de interação e de produção de sentidos, no qual os sujeitos se constituem e são constituídos”.

A análise comparativa entre as respostas das entrevistas e os textos multimodais representa um movimento crucial na direção de uma compreensão mais aprofundada e multifacetada do fenômeno do consumismo. Ao confrontarem diferentes formas de expressão e representação, os alunos foram incentivados a transcender uma visão superficial do tema, construindo uma perspectiva mais abrangente que considera as nuances e complexidades inerentes ao ato de consumir. Essa abordagem metodológica dialoga com a perspectiva discursiva que, segundo Coracini (2007, p. 61), busca “compreender como os sentidos são construídos e negociados nos diferentes contextos sociais e históricos”.

Nesse contexto, a mediação do (a) professor(a) assume um papel central, atuando como um catalisador do processo de análise e reflexão. Ao estimular a participação ativa dos alunos e a conexão entre a teoria e a experiência vivenciada, o docente não apenas facilita a compreensão dos conceitos, mas também promove a autonomia intelectual e a capacidade de questionamento crítico. Essa atuação se coaduna com a concepção de ensino como um processo dialógico, em que o professor, longe de ser um mero transmissor de conteúdo, atua como um mediador que auxilia os alunos a construírem seus próprios significados a partir da interação com o objeto de estudo e com seus pares. Como Bakhtin (1997, p. 81) nos lembra, “a

verdade não nasce nem se encontra na cabeça de um homem isolado, ela nasce entre homens que buscam juntos a verdade, no processo de sua comunicação dialógica”.

Dessa forma, a Atividade 1 da Oficina 2 se revelou um instrumento valioso para ampliar o repertório crítico dos alunos e fomentar a reflexão sobre o papel do consumismo na sociedade contemporânea.

A atividade 2, da Oficina 2, teve a apresentação do vídeo sobre a influência das mídias digitais nos hábitos de consumo dos jovens e proporcionou uma discussão enriquecedora sobre o impacto das redes sociais, influenciadores e estratégias de marketing digital. A análise guiada pelo professor permitiu que os alunos identificassem técnicas persuasivas utilizadas pela publicidade online.

Nos debates em grupo, os alunos compartilharam experiências pessoais e refletiram sobre como são influenciados por campanhas digitais. A discussão revelou que muitos já realizaram compras impulsionadas por promoções ou influenciadores. Ao comparar o marketing digital com os métodos tradicionais, perceberam como a personalização dos anúncios online pode tornar o consumismo ainda mais presente em suas rotinas.

A reflexão individual consolidou os aprendizados, levando os alunos a analisarem criticamente seus próprios hábitos de consumo. Muitas redações dissertativas destacaram a necessidade de desenvolver um olhar mais consciente e crítico diante das estratégias de marketing digital.

Na atividade 3, da Oficina 2, aconteceu a análise da charge sobre o consumismo impulsivo que possibilitou uma discussão instigante sobre a influência da propaganda nas decisões de compra. Durante a leitura visual e textual, os alunos destacaram elementos que chamaram sua atenção e discutiram o efeito de sentido gerado pela interação entre imagem e texto.

O debate coletivo revelou percepções importantes sobre o impacto da publicidade e a tendência ao consumo desnecessário. O questionário auxiliou na sistematização das análises, aprofundando a compreensão sobre o uso do humor e da ironia para criticar o comportamento consumista.

A produção do texto reflexivo proporcionou aos alunos a oportunidade de expressarem suas opiniões sobre como a propaganda influencia as escolhas de consumo e quais estratégias podem ser adotadas para evitar compras impulsivas. A

troca de textos entre os colegas enriqueceu ainda mais a discussão e fortaleceu a argumentação crítica.

Ainda na Oficina 2, tivemos a atividade 4 em que houve a leitura e a análise do meme, que possibilitaram uma reflexão lúdica sobre o consumismo, permitindo que os alunos percebessem como a linguagem humorística pode ser utilizada para criticar comportamentos sociais. Durante a discussão, os estudantes analisaram os elementos visuais e textuais do meme, identificando como a ironia e a repetição contribuem para a construção do humor e da crítica social.

A produção dos memes pelos alunos demonstrou grande criatividade e engajamento. Os temas escolhidos variaram entre consumo excessivo, influência das redes sociais e promoções irresistíveis. Ao apresentar seus memes, os alunos explicaram suas escolhas de imagem e texto, justificando as críticas embutidas em suas criações.

A reflexão final destacou como os memes, apesar de seu tom humorístico, têm um forte papel na formação da opinião crítica. Os alunos perceberam que o humor pode ser uma ferramenta poderosa para provocar reflexões e conscientização sobre questões sociais relevantes.

1. As atividades desenvolvidas na Oficina 2 permitiram uma análise abrangente e interativa sobre o consumismo e o impacto das mídias digitais nas escolhas de compra dos jovens. O formato dinâmico, que incluiu debates, análises coletivas e produções criativas, garantiu a participação ativa dos alunos e o desenvolvimento de uma postura mais crítica diante das estratégias de marketing e publicidade.

Os resultados das atividades mostraram que os alunos passaram a refletir mais sobre seus hábitos de consumo e reconheceram a importância de questionar as influências midiáticas. As discussões em grupo e as produções textuais evidenciaram um amadurecimento nas percepções dos estudantes, que agora demonstram maior consciência sobre os impactos de suas escolhas de consumo. Dessa forma, a abordagem utilizada cumpriu seu objetivo de estimular o pensamento crítico e a reflexão sobre o papel das mídias digitais no comportamento dos jovens consumidores.

A Oficina 03 proporcionou aos alunos um espaço de reflexão e debate sobre a crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyr Carrasco, abordando questões como

consumismo, pressão social e relações familiares. A leitura inicial, acompanhada da contextualização histórica e social, ajudou a situar os estudantes no cenário em que a crônica foi escrita, favorecendo a compreensão dos temas centrais.

Durante a discussão em grupo, os alunos demonstraram grande envolvimento e interesse em debater as situações apresentadas no texto. Muitos reconheceram padrões de comportamento semelhantes no seu dia a dia ou em experiências próximas, o que ampliou a identificação com o tema. A troca de opiniões revelou diferentes perspectivas sobre a responsabilidade dos jovens e dos pais no controle do consumismo, bem como a influência da mídia e das redes sociais na forma como os desejos são construídos.

Na etapa de análise da linguagem da crônica, os alunos exploraram o uso de figuras de linguagem, como a ironia e a hipérbole, e compreenderam como esses recursos reforçam a mensagem crítica do autor. A expressão “pequeno tirano”, por exemplo, gerou debates sobre o impacto das palavras na construção de uma imagem negativa dos adolescentes e sobre a intencionalidade do autor ao empregar esse termo.

Outro ponto de destaque foi a atividade de interpretação textual, na qual os alunos analisaram a repetição de exemplos no texto e seu efeito de reforço da ideia de insistência e falta de limites. Essa discussão levou a uma reflexão crítica sobre como o consumismo pode afetar as relações familiares, gerando conflitos e pressões financeiras.

De maneira geral, a oficina foi bem-sucedida em estimular a reflexão crítica dos alunos, promovendo a análise discursiva do texto e incentivando a construção de opiniões embasadas sobre o consumismo juvenil. O feedback dos participantes indicou que o tema foi relevante e que a abordagem permitiu uma compreensão mais aprofundada da problemática apresentada por Walcyr Carrasco. Como sugestão para oficinas futuras, podemos propor a inclusão de estudos de caso ou dinâmicas interativas que simulem situações de consumo e tomada de decisão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos a este ponto importante da investigação, torna-se imperativo revisitar o percurso trilhado e reafirmar os propósitos que nortearam este trabalho. A presente dissertação de Mestrado Profissional em Letras nasceu da inquietação docente frente aos desafios contemporâneos do ensino de leitura, especialmente no que concerne à formação de leitores críticos e reflexivos em um contexto social cada vez mais permeado por discursos midiáticos e pela cultura do consumo. O objetivo central, portanto, foi elaborar, aplicar e analisar uma proposta didático-pedagógica de leitura discursiva, especificamente focada na crônica “A crueldade dos jovens”, de Walcyr Carrasco, direcionada a alunos do 9º ano do ensino fundamental. A escolha desta crônica não foi aleatória: sua temática, que entrelaça as complexas relações entre consumismo e juventude, mostrou-se particularmente relevante para o público-alvo, oferecendo um terreno fértil para a análise e a reflexão crítica.

A proposta buscou ir além de uma abordagem superficial do texto, ancorando-se firmemente na perspectiva da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, cujos fundamentos teóricos, notadamente os trabalhos de Orlandi (1993, 2002) e Coracini (1995), forneceram as lentes para perscrutar os sentidos em jogo na materialidade linguística. A AD nos ensina que o texto não é um repositório transparente de significados, mas um espaço de opacidade, atravessado por múltiplas vozes, ideologias e relações de poder. Assim, a leitura discursiva almejou desvelar como o consumismo se manifesta e se naturaliza nos discursos que circulam na sociedade brasileira, particularmente entre jovens e adolescentes, e como esses discursos moldam identidades e relações sociais. A investigação propôs-se, ainda, a verificar em que medida as oficinas de leitura, estruturadas sob essa ótica discursiva, poderiam contribuir para ampliar a visão dos alunos sobre a temática, fomentando uma postura mais crítica e consciente frente aos apelos do consumo.

A construção desta pesquisa apoiou-se em um diálogo constante entre teoria e prática. A escolha da Análise do Discurso como referencial teórico principal não se deu apenas por sua forma analítica, mas por sua importante vocação para desnaturalizar o óbvio e questionar os sentidos estabelecidos. Ao compreendermos a linguagem não como mero instrumento de comunicação, mas como prática social constitutiva de sujeitos e realidades, abrimos caminho para uma leitura que transcende a decodificação e alcança a interpretação crítica dos mecanismos

ideológicos que operam nos textos. Os conceitos de discurso, formação discursiva, interdiscurso, memória discursiva e sujeito, caros à AD, foram ferramentas essenciais para analisar a crônica de Carrasco e os próprios discursos dos alunos durante as oficinas.

Os estudos sobre leitura e ensino, como os de Ângelo e Menegassi (2022), Antunes (2003) e Geraldi (2012), forneceram subsídios importantes para pensar a prática pedagógica em sala de aula. Buscamos romper com modelos transmissivos de ensino, nos quais o professor detém o monopólio da interpretação, para promover um ambiente dialógico, em que os alunos pudessem expressar suas leituras, confrontar diferentes pontos de vista e construir coletivamente a compreensão do texto e de suas implicações sociais.

A metodologia adotada, centrada na realização de oficinas de leitura discursiva com alunos do 9º ano, refletiu essa preocupação em aliar teoria e relevância prática. As oficinas foram concebidas não como meras aulas expositivas, mas como espaços de interação, debate e produção de sentidos. A sequência didática envolveu desde a contextualização da crônica e do autor até a análise detalhada da linguagem, passando por discussões em grupo e atividades que exploravam a multimodalidade e a sócio História do consumismo. A leitura discursiva da crônica de Carrasco foi o fio condutor, mas o diálogo se expandiu para outros textos e práticas discursivas, buscando conectar o conteúdo desses textos com as vivências e o universo cultural dos alunos. A observação participante e a análise dos discursos produzidos pelos estudantes durante as oficinas foram cruciais para avaliar o alcance da proposta e compreender como os sentidos sobre o consumismo eram mobilizados e ressignificados.

A aplicação da proposta didático-pedagógica revelou aspectos significativos sobre as relações entre juventude, consumo e discurso. A análise da crônica “A crueldade dos jovens”, sob a ótica discursiva, permitiu identificar como o texto de Walcyr Carrasco, embora ficcional, ecoa e refrata discursos sociais sobre a pressão pelo consumo na adolescência, a busca por status através de bens materiais e as consequências dessa dinâmica para as relações interpessoais, por vezes marcadas pela exclusão e pela violência simbólica. A crônica funciona como um dispositivo que interpela o leitor a refletir sobre a naturalização de certos valores e comportamentos associados ao consumismo.

As oficinas de leitura proporcionaram um espaço valioso para que os alunos externalizassem suas próprias percepções e experiências relacionadas ao tema. Observamos que o discurso do consumismo está fortemente presente no universo juvenil, manifestando-se não apenas no desejo por determinados produtos e marcas, mas também na forma como os jovens constroem suas identidades e se relacionam com os pares. A posse de certos bens, muitas vezes, funciona como um marcador de pertencimento e aceitação social, enquanto a falta deles pode gerar sentimentos de inadequação e exclusão. As discussões revelaram a complexidade dessa dinâmica, mostrando que os jovens não são meros receptores passivos das mensagens publicitárias, mas sujeitos que negociam, resistem e ressignificam os discursos do consumo em seu cotidiano.

A abordagem da leitura discursiva mostrou-se potente para fomentar a reflexão crítica. Ao analisar a materialidade linguística da crônica, os recursos retóricos utilizados pelo autor e os não-ditos que permeiam o texto, os alunos foram incentivados a questionar os sentidos aparentemente óbvios e a perceber as relações de poder e as ideologias subjacentes ao discurso sobre o consumo. A conexão entre a análise textual e a discussão sobre problemas sociais mais amplos, como a desigualdade, a sustentabilidade e a influência da mídia, contribuiu para ampliar a visão dos estudantes, permitindo-lhes compreender o consumismo não como uma questão individual, mas como um fenômeno social complexo com múltiplas implicações.

Verificamos que as oficinas, ao valorizarem as histórias de leitura dos alunos e promoverem um ambiente de diálogo e troca, contribuíram significativamente para o engajamento e a participação ativa dos estudantes. A metodologia que partiu das histórias de leitura e das vivências dos alunos, conectando-as à leitura discursiva, permitiu que eles se apropriassem do processo de leitura de forma mais consciente e significativa. A produção final de memes sobre o consumismo, por exemplo, demonstrou não apenas a compreensão do tema, mas também a capacidade dos alunos de utilizarem a linguagem de forma criativa e crítica para expressar suas reflexões.

Acreditamos que a presente pesquisa oferece contribuições relevantes em diferentes níveis. No plano pedagógico, apresenta uma proposta didática concreta e fundamentada para o trabalho com a leitura discursiva em sala de aula, abordando

uma temática atual e pertinente ao universo juvenil. Além disso, demonstra a viabilidade e a potência de uma abordagem que integra análise textual, reflexão crítica e diálogo, visando à formação de leitores autônomos, críticos e conscientes de seu papel na sociedade. As oficinas detalhadas e os materiais produzidos podem servir de inspiração e subsídio para outros professores que desejem explorar a leitura discursiva e temas sociais relevantes em suas práticas.

No plano teórico, a pesquisa reforça a importância da Análise do Discurso como ferramenta para compreender os fenômenos sociais contemporâneos, como o consumismo, e suas manifestações na linguagem. Ao aplicar os conceitos da AD à análise de uma crônica e aos discursos dos alunos, o trabalho evidencia como as práticas discursivas moldam subjetividades e relações sociais, contribuindo para a reprodução ou a transformação das estruturas de poder. A investigação também dialoga com os estudos sobre letramento e formação de leitores, destacando a necessidade de práticas pedagógicas que considerem a dimensão discursiva e ideológica da leitura.

É fundamental, contudo, reconhecer os limites desta investigação. A aplicação da proposta restringiu-se a um grupo específico de alunos do 9º ano de uma determinada escola, o que impede generalizações amplas. O tempo de intervenção, delimitado pelo cronograma do mestrado, também pode ter sido um fator limitante para aprofundar certas discussões ou observar mudanças mais consolidadas nas concepções e práticas dos alunos. Além disso, a complexidade do fenômeno do consumismo e de suas intersecções com a juventude demandaria estudos ainda mais aprofundados, talvez com abordagens longitudinais ou que envolvessem outros atores sociais, como famílias e publicitários.

Apesar das limitações, a pesquisa aponta para horizontes futuros promissores. Seria enriquecedor replicar e adaptar a proposta didática em outros contextos escolares, com diferentes públicos e faixas etárias, avaliando sua aplicabilidade e seus resultados. Investigações futuras poderiam explorar outras crônicas ou gêneros discursivos que abordem o consumismo, ou ainda analisar outros discursos midiáticos, como publicidade, vídeos online e redes sociais, sob a ótica da AD. Estudos que investiguem mais a fundo as estratégias de resistência dos jovens aos discursos do consumo e o papel da educação para um consumo consciente e sustentável também se mostram necessários e urgentes.

Em suma, esta dissertação buscou demonstrar que o ensino de leitura pode e deve ser um espaço de reflexão crítica sobre o mundo em que vivemos. Ao propor uma leitura discursiva da crônica de Walcyr Carrasco sobre consumismo e adolescência, almejamos contribuir para a formação de sujeitos capazes de ler não apenas as palavras, mas os discursos que as atravessam, as ideologias presentes nos discursos e as relações de poder que se exercem por meio dessas palavras. Acreditamos que instrumentalizar os alunos com as ferramentas da análise crítica é fundamental para que possam navegar de forma mais consciente e autônoma pela complexa teia de informações e apelos que caracterizam a sociedade contemporânea.

A experiência com as oficinas reforçou a convicção de que os jovens são capazes de reflexões profundas e críticas quando lhes são oferecidas as condições adequadas para o diálogo e a análise. O desafio que se coloca para educadores e pesquisadores é o de continuar buscando caminhos para tornar a leitura uma prática significativa, engajadora e transformadora. Em um mundo onde o ter muitas vezes se sobrepõe ao ser e onde os discursos hegemônicos tendem a naturalizar desigualdades e a promover o consumo desenfreado, a leitura pela perspectiva discursiva emerge como um potente ato de resistência e um instrumento indispensável para a construção de uma sociedade mais justa, consciente e solidária. Esperamos que esta pesquisa possa inspirar novas práticas e reflexões nesse sentido, reafirmando o papel fundamental da educação e da linguagem na formação de cidadãos plenos e atuantes.

REFERÊNCIAS

ÂNGELO, C. M. P. **Conceitos de leitura**. Leitura e Ensino (formação de professores EAD). Maringá: EDUEM, 2005, p. 15- 40.

ÂNGELO, C. M. P. Estratégias de Leitura. In: MENEGASSI, R. J. (org). **Leitura e Ensino (formação de professores EAD)**. Maringá: EDUEM, 2005, p.77- 98.

ÂNGELO, C. M. P. Estratégias de Leitura. In: MENEGASSI, R. J. (org). **Leitura e Ensino (formação de professores EAD)**. Maringá: EDUEM, 2005, p.77- 98.

ANTUNES, I. **Aula de português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BRANDÃO, H. N. **Texto, gêneros do discurso e ensino**. In: Gêneros do discurso na escola. São Paulo: Cortez, 2000. p. 17-45.

CASSANO, Maria da Graça. **A perspectiva discursiva da leitura e algumas considerações relativas ao seu ensino aprendizagem na educação fundamental**. Linguagem em Discurso, Tubarão, v. 3, n. 2, p. 63 -82, jan. /jun. 2003.

CORACINI, Maria José. Leitura: decodificação, processo discursivo...? In: CORACINI, Maria José (org.). **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1995. p. 13-20.

DI RAIMO, Luciana Cristina Ferreira Dias. Abordagem discursiva de leitura de um vídeo digital. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 46 (3): p. 837-849, 2017.

DI RAIMO, Luciana Cristina Ferreira Dias; PETERMANN, Rafael. Perguntas de leitura: uma abordagem na perspectiva da interação. **Entretextos**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 145-169, jan. /jun. 2016.

FUZA, Ângela Francine; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José. **Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna.** *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 479-501, jul. /dez. 2011.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Anglo, 2012. p. 39-46.

GERALDI, J. W. (Org.). **Prática da leitura na escola.** In: GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula.* São Paulo: Anglo, 2012. p. 88-103. Unidades básicas do ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Anglo, 2012. p. 59-79.

GRECO, Eliana Alves. Leitura, texto e discurso. In: GRECO, Eliana Alves; GUIMARÃES, Tânia Braga (orgs.). **Leitura: aspectos teóricos e práticos.** (Formação de Professores em Letras – EAD; n. 11). Maringá: Eduem, 2010. p.13-22.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KLEIMAN, A. **Oficinas de leitura – teoria e prática-** 15ª ed.-, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2013

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 9ª. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística.** Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MARCUSCHI LA. **Análise da Conversação.** São Paulo: Ática; 1986.

MARCUSCHI LA. **Questões atuais na Análise da Conversação.** 3º Encontro Nacional da ANPOLL; 3.jul.1988; Recife, p. 319-335.

MENDES, Edleise. **Abordagem Comunicativa Intercultural**: uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas. 2004. 432 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MENEGASSI, Renilson José. **Compreensão e interpretação no processo de leitura**: noções básicas ao professor. Revista Unimar, Maringá, v.17, n. 1, p. 85-94, 1995.

MENEGASSI, Renilson José; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, Renilson José. (Org.) **Leitura e ensino**: formação de professores – EAD. Maringá: Eduem, 2010. v.19. p. 15-40.

MENEGASSI, R.J.; ANGELO, C.M.P. Conceitos de leitura. In: MENEGASSI, R.J. (Ed.). **Leitura e ensino**. Maringá: Eduem, 2005. p. 15-43.

NEVES, M. S. **Uma escrita do tempo**: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, A. *et al.* A crônica. Campinas: Unicamp, 1992. p. 75-92.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**. 4^a. ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2^a. ed. Campinas: Pontes: 2005

PERFEITO, Alba Maria. **Concepções de linguagem, teorias subjacentes e ensino de língua portuguesa**. In: MENEGASSI, Renilson José; DANTOS, Amille Rose dos; RITTER, Lilian Cristina Buzato (Org.). **Concepções de linguagem e ensino**. Maringá: EDUEM, 2010. p. 11-39.

PERES, Aparecida de Fátima. Concepções de leitura. In: GRECO, Eliana Alves; GUIMARÃES, Tânia Braga (orgs.). **Leitura**: aspectos teóricos e práticos. Formação de Professores em Letras – EAD; n. 11). Maringá: Eduem, 2010. p. 23-35.

PETIT, Michele. **Leituras:** do espaço íntimo ao espaço público. Tradução Olga de Souza. Editora 34: São Paulo, 2013.

RITTER, Lilian Cristina Buzato; CECILIO, Sandra Regina. Uma prática de leitura do gênero discursivo crônica na perspectiva dialógica da linguagem. In: GRECO, Eliana Alves; GUIMARÃES, Tânia Braga (Orgs.). **Leitura:** aspectos teóricos e práticos. (Formação de Professores em Letras – EAD; n. 11). Maringá: Eduem, 2010. p. 103-124.

SÁ, Jorge de. **A crônica.** 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA, E.T. **De olhos abertos:** reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Histórias que os jornais não contam** – Crônicas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura crítica e suas fronteiras:** ensaios. Campinas. Mercado de Letras, ALB, 1998.

SILVA, Fabiana Cristina da. **Família e leitura:** a construção de práticas leitoras em meios. Tese de Doutorado – UFPE. Recife, 2017.

SMITH Frank. **Compreendendo a leitura:** uma análise da psicolinguística da leitura e do aprender a ler. 4ª. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

SOARES, M. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOLÉ, Isabel. **A leitura exige motivação, objetivos claros e estratégias.** Revista Nova Escola, São Paulo, 31 ago. 2016. Entrevista concedida a Rodrigo Ratier. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/304/para-isabel-sole-a-leitura-exige-motivacao-objetivos-claros-e-estrategias>>. Acesso em: 01 ago. 2024.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIANNA, Carolina Dias e CEREJA William, **Português Linguagens**, Ensino Fundamental – Anos Finais, 9º Ano. 11ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2022.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

JOÃO PAULO MAZZUTTI



ADOLESCÊNCIA E CONSUMO: UMA AVENTURA DE
LEITURA DISCURSIVA

Maringá
2025

SUMÁRIO

1. Reflexões sobre consumismo: um estudo exploratório com questionário digital e vídeo 'Sociedade do Consumo e Consumismo'	3
2. Como a sociedade vê o consumismo? Uma análise por meio de entrevistas e do vídeo “A Influência das Mídias Digitais nos Hábitos de Consumo dos Jovens”	8
3. Reflexões sobre a juventude: consumo e crítica na crônica de Walcyr Carrasco..	16
REFERÊNCIA	29
Anexos.....	30

1. Reflexões sobre consumismo: um estudo exploratório com questionário digital e vídeo 'Sociedade do Consumo e Consumismo'

Professor (a), o primeiro módulo tem uma previsão de duração de quatro aulas.

No primeiro módulo de atividades, será explorado um questionário para avaliar o conhecimento dos alunos sobre o consumismo. Para isso, busca motivá-los, considerando suas expectativas e gostos.

Nesse sentido, a primeira atividade tem o objetivo de promover uma reflexão sobre o tema, questionando o conhecimento prévio dos alunos sobre o consumismo e seu próprio comportamento como consumidores. O objetivo é despertar a curiosidade e introduzir o tema.

Atividade 1 – Questionário sobre o consumismo.

1. O que você entende por "consumo"?
 - a) Comprar apenas o que é necessário.
 - b) Comprar por prazer ou status.
 - c) Consumir produtos de forma consciente, pensando no meio ambiente e na sociedade.
 - d) Não sei.

2. Você acredita que o consumo de marcas famosas influencia o modo como as pessoas são vistas?
 - a) Sim.
 - b) Não.
 - c) Talvez.
 - d) Não sei.

3. Na sua opinião, por que as pessoas consomem produtos de marca?
 - a) Para se sentirem melhores ou mais aceitas.
 - b) Porque gostam da qualidade dos produtos.
 - c) Por influência da mídia e redes sociais.
 - d) Não sei.

4. Você acredita que as pessoas que não usam roupas de marca são tratadas de forma diferente?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Às vezes.

5. Já presenciou ou participou de situações em que alguém foi julgado(a) pela roupa, celular ou outros bens de consumo?

- a) Sim, várias vezes.
- b) Sim, algumas vezes.
- c) Não, nunca.
- d) Não sei.

6. Qual dessas frases você acha que mais representa o que as pessoas pensam sobre quem consome muito?

- a) "Essas pessoas têm muito dinheiro."
- b) "Essas pessoas se preocupam muito com a aparência."
- c) "Essas pessoas são mais felizes."
- d) Não sei.

7. Você já ouviu falar sobre consumo consciente?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Não tenho certeza.

8. O que significa "consumo consciente" para você?

- a) Comprar apenas o necessário.
- b) Evitar produtos que prejudicam o meio ambiente.
- c) Pensar nas consequências sociais e ambientais antes de consumir.
- d) Não sei.

9. Você acha importante pensar nas consequências do que consumimos para a sociedade e o meio ambiente?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Às vezes.
- d) Não sei.

10. Você acredita que o seu consumo pessoal pode impactar a vida de outras pessoas (como trabalhadores ou comunidades)?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Talvez.
- d) Não sei.

11. Quando vê alguém usando uma roupa ou acessório de marca, o que pensa?

- a) Essa pessoa deve ser rica.
- b) Essa pessoa deve gostar muito de moda.
- c) Não penso nada específico.
- d) Outras (especificar): _____

12. Você já sentiu a necessidade de comprar algo só porque outras pessoas ao seu redor também compraram?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Às vezes.
- d) Não sei.

13. Como você acha que as redes sociais influenciam o seu comportamento de consumo?

- a) Muito.
- b) Pouco.
- c) Nada.
- d) Não sei.

14. Como você classificaria o seu nível de conhecimento sobre os impactos sociais e culturais do consumo?

- a) Alto.
- b) Médio.
- c) Baixo.
- d) Não sei.

15. Você acredita que seria interessante aprender mais sobre como o consumo afeta a sociedade e o meio ambiente nas aulas da escola?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Talvez.
- d) Não sei.

Obrigado(a) por sua participação!

Após os alunos responderem ao questionário digital, é recomendável que o(a) professor(a) promova uma discussão reflexiva sobre o consumo, incentivando-os a compartilharem suas impressões e experiências. Esse diálogo permitirá não apenas que os estudantes aprofundem sua compreensão sobre o tema, mas também que o docente identifique percepções e ideias que emergem do grupo. Com base nas respostas individuais, o professor(a) poderá realizar uma análise crítica dos discursos apresentados pelos alunos, buscando identificar padrões, estereótipos e possíveis influências culturais que permeiam suas falas. Esse processo de análise discursiva será fundamental para compreender como o tema do consumismo é internalizado e reproduzido pelos discentes em seu contexto social e cultural.

Atividade 2 – A exibição do vídeo “A sociedade do consumo e o consumismo” e a realização do debate¹

Professor(a), neste momento, o(a) professor(a) deve promover uma reflexão crítica sobre o consumismo e seus impactos sociais e culturais por meio de um vídeo, de discussões e atividades que desenvolvam o senso crítico dos alunos.

1. Exibição do vídeo e discussão em grupo:

- Inicialmente, o(a) professor(a) exibirá o vídeo "A Sociedade do Consumo e o Consumismo".
- Em seguida, os alunos serão organizados em pequenos grupos para discutir os principais pontos apresentados no vídeo com anotações no caderno.
- O(a) professor(a) orientará os grupos a relacionarem o conteúdo do vídeo com suas vivências pessoais e com o questionário digital respondido na atividade anterior.
- Para estimular a discussão, o(a) professor(a) poderá propor perguntas como:
 - a) De que forma o vídeo reflete o que você observa na sociedade?
 - b) Qual é a relação entre o consumismo e a construção da identidade social?
 - c) Qual a relação entre o vídeo e as respostas do questionário anterior?
 - d) O consumismo é algo positivo ou negativo para a sociedade?
 - e) Como o consumismo influencia a nossa cultura e valores?
 - f) Quais as consequências do consumismo para o meio ambiente?

Essa atividade favorece o compartilhamento de ideias e conecta o conteúdo com a realidade dos alunos, proporcionando uma reflexão mais significativa.

2. Debate em sala de aula:

- Após a discussão em grupo, o(a) professor(a) mediará um debate em sala de aula.
- Cada grupo apresentará um ponto de vista sobre o consumismo, abordando suas consequências e impactos na sociedade.
- O(a) professor(a) estimulará os alunos a defenderem suas opiniões com base em argumentos sólidos e fatos, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e de habilidades argumentativas.

¹ Link do vídeo “A sociedade do consumo e o consumismo”
<https://youtu.be/Uv3KGDYihCk?si=PGLgvtGVlirnuU2Z>

- Para direcionar o debate, o(a) professor(a) poderá utilizar o sorteio para as equipes ou pelo nomes dos alunos.

3. Produção de texto argumentativo individual:

- Após o debate, o(a) professor(a) solicitará que os alunos, individualmente, escrevam um breve texto argumentativo expressando sua opinião sobre o que aprenderam com o vídeo e a discussão.
- A produção textual deve abordar os principais pontos debatidos, permitindo que os alunos organizem suas ideias e consolide o aprendizado.
- O(a) professor(a) poderá sugerir temas como:
 - a) O que é consumismo para você?
 - b) Quais são os impactos do consumismo na sua vida e na sociedade?
 - c) Quais as influências das redes sociais no consumismo adolescente?
 - d) Quais as possíveis soluções para o consumo consciente?
 - e) Qual é o impacto da publicidade no desejo de consumo dos jovens?
 - f) Quais são os perigos do consumismo excessivo na adolescência?

2. Como a sociedade vê o consumismo? Uma análise por meio de entrevistas e do vídeo “A Influência das Mídias Digitais nos Hábitos de Consumo dos Jovens”.

Professor (a), neste módulo serão utilizadas seis aulas, nas quais deverá seguir uma série de procedimentos para garantir que a atividade seja eficaz e alcance seus objetivos educacionais.

Inicialmente, devemos introduzir este módulo, explicando seu propósito: coletar e analisar diversas perspectivas sobre o consumismo. Os alunos receberão um questionário para entrevistar pessoas de seu convívio, como familiares, amigos ou vizinhos, com o objetivo de entender diferentes atitudes e percepções relacionadas ao consumismo.

A entrevista será realizada conforme os seguintes detalhes:

- Os alunos receberão uma folha com perguntas prontas.
- Os alunos irão entrevistar pessoas de seu convívio (familiares, amigos, vizinhos).

- Os alunos irão anotar as respostas dos entrevistados na folha que receberam.
- Não será necessário gravar as entrevistas.

É essencial que o(a) professor(a) forneça orientações claras sobre como conduzir as entrevistas, garantindo que os alunos saibam como formular oralmente as perguntas para o entrevistado, como linguagem adequada, ser objetivo, agradecer, manter um tom imparcial e respeitar as opiniões dos entrevistados. Além disso, o(a) professor(a) deve enfatizar a importância de registrar as respostas de forma detalhada e precisa na folha.

Atividade 1 - Questionário para Entrevista sobre Consumo e Consumismo.

Estudante diz ao entrevistado: Olá! Estou realizando uma pesquisa sobre consumismo e gostaria de saber suas opiniões e experiências sobre o tema. Suas respostas ajudarão a entender diferentes perspectivas sobre o consumismo.

Informações Pessoais:

Iniciais do seu nome: _____

Idade: _____

Perguntas:

1. Como você definiria consumismo?

() Positivo.

() Negativo.

() Neutro.

() Outra definição (especifique):

2. Quais fatores você considera que mais influenciam o consumismo na sociedade atual?

() Publicidade e marketing.

() Influência das redes sociais.

() Status social.

☐ Necessidade de pertencimento.

☐ Outros (especifique):

3. Qual é o impacto do consumismo na sua vida pessoal?

☐ Positivo.

☐ Negativo.

☐ Ambos.

☐ Neutro.

☐ Outro (especifique):

4. Como o consumismo afeta suas decisões de compra e escolha de produtos?

☐ Baseado em necessidade.

☐ Impulsivamente.

☐ Influenciado por tendências e modas.

☐ Buscando ofertas e promoções.

☐ Outros fatores (especifique):

5. Você acha que o consumismo tem efeito sobre as relações sociais? De que forma?

☐ Sim, de maneira negativa.

☐ Sim, de maneira positiva.

☐ Não, não afeta.

☐ Não tenho certeza.

6. Qual é o papel da publicidade e das redes sociais no consumismo, na sua opinião?

☐ Incentivam o consumo excessivo.

☐ Ajudam a fazer escolhas mais informadas.

☐ Têm pouco impacto.

☐ Outros (especifique):

7. Você acredita que o consumismo tem um impacto ambiental? Se sim, quais são esses impactos?

- () Sim, impactos negativos.
- () Sim, impactos positivos.
- () Não, não há impacto.
- () Não tenho certeza.

8. Qual é a sua opinião sobre o consumo sustentável e práticas de consumo consciente?

- () Devem ser incentivadas e seguidas.
- () São interessantes, mas difíceis de manter.
- () São desnecessárias.
- () Outros (especifique):

9. Como você percebe as diferenças entre a sua geração e as gerações mais velhas (como seus pais ou avós) veem o consumismo?

- () Minha geração é mais consumista.
- () A geração mais velha é mais consumista.
- () Há poucas diferenças significativas.
- () Outros (especifique):

10. Há algo mais que você gostaria de adicionar sobre suas percepções e atitudes em relação ao consumismo?

Agradecimento: Obrigado por dedicar seu tempo para responder a esta entrevista. Suas respostas são valiosas para a nossa análise do consumismo e suas diferentes perspectivas.

Atividade 2 - Vídeo “A influência das mídias digitais nos hábitos de consumo dos jovens”: Reflexão coletiva e individual²

Professor (a), para abordar o impacto das mídias digitais nos hábitos de consumo dos jovens, a atividade deve ser estruturada de forma a proporcionar uma análise abrangente e reflexiva.

A atividade será desenvolvida da seguinte forma:

- Apresentação do vídeo: O professor apresentará um vídeo sobre “*A influência das mídias digitais nos hábitos de consumo dos jovens*”, que explora como redes sociais, influenciadores e campanhas publicitárias moldam os hábitos de consumo dos jovens. O vídeo em questão está disponível no link fornecido em nota de rodapé.
- Análise guiada: Após a exibição do vídeo, o professor conduzirá uma análise guiada, discutindo e revisando os principais conceitos apresentados no vídeo, como:
 - a) O papel das redes sociais na publicidade direcionada.
 - b) A influência de influenciadores digitais nas decisões de compra.
 - c) As técnicas de marketing digital utilizadas para atrair jovens consumidores.
 - d) Como os algoritmos das plataformas digitais influenciam o que os jovens veem.

Professor (a), o objetivo é garantir que todos os alunos tenham uma compreensão clara dos temas abordados no vídeo.

- Discussão em grupo:

Os alunos serão organizados em grupos para realizar uma discussão sobre o vídeo apresentado. Durante essa atividade, o professor fará uso de perguntas orientadoras com o objetivo de estimular a reflexão crítica dos estudantes. As questões abordarão temas como o impacto das mídias digitais nas decisões de compra e a comparação entre as estratégias de marketing digital e os métodos tradicionais. Ao final das discussões, cada grupo compartilhará suas conclusões com a turma, proporcionando uma troca de ideias e uma análise coletiva dos pontos debatidos.

² Link do vídeo “A influência das mídias digitais nos hábitos de consumo dos jovens”.
<https://youtu.be/uB2sj98tQvQ?si=00LJGHvifXadvS0c>

- Perguntas para auxiliar na reflexão em grupo com os alunos:

- a) De que maneira as mídias digitais afetam suas próprias decisões de compra?
- b) Quais são os principais fatores que contribuem para a influência das mídias digitais sobre os jovens?
- c) Como as estratégias de marketing digital são percebidas em comparação com métodos tradicionais de publicidade?

- Produção textual individual:

Os alunos serão convidados a elaborar um ensaio argumentativo, abordando como as mídias digitais influenciam seus próprios hábitos de consumo. Esta produção textual tem como objetivo consolidar o conhecimento adquirido e desenvolver uma visão crítica sobre o tema.

Para auxiliar os alunos na construção do ensaio argumentativo, o professor (a) poderá apresentar a seguinte estrutura:

- a) Introdução: apresentação do tema, contextualizando o papel das mídias digitais na sociedade atual e seu impacto no comportamento dos jovens, culminando na apresentação clara e concisa da tese do aluno sobre sua própria relação com o consumo digital
- b) Desenvolvimento: apresentação de argumentos que sustentem a tese, cada um desenvolvido em um parágrafo distinto e embasado em evidências como exemplos concretos, dados estatísticos, citações de especialistas ou experiências pessoais. A inclusão de contra-argumentos e sua refutação demonstra a capacidade do aluno de analisar o tema sob diferentes perspectivas.
- c) Conclusão: reafirmando a tese, sintetizando os argumentos principais e apresentando reflexões sobre as implicações do tema, possíveis soluções ou sugestões para futuras pesquisas.

Ao seguir essa estrutura, os alunos poderão organizar suas ideias de forma clara e coerente, construindo um ensaio argumentativo consistente e persuasivo.

- Perguntas para auxiliar na produção textual individual:

- a) Como as mídias digitais moldam suas preferências de consumo?
- b) Que mudanças observam em seus hábitos de compra devido à exposição a mídias digitais?

c) Qual é a importância de ser um consumidor crítico diante das estratégias de marketing digital?

Professor (a), através dessa abordagem, é possível promover uma análise profunda e interativa do impacto das mídias digitais, criando um ambiente de aprendizagem que estimula a reflexão crítica e a integração do conteúdo discutido.

Atividade 3 - Leitura e análise da charge.

Professor (a), inicie a aula projetando a charge "Celular Consumo" para a turma, permitindo que os alunos observem calmamente todos os detalhes. Durante essa observação inicial, ele orienta os alunos a, em silêncio, refletirem sobre a imagem, anotando suas impressões sobre o que chama mais atenção, qual efeito de sentidos conseguem perceber e como os elementos visuais e textuais se relacionam.

No segundo momento, promova uma discussão coletiva para explorar as percepções dos alunos sobre a charge, analisando a cena, o efeito de sentido e a interação entre elementos linguísticos e visuais, construindo uma interpretação conjunta.

Professor (a), em seguida aprofunda a análise crítica, propondo perguntas que incentivam uma reflexão mais detalhada, como:

- a) A frase "Novo celular! Barato!" revela sobre as estratégias de propaganda?
- b) Por que o personagem, mesmo já possuindo muitos celulares, continua comprando mais?
- c) O que essa situação nos diz sobre o comportamento de consumo na sociedade atual?

Para ajudar na reflexão, pode distribuir um questionário com as perguntas acima, permitindo que os alunos respondam individualmente ou em duplas. Essa fase visa desenvolver a capacidade dos alunos de interpretar não apenas o conteúdo explícito da charge, mas também os efeitos de sentido.

Professor (a), depois da análise, organiza-se um debate em sala de aula, desenvolvendo a oralidade sobre o impacto da propaganda e o consumismo. Ele

pode direcionar o debate com perguntas referentes ao questionário distribuído ou utilizar questões como:

- a) Quais são as consequências do consumo impulsivo?
- b) Como a propaganda afeta nossas decisões de compra?
- c) Se os alunos já compraram algo por influência da propaganda, mesmo sem precisar.

O debate tem o objetivo de estimular a troca de ideias e o pensamento crítico sobre o tema tratado pela charge.

Professor (a), após as discussões e análise crítica da charge, peça aos alunos que formem duplas e respondam as questões de compreensão e interpretação da charge.

Leia a charge e responda as questões.



3

- a) O que a frase "Compre! Novo celular! Barato!" sugere sobre a estratégia de marketing usada?
- b) Qual é o efeito de sentido do verbo no imperativo causa ao leitor da propaganda?
- c) Como a pessoa que está assistindo à TV reage à propaganda?

³ Postado por Arionauro Cartuns às terça-feira, julho 05, 2022

Link: <http://www.arionaurocartuns.com.br/2022/07/charge-celular-consumo.html>

- d) O que a grande quantidade de celulares ao redor do personagem sentado indica?
- e) O que a charge crítica de forma sutil?
- f) Qual é o papel do humor na charge?
- g) Como essa situação reflete comportamentos que vemos na sociedade atual?
- h) Qual é o tema central da charge?

3. Reflexões sobre a juventude: consumo e crítica na crônica de Walcyr Carrasco

Professor (a), o módulo três foi composto de seis aulas, começaremos com a leitura da crônica "A crueldade dos jovens", de Walcyr Carrasco, que está nas páginas 203, 204 e 205 do livro didático *"Português linguagens de Caroli⁴na Dias Viana e William Cereja"*.

Professor (a), antes da leitura, é fundamental que forneça aos alunos informações contextuais sobre a crônica. É importante mencionar quem é o autor, destacando sua relevância e estilo. Além disso, deve - se apresentar os sujeitos abordados na crônica, explicando suas características e papel na narrativa. Também é essencial situar a obra no tempo e no espaço, informando quando e onde a crônica foi escrita. Por fim, é necessário contextualizar o cenário social, político e cultural do Brasil e do mundo no ano em que a crônica foi publicada, para que os alunos possam compreender melhor as questões abordadas e a crítica social presente no texto. Essa preparação enriquecerá a leitura e a discussão subsequente. Após esse momento, pediremos que os alunos façam a leitura silenciosa da crônica.

⁴ **Livro didático:** VIANNA, Carolina Dias e CEREJA William, *Português Linguagens, Ensino Fundamental – Anos Finais, 9º Ano. 11ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2022.*

Atividade 1 - Desvendando Walcyr Carrasco: contexto histórico, biografia e análise da crônica "Crueldade dos jovens"

Professor (a), esta atividade tem como objetivo central promover a compreensão da intrínseca relação entre a obra de Walcyr Carrasco, com ênfase na crônica "A crueldade dos jovens", e o contexto histórico e social que a circunda. Para tanto, propõe-se um percurso analítico que se inicia com a leitura atenta dos textos de apoio fornecidos.

Nesta etapa inicial, os alunos deverão dedicar-se à absorção das informações contidas nos materiais, que abordam tanto o contexto histórico-social da crônica quanto a biografia do autor. Recomenda-se que a leitura seja realizada de forma minuciosa, atentando-se aos detalhes e nuances presentes nos textos.

Em seguida, os alunos serão convidados a responder, em folha separada, às questões de reflexão propostas. Estas questões foram elaboradas com o intuito de estimular a análise crítica e a conexão entre os elementos textuais e o contexto abordado.

Ressalta-se a importância de que os alunos utilizem suas próprias palavras na elaboração das respostas, demonstrando assim a capacidade de interpretação e reflexão individual. Além disso, encoraja-se a adoção de uma postura crítica e reflexiva, buscando estabelecer relações entre a obra, o contexto e suas próprias percepções.

Contexto histórico e social

A crônica "A crueldade dos jovens" de Walcyr Carrasco foi escrita em um período marcado pela crescente influência do consumismo nas sociedades contemporâneas, especialmente a partir dos anos 2000. A globalização e o avanço da tecnologia trouxeram uma oferta massiva de produtos de consumo, incluindo eletrônicos, roupas de marca e procedimentos estéticos, moldando novos comportamentos e desejos, principalmente entre os jovens.

Naquele contexto, o fácil acesso às redes sociais e à publicidade intensificou o culto às aparências e a ideia de que possuir determinados objetos estava diretamente relacionado ao sucesso social e à felicidade. Muitos jovens passaram a sofrer

pressões para se enquadrar em padrões impostos pela mídia e pelos colegas, criando uma mentalidade de status baseada no consumo. Por outro lado, as famílias, em muitos casos de classes médias e baixas, enfrentavam dificuldades econômicas e se viam obrigadas a lidar com as demandas crescentes de seus filhos, o que provocava tensões familiares e endividamento.

Na crônica é possível perceber um cenário em que as questões sobre o consumismo juvenil e o impacto das desigualdades sociais estão em alta. Muitas famílias, como as descritas por Carrasco, enfrentam dilemas semelhantes, especialmente no Brasil, onde a desigualdade social é bastante acentuada.

Biografia do autor

Walcyr Carrasco, nascido em 1951, é um dos escritores e roteiristas mais conhecidos do Brasil, com uma carreira diversificada que abrange literatura, dramaturgia e roteiros para televisão. Ficou famoso por suas telenovelas de grande sucesso, como "O Casarão", "A Gata Comeu", "Fera Ferida", "A Padroeira" e "Verdades Secretas". No campo da literatura infanto-juvenil, ele se destacou com obras como "A Menina que Aprendeu a Ver" e "O Fantástico Mistério de Feiurinha". Carrasco também é autor de peças de teatro, incluindo "A Dama da Noite" e "O Amor e Outros Demônios", que exploram temas variados e emocionantes. Além disso, suas crônicas, como "Crônicas da Vida" e "Crônicas do Cotidiano", são publicadas em jornais e revistas, onde ele compartilha suas reflexões sobre a vida e a sociedade. Sua versatilidade e talento o consolidaram como uma figura importante na cultura brasileira.

Carrasco é reconhecido por explorar questões sociais em suas obras, frequentemente refletindo sobre os desafios que as classes média e baixa enfrentam, como o consumismo, a desigualdade social e a violência. Pode-se observar, que seu estilo de escrita é caracterizado pela clareza e objetividade, além de um toque de humor, mesmo quando aborda temas mais sérios e críticos.

Após a leitura, responda as perguntas a seguir:

- 1) Como o contexto do consumismo e das redes sociais influenciou a temática da crônica "A Crueldade dos Jovens"?
- 2) De que forma a biografia de Walcyr Carrasco, com sua experiência em diferentes mídias, contribui para a sua visão crítica da sociedade?
- 3) Cite e explique uma questão social que Walcyr Carrasco aborda em suas obras.

Atividade 2- Vozes da crueldade: leitura e oralidade sobre a Crônica de Walcyr Carrasco

Professor (a), a presente atividade propõe uma abordagem da crônica "A Crueldade dos Jovens" de Walcyr Carrasco, combinando leitura silenciosa e oralidade para aprofundar a compreensão da obra e estimular a reflexão crítica dos alunos.

Etapa 1: Leitura Silenciosa e Discussão Aberta

Inicialmente, os alunos realizarão uma leitura silenciosa da crônica, atentando-se aos detalhes e nuances da narrativa. Em seguida, o professor(a) conduzirá uma discussão aberta, convidando os alunos a compartilharem os parágrafos que mais os impactaram ou suscitaram dúvidas. O objetivo é criar um espaço de diálogo onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas interpretações e questionamentos.

Professor (a), para enriquecer a discussão, pode-se lançar perguntas como:

- a) Em algum momento vocês se identificaram com as situações descritas na crônica? Por quê?
- b) Qual a opinião de vocês sobre o comportamento do jovem retratado na crônica?
- c) Quais informações ou reflexões presentes na crônica vocês consideram mais relevantes?

O intuito é estimular a análise crítica e a troca de ideias, promovendo uma compreensão mais profunda da obra e de suas implicações sociais.

Etapa 2: Atividade Complementar

Professor (a), após a discussão oral, a atividade prosseguirá com uma

segunda etapa, que contemplará uma análise escrita da crônica, mediante questões reflexivas, e um debate em grupo, complementando a discussão inicial.

A crueldade dos jovens

Conheci uma mulher cujo filho de 14 anos queria um par de tênis de marca. Separada, ganhava pouquíssimo como vendedora. Dia e noite o garoto a atormentava com a exigência. Acrescentou mais horas à sua carga horária para comprar os tênis. Exausta, ela presenteou o filho. Ganhou um beijo e outro pedido: agora ele queria uma camiseta “da hora”. E dali a alguns dias a mãe estava abrindo um crediário! Já conheci um número incrível de adolescentes que estabelecem um verdadeiro cerco em torno dos pais para conquistar algum objeto de consumo. Uma garota quase enlouqueceu a mãe por causa de um celular cor-de-rosa. Um rapaz queria um MP3. Novidades são lançadas a cada dia e os pedidos renascem com a mesma velocidade. Pais e mães com frequência não conseguem resistir. Em parte, por desejarem contemplar o sorriso no rosto dos filhos.

Uma Senhora sempre diz:

– Quero que minha menina tenha o que eu não tive.

Pode ser. Mas isso não significa satisfazer todas as vontades! Muita gente é praticamente chantageada pelos filhos. A crueldade de um adolescente pode ser tremenda quando se trata de conseguir alguma coisa. Uma vez ouvi uma jovem gritar para o pai:

– Você é um fracassado!

Já conheci uma garota cujo pai se endividou porque ela insistiu em ir à Disney. Os juros rolaram e, dois anos depois, ele vendeu a casa para comprar outra menor e quitar o empréstimo. Outro economizou centavos porque a menina quis fazer plástica. Conselhos não adiantaram:

– Você é muito nova para colocar implante de silicone.

Ficava uma fúria. Queria ser atriz e, segundo afirmava, não teria chance alguma sem a intervenção. (Não conseguiu. Hoje trabalha como vendedora em uma loja.)

Procedimentos estéticos, como clareamento de dentes, spas e, claro, plásticas, são muito pedidos, ao lado de roupas de grife, excursões, joias, celulares e todo tipo

de eletrônico. É óbvio que o jovem tem o direito de pedir. O que me assusta é a absoluta falta de freio, a insistência e a total incompreensão diante das dificuldades financeiras da família. Recentemente, assisti a uma situação muito difícil. Mãe solteira, uma doméstica conseguiu juntar, ao longo dos anos, o suficiente para comprar uma quitinete no centro de São Paulo.

– Vou sair do aluguel! – Comemorou.

A filha, 16 anos, no 2º grau, recusou-se:

- Quero um quarto só para mim!

Não houve quem a convencesse. A mãe não conseguiu enfrentar a situação. Continuam no aluguel. O valor dos apartamentos subiu e agora o que ela tem não é o suficiente para comprar mais nada.

Muitas vezes, os filhos da classe média estudam em colégio particular ao lado de herdeiros de grandes fortunas. Passam a desejar os relógios, as roupas, o modo de vida dos amigos milionários.

- De repente a minha filha quer tudo o que os coleguinhas têm! Até bolsa de grife.

Uma coisa é certa: algumas equiparações são impossíveis. A única solução é a sinceridade. E deixar claro que ninguém é melhor por ter mais grana, o celular de último tipo, o último lançamento no mundo da informática. Pode ser doloroso no início. Também é importante não criar uma pessoa invejosa, que sofre por não ter o que os outros têm. Mas uma família pode se desestabilizar quando os pais se tornam reféns do pequeno tirano. A única saída para certas situações é o afeto. E, quando o adolescente está se transformando em uma fera, talvez seja a hora de mostrar que nenhum objeto de consumo substitui uma conversa olho no olho e um abraço amoroso.

Walcyrr Carrasco.

Atividade 3- Entre linhas e reflexões: uma discussão em grupo sobre "A crueldade dos jovens"

Professor (a), dando sequência à atividade, esta etapa visa aprofundar a compreensão e interpretação da crônica "A Crueldade dos Jovens". Para tanto, os participantes serão divididos em pequenos grupos, aos quais serão distribuídas questões reflexivas, listadas abaixo, com o objetivo de orientar a discussão. Após o debate em grupo, cada equipe apresentará suas respostas para a turma, promovendo um intercâmbio de ideias e uma análise das diversas interpretações.

1. Qual é o efeito de sentido dos exemplos de comportamento juvenil em relação ao consumismo presentes no texto?
2. Quais exemplos de "crueldade juvenil" são mencionados no texto?
3. Quais sentimentos a crônica desperta no leitor?
4. Você concorda que os comportamentos dos jovens apresentados no texto podem ser considerados uma forma de "crueldade"? Algum exemplo chamou mais a sua atenção?
5. Como essas atitudes podem ser consideradas cruéis em relação aos pais? O que esses exemplos dizem sobre o comportamento dos jovens?
6. Como o consumo está relacionado à crueldade descrita na crônica?
7. Por que o autor associa o desejo dos jovens por bens de consumo com atitudes cruéis? O consumismo é a principal causa dessa crueldade?
8. Como o autor mostra o ponto de vista dos pais e o dos filhos? Há alguma tentativa de justificar ou explicar os dois lados?

9. De que forma a pressão social e os grupos influenciam os desejos dos adolescentes?
10. Como o ambiente escolar, as amizades e a convivência com jovens mais ricos afetam o comportamento dos adolescentes em relação ao consumo?
11. Qual é o papel do afeto e da comunicação nas situações apresentadas na crônica?
12. Por que o autor mostra que o afeto e a conversa são uma solução para o problema do consumismo desenfreado?
13. Como os pais podem lidar com o desejo de proporcionar aos filhos o que eles não tiveram, sem ceder a todas as vontades?
14. Quais estratégias podem ser usadas para educar os jovens a respeito do valor das coisas e das limitações financeiras?
15. Sobre a expressão: *"Dia e noite o garoto a atormentava com a exigência."* Que efeito de sentido a expressão "dia e noite" traz para o texto?
16. *"Uma garota quase enlouqueceu a mãe por causa de um celular cor-de-rosa."* A expressão "quase enlouqueceu" é exagerada ou reflete a intensidade da situação? Justifique.
17. Analisando uma frase pronunciada pelo autor: *"Muitas vezes, os filhos da classe média estudam em colégio particular ao lado de herdeiros de grandes fortunas."* O que essa frase revela sobre as relações sociais no ambiente escolar?
18. Qual o efeito de sentido produzido pelo uso de frases como "Quero um quarto só para mim!" e "De repente, minha filha quer tudo o que os colegas têm!"?

19. "Os juroz rolaram e, dois anos depois, ele vendeu a casa para comprar outro menor e quitar o empréstimo." O que a expressão "os juroz rolaram" revela sobre a situação financeira da família?

Professor (a), após a discussão em grupo, cada grupo pode compartilhar o que escreveu sobre suas respostas com a turma, promovendo um debate que explore as diversas interpretações dos exemplos e mensagens da crônica.

Atividade 4- A força das palavras: explorando a linguagem na crônica "A crueldade dos jovens"

Professor(a), esta etapa consiste na análise da linguagem utilizada na crônica. Examinaremos com os alunos os recursos linguísticos e discutiremos como contribuem para o efeito de sentido e o impacto do texto. Apresentaremos trechos da crônica e solicitaremos aos participantes que identifiquem e expliquem o uso dos recursos linguísticos. Seguem perguntas para guiar a análise da linguagem utilizada na crônica "A crueldade dos jovens" para os alunos responderem:

1. Como a ironia é utilizada na crônica?
2. De que maneira a linguagem coloquial aproxima o leitor da mensagem da crônica?
3. No trecho "Mas uma família pode se desestabilizar quando os pais se tornam reféns do pequeno tirano", qual é o efeito de sentido da expressão "pequeno tirano"?
4. Como o uso de exemplos concretos reforça a mensagem da crônica?
5. Qual o efeito de sentido das exclamações e interrogações presentes no texto?
6. De que forma a escolha do verbo "atormentar" e o adjetivo "cruel" intensifica a mensagem crítica do autor?

7. Como o uso do discurso direto aproxima o leitor das situações descritas?

Professor(a), com estas perguntas, será possível explorar como os recursos linguísticos contribuem para a crítica social presente no texto de Walcyr Carrasco sobre o consumismo juvenil.

Atividade 5- Desvendando os sentidos: uma aventura na interpretação de texto

Professor(a), nesta atividade, vamos mergulhar na crônica "A crueldade dos jovens", de Walcyr Carrasco. Através da análise e da interpretação, vamos refletir sobre o tema e construir nossas próprias compreensões.

1. Após a leitura da crônica, apresente o tema central do texto?
2. Escreva a principal crítica feita pelo autor?
3. Escreva o efeito do uso do termo "atormentar" para descrever o comportamento do filho?
4. Analisando a expressão "pequeno tirano" para se referir aos adolescentes, apresente qual é a imagem que o autor cria para a sociedade?
5. Qual é o objetivo do autor ao apresentar uma série de exemplos de situações em que os jovens fazem exigências excessivas aos pais?
6. Por que o autor utiliza o termo "crueldade" para descrever o comportamento dos jovens?

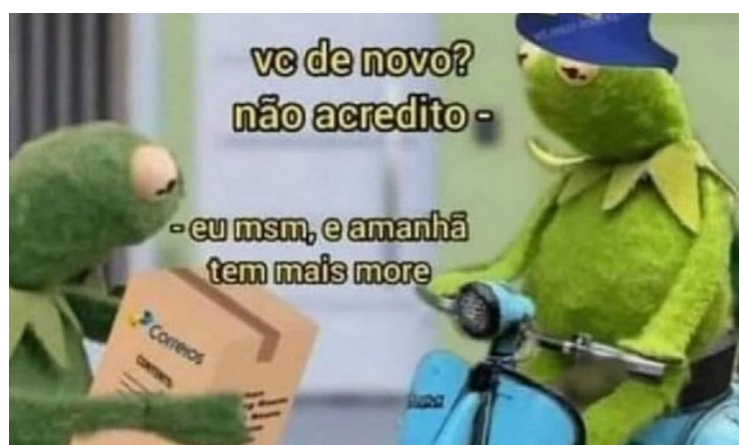
Atividade final - Consumo em memes: a adolescência representada na tela - leitura e produção

Professor (a), o objetivo desta atividade é ajudar os alunos a interpretar meme com um olhar crítico, refletindo sobre como o consumismo é retratado e utilizando a linguagem multimodal para discutir temas sociais.

Para o desenvolvimento desta atividade, inicie a aula com uma breve explicação sobre o conceito de consumismo, destacando o desejo exagerado por bens materiais, influenciado por mídias e redes sociais, e os impactos que esse comportamento traz para a sociedade e o meio ambiente. Para aproximar a explicação da realidade dos alunos, questione-os sobre suas próprias experiências com compras online, perguntando, por exemplo: "Quem aqui costuma fazer compras online? Já perceberam como é fácil comprar algo por impulso?".

Em seguida, apresente à turma o meme do Caco. Os alunos devem observar tanto o texto quanto a imagem, tentando interpretar o humor e a crítica social presente. Peça que um aluno leia o texto do meme em voz alta e, logo após, abra espaço para as primeiras impressões e risos, criando um ambiente descontraído e receptivo.

Faça a leitura e observe atentamente a imagem e o diálogo entre os personagens.



⁵ Link da página do meme: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/memes-sobre-black-friday-bombam-na-internet-25293699>

Professor (a), a próxima etapa consiste em uma discussão coletiva, na qual se orienta a análise do meme por meio das perguntas abaixo. A conversa deve focar na forma como o comportamento de compras online é criticado de maneira humorística e exagerada, destacando o ciclo vicioso do consumismo. Também se pode explicar como o humor e a ironia são usados para criticar comportamentos sociais, com o meme exagerando a situação das compras.

Discussão escrita com os alunos sobre o contexto e humor:

1. Quem são os personagens representados no meme?
2. Como a repetição das compras é ironizada na frase "amanhã tem mais more"?
3. O que o meme está tentando mostrar de forma engraçada?
4. Qual é a situação apresentada?
5. O que faz o meme ser engraçado?
6. A frase "amanhã tem mais more" usa linguagem informal, bastante comum na internet, o que aproxima o meme da realidade dos jovens?
7. O meme faz uma crítica ao consumo exagerado de compras online, brincando com o fato de que as pessoas continuam comprando repetidamente. Como essa crítica se relaciona com os hábitos atuais?

Professor(a), esta atividade pode ser feita em duplas. Após essa etapa, incentive os alunos a criarem seus próprios memes sobre o tema do consumismo. Oriente-os a escolher uma imagem ou personagem conhecido e, com base nas discussões realizadas, a criar uma mensagem que critique ou faça uma reflexão sobre comportamentos consumistas, como a compra de produtos desnecessários, promoções irresistíveis ou o marketing digital. Os memes podem ser criados digitalmente, usando ferramentas como Canva ou Meme Generator, ou manualmente, com papel e lápis de cor.

Por fim, cada dupla compartilha o meme criado com o restante da turma, explicando o raciocínio por trás da criação, destacando o comportamento consumista que escolheram criticar. Promova uma discussão final, questionando como os memes, apesar de engraçados e leves, podem nos fazer refletir sobre temas importantes como o consumismo. Incentive os alunos a pensarem sobre a influência das mídias digitais na formação de comportamentos e opiniões.

Os recursos necessários para essa atividade incluem memes sobre consumismo (como o do Caco ou outros populares), computadores ou celulares para criação digital (se aplicável), além de folhas e lápis de cor para criação manual. A avaliação dos alunos será baseada em sua compreensão crítica (capacidade de interpretar o meme e discutir o comportamento social retratado), criatividade (originalidade e clareza na criação dos memes), participação (envolvimento nas discussões e apresentações) e reflexão (capacidade de conectar o tema do consumismo à sua própria realidade e experiência).

REFERÊNCIA

ANTUNES, I. **Aula de português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

CORACINI, Maria José. Leitura: decodificação, processo discursivo...? In: CORACINI, Maria José (org.). **O jogo discursivo na aula de leitura:** língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1995. p. 13-20.

KLEIMAN, A. **Oficinas de leitura** – teoria e prática- 15 ed.-, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

VIANNA, Carolina Dias e CEREJA William, **Português Linguagens**, Ensino Fundamental – Anos Finais, 9º Ano. 11ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2022.

Anexos

Estudante: Oia! Estou realizando uma pesquisa sobre consumismo e gostaria de saber suas opiniões e experiências sobre o tema. Suas respostas ajudarão a entender diferentes perspectivas sobre o consumismo. Agradecemos pela sua participação! **Obs: Estudante, entrevistar duas pessoas em diferentes idades.**

Informações Pessoais:
Iniciais do seu nome: K

Idade: 14

Perguntas:

Como você define consumismo?

- ☒ Positivo
☐ Negativo
☐ Neutro
☐ Outra definição (especifique): _____

Quais fatores você considera que mais influenciam o consumismo na sociedade atual?

- ☐ Publicidade e marketing
☐ Influência das redes sociais
☐ Status social
☒ Necessidade de pertencimento
☐ Outros (especifique): _____

Qual é o impacto do consumismo na sua vida pessoal?

- ☒ Positivo
☐ Negativo
☐ Ambos
☐ Neutro
☐ Outro (especifique): _____

Como o consumismo afeta suas decisões de compra e escolha de produtos?

- ☐ Baseado em necessidade
☒ Impulsivamente
☐ Influenciado por tendências e modas
☐ Buscando ofertas e promoções
☐ Outros fatores (especifique): _____

Você acha que o consumismo tem efeito sobre as relações sociais? De que forma?

- ☐ Sim, de maneira negativa
☒ Sim, de maneira positiva
☐ Não, não afeta
☐ Não tenho certeza
Qual é o papel da publicidade e das redes sociais no consumismo, na sua opinião?
☐ Incentivam o consumo excessivo
☐ Ajudam a fazer escolhas mais informadas
☒ Têm pouco impacto
☐ Outros (especifique): _____

Você acredita que o consumismo tem um impacto ambiental? Se sim, quais são esses impactos?

- ☐ Sim, impactos negativos
☐ Sim, impactos positivos
☒ Não, não há impacto
☐ Não tenho certeza

Qual é a sua opinião sobre o consumo sustentável e práticas de consumo consciente?

- ☐ Devem ser incentivadas e seguidas
☐ São interessantes, mas difíceis de manter
☒ São desnecessárias
☐ Outros (especifique): _____

Como você percebe as diferenças entre a sua geração e as gerações mais velhas (como seus pais ou avós) vêem o consumismo?

- ☒ Minha geração é mais consumista
☐ A geração mais velha é mais consumista
☐ Há poucas diferenças significativas
☐ Outros (especifique): _____

Há algo mais que você gostaria de adicionar sobre suas percepções e atitudes em relação ao consumismo?

Resposta:

Consumismo é ruim e se tem dinheiro tem que gastar
razões

Agradecimento: Obrigado por dedicar seu tempo para responder a esta entrevista. Suas respostas são valiosas para a nossa análise do consumismo e suas diferentes perspectivas.

Estudante: Olá! Estou realizando uma pesquisa sobre consumismo e gostaria de saber suas opiniões e experiências sobre o tema. Suas respostas ajudarão a entender diferentes perspectivas sobre o consumismo. Agradecemos pela sua participação! **Obs: Estudante, entrevistar duas pessoas em diferentes idades.**

Informações Pessoais:

Iniciais do seu nome: B.N.G

Idade: 87

Perguntas:

Como você define consumismo?

- ☐ Positivo
- ☒ Negativo
- ☐ Neutro
- ☐ Outra definição (especifique): _____

Quais fatores você considera que mais influenciam o consumismo na sociedade atual?

- ☒ Publicidade e marketing
- ☐ Influência das redes sociais
- ☐ Status social
- ☐ Necessidade de pertencimento
- ☐ Outros (especifique): _____

Qual é o impacto do consumismo na sua vida pessoal?

- ☐ Positivo
- ☒ Negativo
- ☐ Ambos
- ☐ Neutro
- ☐ Outro (especifique): _____

Como o consumismo afeta suas decisões de compra e escolha de produtos?

- ☒ Baseado em necessidade
- ☐ Impulsivamente
- ☐ Influenciado por tendências e modas
- ☐ Buscando ofertas e promoções
- ☐ Outros fatores (especifique): _____

Você acha que o consumismo tem efeito sobre as relações sociais? De que forma?

- ☐ Sim, de maneira negativa
- ☐ Sim, de maneira positiva
- ☒ Não, não afeta
- ☐ Não tenho certeza
- Qual é o papel da publicidade e das redes sociais no consumismo, na sua opinião?
- ☒ Incentivam o consumo excessivo
- ☐ Ajudam a fazer escolhas mais informadas
- ☐ Têm pouco impacto
- ☐ Outros (especifique): _____

Você acredita que o consumismo tem um impacto ambiental? Se sim, quais são esses impactos?

- ☐ Sim, impactos negativos
- ☐ Sim, impactos positivos
- ☒ Não, não há impacto
- ☐ Não tenho certeza

Qual é a sua opinião sobre o consumo sustentável e práticas de consumo consciente?

- ☐ Devem ser incentivadas e seguidas
- ☐ São interessantes, mas difíceis de manter
- ☒ São desnecessárias
- ☐ Outros (especifique): _____

Como você percebe as diferenças entre a sua geração e as gerações mais velhas (como seus pais ou avós) vêm o consumismo?

- ☒ Minha geração é mais consumista
- ☐ A geração mais velha é mais consumista
- ☐ Há poucas diferenças significativas
- ☐ Outros (especifique): _____

Há algo mais que você gostaria de adicionar sobre suas percepções e atitudes em relação ao consumismo?

Resposta: nao

Agradecimento: Obrigado por dedicar seu tempo para responder a esta entrevista. Suas respostas são valiosas para a nossa análise do consumismo e suas diferentes perspectivas.

Estudante: Olá! Estou realizando uma pesquisa sobre consumismo e gostaria de saber suas opiniões e experiências sobre o tema. Suas respostas ajudarão a entender diferentes perspectivas sobre o consumismo. Agradecemos pela sua participação! **Obs: Estudante, entrevistar duas pessoas em diferentes idades.**

Informações Pessoais:

Nome do seu nome: D

Idade: 20

Perguntas:

Como você definiria consumismo?

- () Positivo
() Negativo
(☒) Neutro
() Outra definição (especifique): _____

Quais fatores você considera que mais influenciam o consumismo na sociedade atual?

- () Publicidade e marketing
() Influência das redes sociais
() Status social
(☒) Necessidade de pertencimento
() Outros (especifique): _____

Qual é o impacto do consumismo na sua vida pessoal?

- () Positivo
() Negativo
() Ambos
(☒) Neutro
() Outro (especifique): _____

Como o consumismo afeta suas decisões de compra e escolha de produtos?

- () Baseado em necessidade
() Impulsivamente
() Influenciado por tendências e modas
(☒) Buscando ofertas e promoções
() Outros fatores (especifique): _____

Você acha que o consumismo tem efeito sobre as relações sociais? De que forma?

- () Sim, de maneira negativa
() Sim, de maneira positiva
() Não, não afeta
(☒) Não tenho certeza
Qual é o papel da publicidade e das redes sociais no consumismo, na sua opinião?

- (☒) Incentivam o consumo excessivo
() Ajudam a fazer escolhas mais informadas
() Têm pouco impacto
() Outros (especifique): _____

Você acredita que o consumismo tem um impacto ambiental? Se sim, quais são esses impactos?

- (☒) Sim, impactos negativos
(☒) Sim, impactos positivos
() Não, não há impacto
() Não tenho certeza

Qual é a sua opinião sobre o consumo sustentável e práticas de consumo consciente?

- () Devem ser incentivadas e seguidas
() São interessantes, mas difíceis de manter
(☒) São desnecessárias
() Outros (especifique): _____

Como você percebe as diferenças entre a sua geração e as gerações mais velhas (como seus pais ou avós) vêm o consumismo?

- () Minha geração é mais consumista
(☒) A geração mais velha é mais consumista
() Há poucas diferenças significativas
() Outros (especifique): _____

Há algo mais que você gostaria de adicionar sobre suas percepções e atitudes em relação ao consumismo?

Resposta:

Perceber a realidade.

Agradecimento: Obrigado por dedicar seu tempo para responder a esta entrevista. Suas respostas são valiosas para a nossa análise do consumismo e suas diferentes perspectivas.

Apresentação dos textos argumentativos dos alunos resultantes da exposição ao vídeo "Consumismo x Sociedade"



S T O O S S D
L M M J V S D
→ →

— REFLETE O QUEM A SOCIEDADE É CONSUMISTA, MUITAS PESSOAS ACABAM SE TORNANDO MUITO CONSUMISTA POR CONTA DAS REDES SOCIAIS OU POR CONTA DA FORMA QUE AS PESSOAS PENSAM SEM CONTA A IDENTIDADE SOCIAL QUE UMAS DAS GRANDES CAUSAS, O CONSUMO PODE SER MUITO RUIM PARA AS PESSOAS POIS PODEM LEVAR PESSOAS, EMPRESAS OU FAMILIAS A FALENCIA OU A FOME.

— MUITAS PESSOAS SÃO MAL VISTAS POR NÃO SEREM CONSUMISTAS POR NÃO AMAR COM COISAS CARIAS OU NOVAS, E ISSO ACABA REFLETINDO NOS SEUS VALORES COMO PESSOA. PARA NOS O CONSUMISMO É O DESPERDÍCIO DE DINHEIRO E ACABAM SENDO UM ATRASO PARA ALGUMAS PESSOAS.

— O CONSUMISMO NÃO AFETA MUITO AS NOSSAS VIDAS MAS MUITAS PESSOAS ACABAM SENDO MAL VISTAS OU CRITICADAS POR NÃO SER CONSUMISTA.

O vídeo reflete sobre a realidade atual, em que as pessoas buscam a aprovação de amigos e terceiros, sempre buscando ter os melhores, mais caros e atuais produtos.

Quem tem produtos caros, atuais e de alta qualidade, geralmente tem a aprovação dos outros, assim obtendo maior sucesso em fazer amizades, por exemplo.

Depende, pode ser positivo, incentivando as pessoas a terem produtos de melhor qualidade, como pode ser negativo, tornando as pessoas obcecadas para ter os melhores produtos.

Fazendo as pessoas conhecerem os produtos por vários meios, como redes sociais, que tem grande impacto na cultura.

Consumismo é o ato de comprar produtos sem grandes necessidades, geralmente os mais caros, novos e de maior qualidade.

O consumismo faz com que as pessoas fiquem obcecadas por produtos de alta qualidade, caros e novos.

Domingos G. D.

spiral

Consumismo e Consumo

O vídeo reflete as ideias de consumo e consumismo, refletindo seus prós e contras e falando sobre o consumo excessivo seguir tendências, o que acaba influenciando a sociedade.

Há uma grande relação entre o consumismo e a identidade social, que é a conexão entre as pessoas com gostos semelhantes e criam tendências.

Hoje em dia o consumismo é visto como um ponto negativo, pois as pessoas estão sendo muito influenciadas por redes sociais.

Por mais que não pareça, o consumismo afeta nossa cultura e valores, causando sensação de pertencimento, moda, e até mesmo nos relacionamentos românticos. O consumismo é como uma necessidade que as pessoas de hoje em dia têm e está se tornando excessivo. As pessoas gostam em coisas sem ter necessidade, e na maioria das vezes gostam bem poder e acabam insatisfeitas.

São bem ruins os impactos do consumismo, na maioria das vezes fazem mal a todas as pessoas.

Resultados da interpretação textual sobre o vídeo sociedade x consumismo

09.10.24

Atividade sobre o vídeo

1- De que forma o vídeo reflete o que você observa na sociedade?

2- Qual é a relação entre o consumismo e a construção da identidade social?

3- O consumismo é algo positivo ou negativo para a sociedade?

4- Como o consumismo influencia a nossa cultura e valores?

5- O que é consumismo para você?

6- Quais são os impactos do consumismo na sua vida e na sociedade?

RESPOSTAS

1- Ele traz a ideia de que o consumismo nem sempre pode ser algo positivo para a sociedade.

2- As pessoas consomem por status social ou aceitação na sociedade atual.

3- Pode ser tanto positivo quanto negativo consumir.

tilibra

pode ser bom, mas
essa ideia se
tornando algo
preocupante.

4- O consumismo
pode influenciar na
cultura como por
exemplo a música,
e nos valores
podemos muitas
vezes ser influenciada
ao consumo excessivo.

5- É o hábito de
comprar/consumir
coisas que são ou
não necessárias,
de forma responsável
ou excessivamente.

6- Positivos na
minha vida por
consumo de forma
responsável, por exm
na sociedade

pode acabar
sendo um
problema se
consumirmos
excessivamente, sem
nos importarmos
com as
consequências.

Hillary
Mirela
Stephany
Ana

Etapa conclusiva: elaboração de conteúdo (Memes) com temática sobre o consumismo



imgflip.com

JAKE-CLARK.TUMBLR

Alunos : G. V. e A. H. 14 anos 9 ° D



Legenda em português: Precisava de tudo isso? / Na hora pareceu uma ótima ideia...

Alunas: V. M. S. e S. L. 14 anos 9 ° C

**MEU CÉREBRO:
VOCÊ NÃO
PRECISA DISSO.**

**O JOÃO
TEM.**

**MUITA
TECNOLOGIA.**

**MAS TODO
MUNDO TEM!**

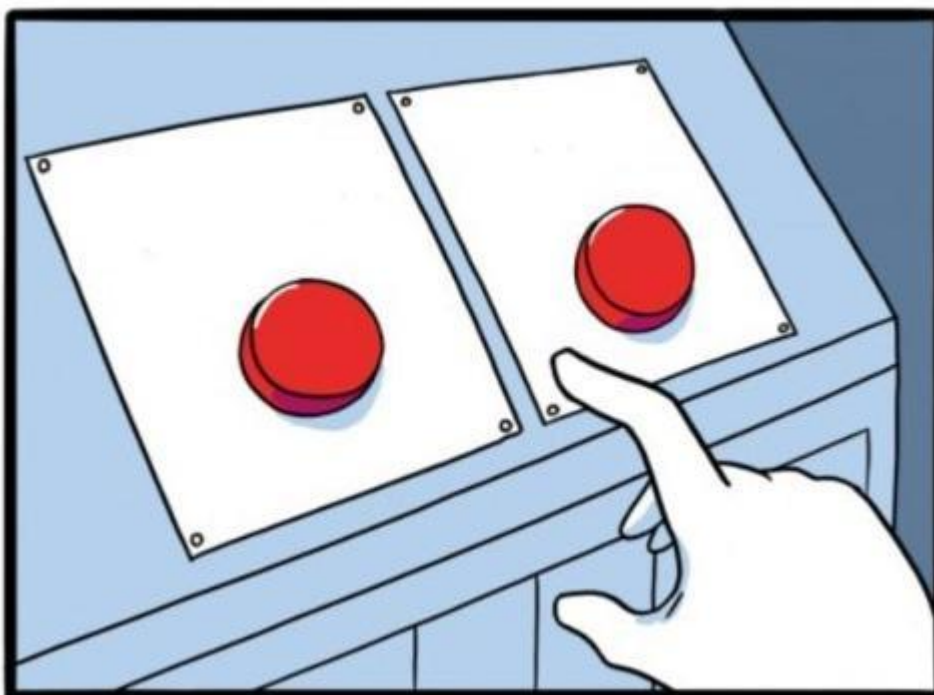
imgflip.com



Alunos: D. e V. T. 14 anos 9 ° D



Alunos: K. F. e J. B. C. 14 anos 9 ° D

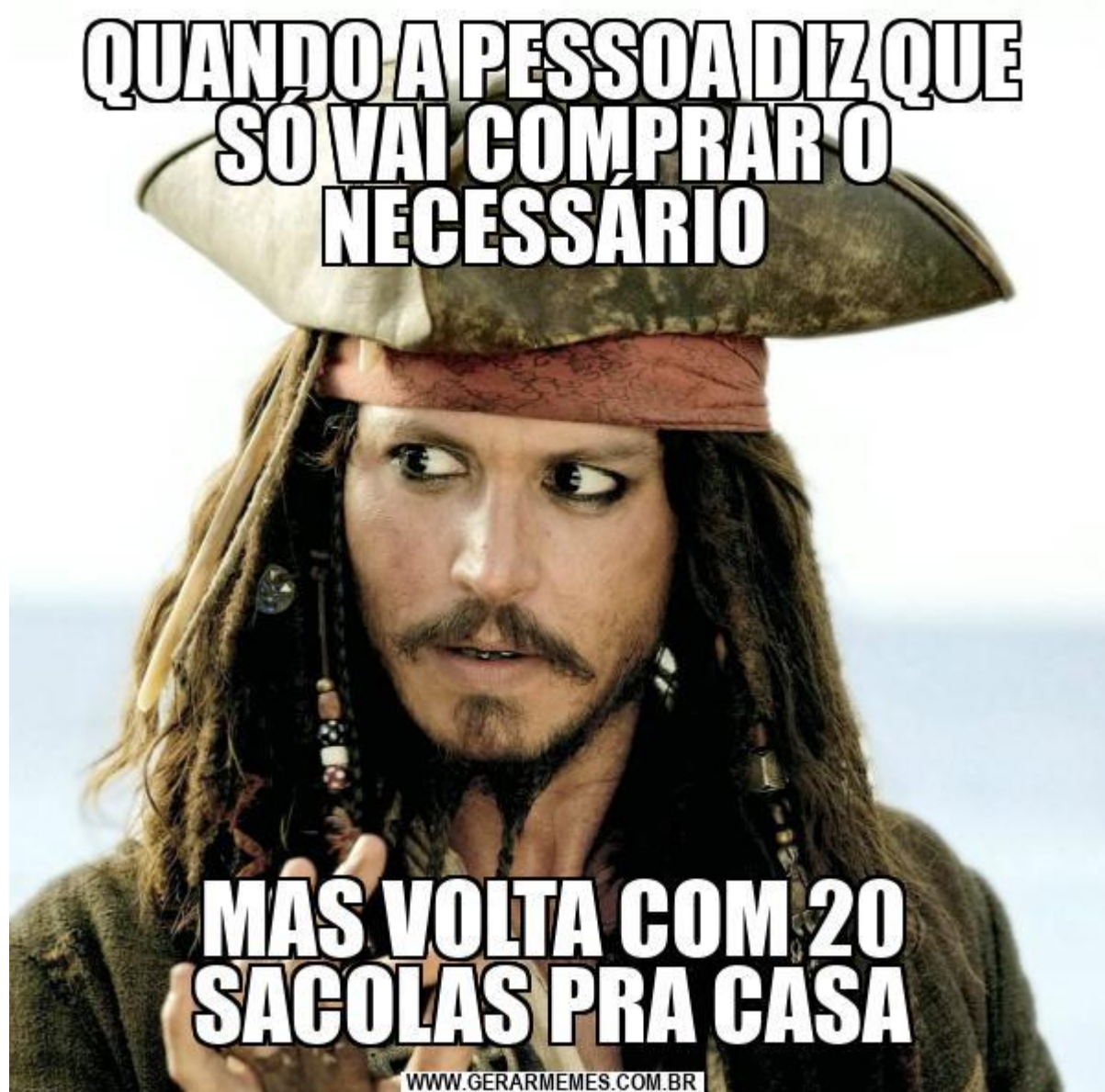


**EU DEPOIS DE GASTAR TODO O
MEU DINHEIRO EM COISAS "ESSENCIAIS"
(QUE NÃO ERAM NADA ESSENCIAIS).**

imgflip.com

JAKE-CLARK.TUMBLR

Alunos J.C. S. e E. F. M. 14 anos 9 ° C



Alunos V. M. e S. 14 anos 9 ° D.